

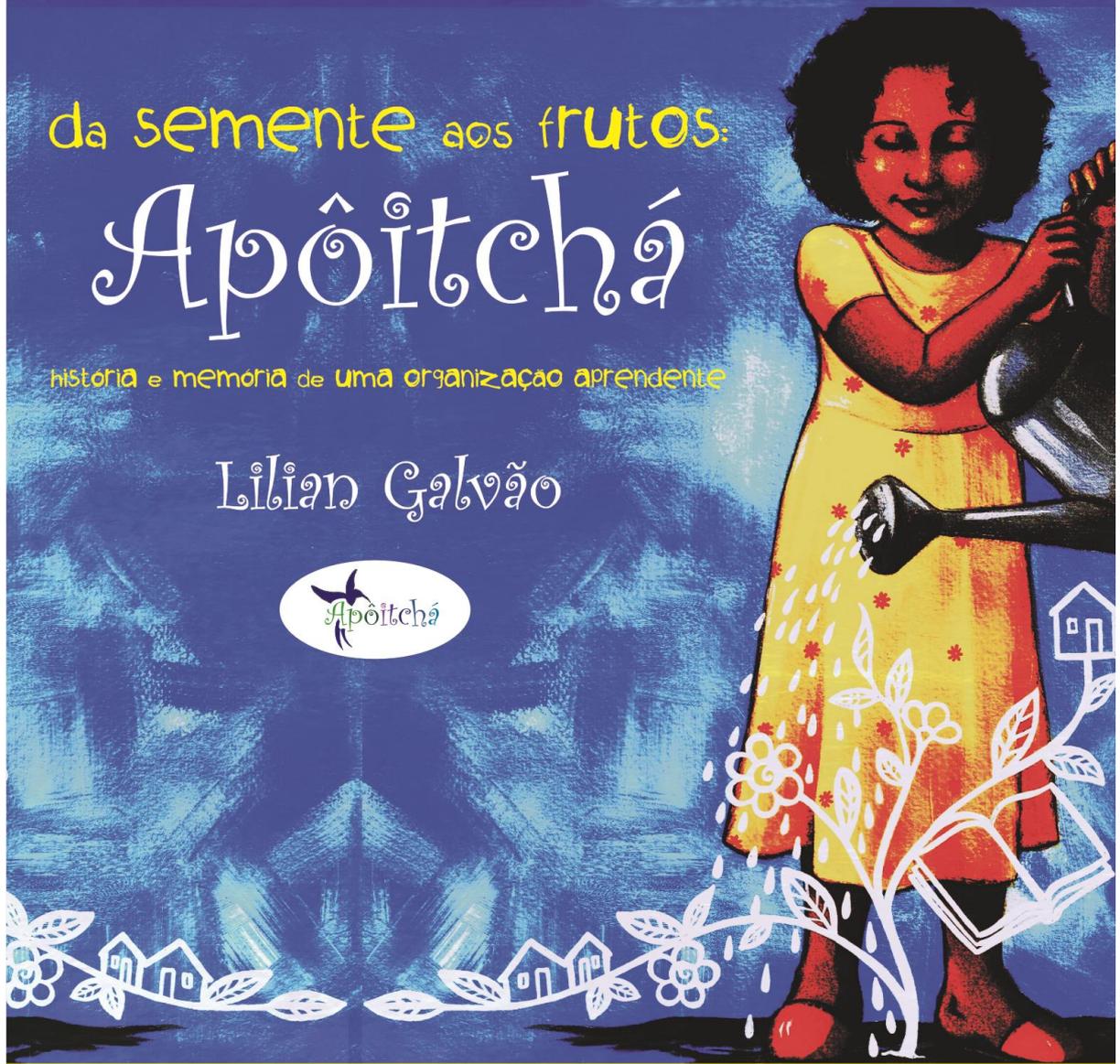


da semente aos frutos:

Apôitchá

história e memória de uma organização aprendente

Lilian Galvão



Lilian Santos Galvão



João Pessoa – PB
Edição do Autor
2013

G182d Galvão, Lilian Santos.

Da semente aos frutos: Apôitchá – história e memória de uma organização aprendente / Lilian Santos Galvão.-- João Pessoa: Edição do Autor, 2013.

144p.

1. ONGs. 2. Organização aprendente. 3. Vulnerabilidade social. 4. Comunidade de aprendizagem. 5. Espiritualidade. 6. História. 7. Memória.



prefácio de WindyZ Ferreira

apresentação

agradecimentos

capítulo 1

APÔITCHÁ: UMA VISÃO de MUNDO, UMA ORGANIZAÇÃO APRENDENTE

sumário

- 1.1 | NASCIMENTO da APÔITCHÁ
- 1.2 | SER APÔITCHEIRO(A): UMA CATEGORIA de PERTENCIMENTO GRUPAL
- 1.3 | PRIMEIRAS MEMÓRIAS: O 'CHAMADO do SOL'
- 1.4 | HISTÓRIA 1. AS MENINAS-SOL
- 1.5 | A RODA do SOL: O INÍCIO de uma NOVA JORNADA para a APÔITCHÁ
- 1.6 | AS CINCO DISCIPLINAS da ORGANIZAÇÃO APRENDENTE e o DESENVOLVIMENTO da APÔITCHÁ
 - 1.7 | [1]DOMÍNIO PESSOAL
 - 1.7.1 | A APÔITCHÁ e a DISCIPLINA DOMÍNIO PESSOAL
 - 1.8 | [2] MODELOS MENTAIS
 - 1.8.1 | A APÔITCHÁ e os MODELOS MENTAIS
 - 1.9 | [3] VISÃO COMPARTILHADA
 - 1.9.1 | A APÔITCHÁ e a VISÃO COMPARTILHADA
 - 1.10 | HISTÓRIA 2. DO LIMÃO se faz LIMONADA
 - 1.11 | [4] APRENDIZAGEM em EQUIPE
 - 1.11.1 | A APÔITCHÁ e a APRENDIZAGEM em EQUIPE
 - 1.12 | [5] PENSAMENTO SISTÊMICO
 - 1.12.1 | A APÔITCHÁ e o PENSAMENTO SISTÊMICO





capítulo 2

EM CENA, LUCENA

sumário

- 2.1 | HISTÓRIA 3. O MENINO IBIRAJÁ
- 2.2 | MINHA CHEGPADA à LUCENA
- 2.3 | HISTÓRIA LOCAL
- 2.4 | PESCA PREDATÓRIA à BALEIA
- 2.5 | O TURISMO PREDATÓRIO
- 2.6 | ALGUNS NÚMEROS OFICIAIS VULNERABILIDADE
- 2.7 | HISTÓRIA 6. A ALEGRIA de JACIARA
- 2.8 | HISTÓRIA 5. O SONHO de GUARACY
- 2.9 | [2002] ESTUDO DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO
- 2.10 | [2008] ESTUDO SOBRE A REALIDADE da COMUNIDADE da CARRAPETA
- 2.11 | O BOOM das ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS no BRASIL
- 2.12 | RESPONSABILIDADE SOCIAL e APRENDIZAGEM
- 2.13 | SUSTENTABILIDADE das ONGS

capítulo 3

RAÍZ ESPIRITUAL da APÔITCHÁ: A RELIGIÃO SANTO DAIME

- 3.1 | NASCIMENTO da RELIGIÃO SANTO DAIME
- 3.2 | O SACRAMENTO na RELIGIÃO SANTO DAIME
- 3.3 | DECRETO de SERVIÇO para o ANO de 1970
- 3.4 | LEGISLAÇÃO das RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS
- 3.5 | PEDAGOGIA ESPIRITUAL e MATERIAL





capítulo 4

A LINHA do TEMPO da APÔITCHÁ : PRINCIPAIS MARCOS

- 4.1 | [2001] FUNDAÇÃO da APÔITCHÁ
- 4.2 | [2002] MOBILIZAÇÃO
 - 4.2.1 | HISTÓRIA 6. A LUZ do SOL NUNCA FALHA
- 4.3 | [2003] PROJETO REDE PARTICIPATIVA
- 4.4 | [2004] FUNDAÇÃO da CASA LAR a RODA do SOL
- 4.5 | [2005] ONG VENCEDORA do PRÊMIO ITAÚ-UNICEF
- 4.6 | [2006] PROJETO RODA REDE! PREVENÇÃO, LETRAMENTO e INCLUSÃO SOCIAL
- 4.7 | [2007] APOIO INTERNACIONAL 'TERRE DES HOMMES-HOLANDA': EXPANSÃO ORGANIZACIONAL
- 4.8 | [2008] NOVA ÁREA de ATUAÇÃO: DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO
- 4.9 | [2009] EXPANSÃO das PARCERIAS
- 4.10 | [2010] - EXPANSÃO das AÇÕES de MOBILIZAÇÃO RECURSOS e da ÁREA de ARTES
- 4.11 | [2011] - LANÇAMENTO do DVD COMUNIDADE e OUTRAS AÇÕES INCLUSIVAS
- 4.12 | [2012] NOVA ERA

sumário

conclusão

referências bibliográficas

créditos

anexos





prefácio



Este livro conta a história de uma organização não governamental brasileira nascida em solo nordestino no início do século: a Apóitchá. Como diferencial, este livro escancara o lado espiritual e humano da construção desta ONG que está fortemente presente em seu nascimento, desenvolvimento e consolidação enquanto organização aprendente.

Cada uma das páginas deste livro, certamente, ecoa histórias de muitas outras ONGs que lutam para sobreviver no Brasil enquanto organização da sociedade civil ao mesmo tempo em que, corajosamente, enfrentam as adversidades de uma nação que ainda empurra para as margens da sociedade aqueles brasileiros e brasileiras que nascem na pobreza: grupos sociais negligenciados pela política pública. Comunidades denominadas 'em situação de vulnerabilidade, esquecidas, não ouvidas, sofridas e doloridas'. Seres humanos que se esforçam por sobreviver às impossibilidades encontradas e duramente desafiadas no seu dia a dia. Impossibilidades que engolem suas vidas, sem perdão.

Violência doméstica; exploração sexual infantil, juvenil e na vida adulta; abuso sexual; violência simbólica; alcoolismo; abuso de poder dos que têm privilégios; ameaça de morte; aids e doenças sexualmente transmissíveis; morte na porta de casa e muitas outros gravíssimos problemas sociais desta ordem emergem da história da Apóitchá, mas não com o peso da dor e do sofrimento humano daqueles(as) que o vivem e, sim, com o orgulho da força do grupo de apoitcheiros(as) que – juntos, em parceria com a comunidade - promove mudanças radicais para combater o ciclo das impossibilidades.

Em seu livro, Lilian Galvão, narra com amor e delicadeza, com riqueza pessoal e profissional a história do desabrochar da ONG Apóitchá à sua consolidação como uma organização aprendente, isto é, uma organização cujos membros criam e cultivam uma cultura de colaboração e aprendizagem contínua a partir das experiências e dos erros vividos no campo, na vida real onde suas ações se inserem. Juntos, os aprendizes da organização mudam continuamente, desenvolvem novas estratégias, novos modelos para responder aos desafios que se lhe apresentam. Problematizam, modificam normas, valores e objetivos a fim de solucionar problemas ou de experimentar (ARGYRIS e SCHÖN, 1978).

É exatamente este movimento ininterrupto de colaboração, realização e aprendizagens do grupo de apoitcheiros(as) (SENGE 2008) que assenta o solo para a emergência da coragem e da resiliência necessária para resgatar vidas de crianças e jovens, de suas famílias ou parentes, por meio de processos de cura espiritual, emocional e, muitas vezes, corporal, como foi o caso da menina-sol mãe e seu bebê com feridas no corpo.

Lili, como eu aprendi a chamá-la, é uma dessas lutadoras corajosas com um espírito naturalmente gentil, doce. Uma moça jovem que mudou sua vida guiada por um *chamado espiritual*, como ela define sua decisão de abandonar uma carreira promissora no sudeste para embrenhar-se nas ruas não calçadas de Lucena, movida pelo seu desejo de lutar em defesa e proteção de meninas sofredoras infectadas pelo vírus HIV.

A história da *Apoitchá* contada neste livro, e cuja construção eu acompanhei de perto, é a história dos apoitcheiros e apoitcheiras, a maioria voluntários(as), parceiros de jornada solidária durante a qual construíram - juntos com a Lili e outros líderes, uma organização não governamental que, mais do que ser premiada, premiou com seu poder de curar almas e resgatar vidas. A *Apoitchá* brinda a vida com dignidade!

A cada página da história contada e das memórias resgatadas por Lili sobre a *Apoitchá*, este livro revela que uma organização não é necessariamente uma 'entidade' impessoal e objetiva, um *lócus* de trabalho sem vida e sem histórias de vida. Ao contrário... A história da ONG *Apoitchá* é uma história de subjetividades e humanidades que se entrelaçam e se confundem, num mosaico culturalmente concebido e colorido de criatividade, de *insights* e compromissos individuais e coletivos, de amor explícito e expandido ao próximo: crianças, jovens e adultos em sofrimento.

Lilian conta neste livro como a *Apoitchá* aprendeu a celebrar o valor da vida trabalhando com seres humanos e transformando suas vidas ao desafiar a opressão e a injustiça social que ainda (infelizmente) caracteriza o solo brasileiro. Para tanto, oferece-nos no capítulo 2 os números das desigualdades e disparidades existentes em Lucena e no país, apesar da mídia governamental dizer o contrário. A vida real da cidade de Lucena reflete a de muitos outros municípios situados geograficamente em áreas remotas deste país com dimensões territoriais de continente. No caso dos nascidos em Lucena, onde sob a luz do sol e as belezas naturais se escondem as tragédias humanas, silenciadas pelo medo ou entorpecidas pela dor ou...pelo álcool e pelas drogas, poderosos agentes de amortecimento da consciência.

O Brasil é hoje considerado, mundialmente, um país em processo de desenvolvimento econômico altamente promissor. As políticas de inclusão social e educacional do governo trabalhista, cujo foco de atenção foi colocado nos grupos vulneráveis, projetou o país nos circuitos internacionais. O fato é que, mesmo sendo reconhecido como um 'país que não precisa de apoio financeiro', a realidade brasileira é cruel para aqueles que estão longe dos grandes centros urbanos. Esta crueldade, como Lili nos mostra, também afeta sobremaneira as organizações da sociedade civil e seus grupos de profissionais (ou não) que atuam nas mesmas como voluntariado, ou seja, *sem remuneração e direitos trabalhistas*, pessoas que precisam urgentemente de oportunidades para viver em melhores condições - tanto quanto aqueles por quem elas lutam para melhores condições de vida e dignidade humana.

Para dizer o mínimo, em países como o Brasil, rico em recursos humanos e naturais - um país do futuro! - os voluntários e voluntárias atuando em ONGs pequenas e sérias são também pobres e horivelmente explorados pelo setor público e privado e, de certa forma, pelas agências financiadoras, que com um prêmio aqui e outro acolá e verbas gritantemente insignificantes, financiam projetos em países do sul (ou explorados pelos países do Norte) cujo valor não se pode estimar porque imensurável, porque se trata de projetos de vidas resgatadas e não de números e recursos auditados.

A história da *Apôitchá* e memórias de Lilian Galvão nos convidam a trilhar caminhos, para muitos ainda desconhecidos. Os motivos, os processos compartilhados, as ideias iluminadas, os projetos desenhados, os processos implementados, todos juntos vão na direção da luta pela justiça social. Não vemos aqui medos ou dúvidas, mas garra e amor pelo outro.

Este livro, com certeza é uma pequena e grande contribuição ao mesmo tempo. Curta história e memória e profundo material para reflexão. Como um trabalho acadêmico de sistematização de dados sobre o desenvolvimento da ONG *Apôitchá*, este livro lança luzes e sementes para outros trabalhos do mesmo tipo e valor.

O primeiro capítulo apresenta a ONG *Apôitchá* e os elementos que estão subjacentes ao seu nascimento espiritual, ao chamado e sinais que Lili recebeu (e são lindamente compartilhados conosco) e ao seu desenvolvimento na direção de se tornar uma organização bem sucedida e aprendente. Lili apresenta o grupo de pessoas comprometidas com a luta pelos direitos humanos: os fundadores(as) da *Apôitchá* e ela própria, daimistas, isto é, adeptos da religião Santo Daime. Também apresenta o referencial teórico sobre as organizações aprendentes.

O capítulo dois, em tom de denúncia, apresenta Lucena e suas perversidades enquanto cidade nordestina litorânea, que é invadida por turistas no verão e carnaval por suas belezas naturais, época do ano em que a população infantil e juvenil de Lucena e região se torna alvo de predadores sexuais com o lixo nas ruas contaminando também suas vidas.

No capítulo três, a autora apresenta de modo formal e apropriado para um trabalho acadêmico em nível de mestrado, a religião Santo Daime, desmistificando as crenças em torno da mesma e valorizando sua contribuição cultural, estética, educacional e social, sua opção pelo desenvolvimento humano, tão bem detalhada no livro com a ação de daimistas.

No capítulo quatro, Lili nos brinda com os detalhes dos marcos históricos da ~~Apóitchá~~ Apóitchá: doze eventos de sua história de existência em solo Lucenense. Marcos estes que, ao longo de doze anos, consagraram a ONG com prêmios e também a levaram a perder recursos humanos valiosos após a saída de campo do apoio internacional financeiro, uma vez que o pequeno apoio dos setores públicos local e nacional permanece insuficiente para atender às demandas. Esta trajetória ilumina as características de uma ONG que aprende e que ensina a todos(as) nós.

O último capítulo do livro apresenta algumas sérias e necessárias reflexões sobre o que está presente nesta história organizacional e não se desvela sozinho, ilumina caminhos - objetos de estudo para outros trabalhos acadêmicos.

Eu, como orientadora, me deleitei ao orientar Lilian Galvão e ao ler este livro. Espero que vocês também.

Windyz Ferreira, PhD
Outono. João Pessoa, PB.
2013



apresentação



Apresentação

Apresentar este livro sobre a *Apoitchá*, ONG nordestina que há doze anos trabalha para promover justiça social e desenvolvimento comunitário, é motivo de grande alegria. A autoria deste livro é minha, mas o resgate da história e memória da *Apoitchá* é resultado do apoio incondicional de um grupo de pessoas maravilhosas que me acompanharam neste projeto.



Este livro apresenta a história e memória da *Apoitchá*, ONG nordestina, premiada por seu trabalho na promoção e defesa de comunidades em situação de vulnerabilidade. A história desta ONG mostra que ela se tornou um laboratório de tecnologias sociais, educativas, de saúde e de desenvolvimento inclusivo. Junto com a comunidade, a equipe de apoitcheiros(as) buscou responder aos apelos e demandas locais na medida em que emergiam de dentro da comunidade: uma comunidade de aprendizagem.

Ao me debruçar sobre a literatura no campo da gestão, verifiquei que são escassos os estudos acadêmicos, publicações técnicas ou literárias que sistematizem as memórias e aprendizagens de ONGs brasileiras. Por isso, produzir um livro sobre a *Apoitchá* representa um elemento importante para o seu memorial e patrimônio organizacional, e ainda pode servir de fonte de inspiração para outras organizações sociais que, com certeza, tem histórias incríveis para contar.

O livro que você tem em suas mãos foi escrito a partir de memórias que vivem em meu coração. Um coração que foi tocado há nove anos atrás por um *chamado espiritual* que me levou a migrar para a Paraíba com uma missão: trabalhar com meninas portadoras do vírus HIV/aids e vítimas de violência doméstica. De certa forma minha história profissional me preparou para este momento: a ida para a *Apoitchá*.

Atuo como psicóloga e consultora na área de desenvolvimento inclusivo e em educação em saúde há 13 anos. Sou também daimista, isto é, sou espiritualista da tradição da religião Santo Daime - e aqui cito esse dado pessoal - porque está entrelaçado à história da *Apoitchá*, que tem sua origem espiritual nesta religião.

Quando aos 25 anos decidi mudar da capital paulista para uma pequena cidade no estado da Paraíba, alguns amigos(as) e familiares consideraram minha decisão um 'ato de coragem', outros a consideraram 'loucura'.... Mas eu sabia dentro de mim, na minha alma, que eu seguia sinais espirituais... o 'farol' que me guiou até Lucena: uma cidade de 11 mil habitantes, simples e rico em humanidades. Foi aí, nesta pequena cidade brasileira nordestina que eu decidi adotar uma forma simples de viver próxima ao mar e, assumir, voluntariamente, 60 horas de trabalho semanal devotado a uma comunidade imersa em vulnerabilidades sociais.

Deixei para trás minhas raízes e uma carreira em expansão. Ganhei amigos(as), parceiros(as) e, sobretudo, valores fundamentais para minha formação humana e meu futuro, além de competências que só se adquire no campo, na vida real. Por isso estou feliz de poder sistematizar esta experiência em um livro no qual está registrado uma história organizacional de sucesso que pode servir de farol para outras organizações.

Neste livro, compartilho com cada leitor minha visão e aprendizagens, minha interpretação e análise sobre a aventura da *Apôitchá*, do início de sua fundação por daimistas até se transformar em uma organização aprendente cheia de histórias para contar e ensinar àqueles que se identificarem com seu caminho.

Apôitchá cabe dentro de livro...

A aventura vivida dentro da *Apôitchá* conduziu-me à seleção do Mestrado Profissional em Gestão em Organizações Aprendentes (MPGOA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 2010. No andamento do mestrado, tive a grata surpresa de saber que o produto final do MPGOA não nos limitava à produção de uma dissertação. Reconheço que esse tipo de trabalho é importante, mas sei também que é bastante inacessível à comunidade em geral, incluindo gestores de políticas, membros de ONGs, agências de cooperação e outros atores que poderão interessar-se pela experiência narrada nessas páginas. Assim, eu optei por escrever um livro: o livro da história e das memórias da *Apôitchá*.

Eu sentia que somente valeria a pena enveredar neste caminho acadêmico se pudesse contribuir com a ONG, estudando-a, sistematizando suas estratégias e tornando-as acessíveis à comunidade de apoitcheiros(as) e também a outras organizações. Assim aconteceu: este livro está pronto, mas sempre continuará inacabado porque a *Apôitchá* continua sua missão de promover o desenvolvimento inclusivo e, com certeza, terá em breve novas histórias e memórias para compartilhar.

Tecendo este livro...

As memórias que o presente livro resgata abrangem desde as primeiras sementes de vontade de pessoas que patrocinaram a formação das raízes da ONG até seu crescimento e seu desenvolvimento. Estas memórias desvelam os diversos frutos, cujas sementes germinaram em terreno fértil: o solo de uma comunidade de aprendizagem.

O resgate da história e memórias da *Apôitchá* foram realizados em etapas que subsidiaram a construção deste livro: primeiro resgatei meu diário pessoal e comecei a buscar em minha memória, experiências relevantes para meu objetivo. Depois realizei um levantamento documental do acervo da organização (portfólio,

acervo fotográfico, currículo organizacional entre outros) os quais foram revistos e relidos a fim de me orientar em termos de foco. Paralelamente, já contando com a orientação de minha orientadora, iniciei a revisão de literatura com o objetivo de elaborar o referencial teórico organizacional fundamental ao desenvolvimento da análise da *Apóitché* como uma organização aprendente. Esta etapa foi particularmente longa e intensa porque, como mestranda, eu tinha que aprofundar meu conhecimento na área de gestão de organizações aprendentes. Este conhecimento científico constituiu um desafio a ser vencido, pois somente a partir dele eu me tornaria capaz de ‘olhar a *Apóitché* e sua história’ como uma pesquisadora olha seu objeto de estudo, com certa imparcialidade, mas não impessoalidade...

A história e a memória da *Apóitché* foram organizadas a partir de coleta de dados sistemática por meio da realização de grupo focal com os membros, minha própria participação em grupo focal com a presença de um moderador e relator externo; entrevistas realizadas por meio de *email*; além de minhas próprias lembranças, sentimentos ressuscitados e aprendizagens por mim vividas.

Após inúmeras produções textuais organizadas na forma de alguns capítulos, chegamos à presente estrutura porque ela representa, na minha visão, a melhor forma de apresentar ao público a história e a memória da *Apóitché*, uma organização não governamental que cresceu, foi premiada e se transformou em uma organização aprendente comprometida com o desenvolvimento da parcela da comunidade que parece ter sido esquecida. Os capítulos deste livro registram o desenvolvimento organizacional da *Apóitché* por meio de um texto construído com referencial teórico, metáforas, figuras de linguagem, aforismos, simbolismos e espiritualidade, que juntos compõem o cenário da consolidação da *Apóitché* como organização aprendente.

Ao ler este livro, você encontrará um desenho que o auxiliará a acompanhar os detalhes desta rica história:



O **beija flor** anuncia **histórias reais**, nas quais adoto nomes indígenas, em substituição aos nomes reais para manter a anonimidade dos envolvidos.

Meu diário apresenta narrativas com ocorrências vividas por mim, aprendizagens e aspectos subjetivos.





Fotografias e outras imagens que agregam valor e significado ao texto;



Quadros com informações estatísticas e/ou conceituais.

Agradecimentos

Finalmente, mas não menos importante, gostaria de compartilhar com o leitor(a) que por falta de bolsas de mestrado, durante os dois anos no MPGOA, tive que trabalhar na gestão de um projeto de educação infantil em Campina Grande, Paraíba, apoiado por um Instituto de responsabilidade social, ao mesmo tempo em que atuei como conselheira voluntária na ~~Apóitchá~~ *Apóitchá*. Para dar conta de minhas responsabilidades, vivia em três cidades diferentes: Lucena, Campina Grande e João Pessoa. Nesse contexto de demandas pessoais nos afastamos dos amigos (as), das rodas sociais...

Diante de tudo, não posso esquecer-me de agradecer:

Aos meus *guias espirituais* pela presença em minha vida e luz curativa presente em minha jornada na terra.

À professora *Windyz Ferreira*, orientadora e incentivadora, pelo brilho que a sua presença profissional e pessoal nos oferece.

À pequena *Beatriz Carrer Carvalho* em nome de todas as crianças do planeta.

Aos *apoitcheiros(as)*, amigos(as) e companheiros(as), sem vocês a história da ~~Apóitchá~~ *Apóitchá* não existiria.

À professora *Ana Maria Coutinho* pela valiosa contribuição na banca de qualificação e à professora *Isa Freire*, pelas dicas e incentivo.

Aos meus colegas do MPGOA - turma pioneira, em especial *Regina, Sarah, Sidnéia, Simone, Thiago* e *Ricardo* pelo companheirismo, aos professores (as) e ao secretário *Cijame Jr.*, pelo carinho e compromisso com a aprendizagem.

Aos *irmãos daimistas do Céu da Flor da Nova Era* e ao *Templo Guaracy do Brasil*, pela oportunidade de aprender a ser um ser espiritual!

Aos companheiros(as) de Alto Paraíso de Goiás pela acolhida durante meus intensos dias de produção e retiro para a escrita do livro: Paulo Abreu Filho, Maylina, Taíssa, Marcos, Selma, Fagner, Pedro, João, Ceres Rosas e irmandade GDM.

Aos amigos(as) talentosos Veruschka Guerra, Ricardo Peixoto (Agência Ensaio), Paulo Pires e Victor Cayo (Iguana Artes), Fabio Ada (Ada Multimídia) e Lena Bezerra pela disponibilização das imagens e artes do material.

À Holoedro Editorial nas pessoas de Lucy Guelo e Alaíde pelo carinho, dicas preciosas e revisão preliminar do texto.

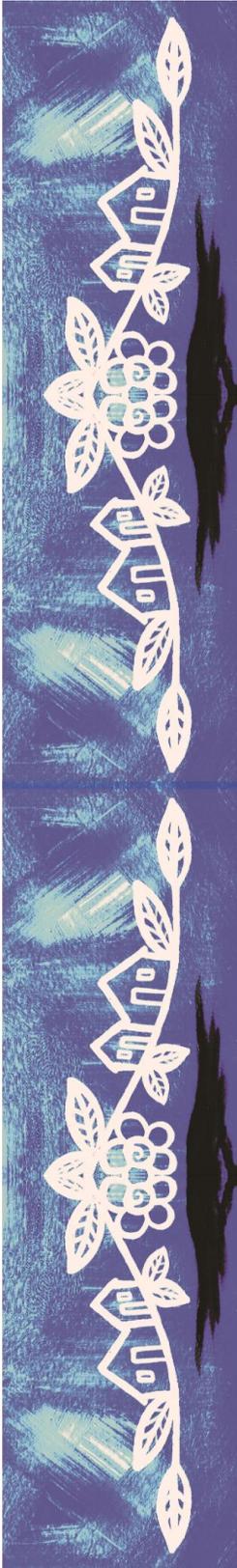
Aos meus familiares, pelos laços de afeto que nos unem, em especial aos meus amados mãe e pai, Josefina e José Carlos, eu sou grata.

A renda desse livro será integralmente doada. Ficarei feliz se esta experiência for amplamente disseminada e a renda arrecadada com sua publicação destinada aos projetos de atendimento direto à criança, gerando sustentabilidade e aporte às ações da ~~Apóitchá~~ Apóitchá.

Estejamos em contato:

liligalvao@hotmail.com





capítulo 1

Apôitchá: uma visão de mundo, uma organização aprendente

A história da *Apôitchá* ilustra de forma sólida o desenvolvimento de uma organização aprendente. Este capítulo resgata sua memória, histórias e crônicas do dia-a-dia, traduzidas pelas vozes das pessoas que a construíram, incluindo a minha própria como participante deste processo ao mesmo tempo desafiador e enriquecedor.

Ao longo de quase 12 anos, vi florescer na *Apôitchá* importantes aprendizagens humanas e profissionais, expressivo crescimento individual e coletivo e também o desenvolvimento de tecnologias sociais reconhecidas pelo Prêmio que a *Apôitchá* venceu em concurso muito concorrido e pela colocação como finalista, em outro Prêmio nacional. Prêmios que atestam sua valiosa contribuição social para a promoção de mudanças radicais nas vidas de crianças, jovens e adultos simples e sofridos, abandonados pelas famílias, esquecidos pelo poder público e imersos em situação de invisibilidade e vulnerabilidade sem vislumbrar chances na vida ou perspectiva de uma melhor, com mais qualidade. Seres humanos que, se não fosse pelo acolhimento na *Apôitchá*, não teriam sido resgatados para a vida.

Estas são muitas, muitas histórias... Apenas algumas delas estão contadas nas páginas deste livro para me ajudar a contar como a *Apôitchá* aprendeu a ser uma organização aprendente, ao integrar-se ao movimento cotidiano da vida comunitária de Lucena, uma pequena cidade litorânea do estado da Paraíba.

Agora, eu o(a) convido para resgatar comigo a história e memória da *Apôitchá*, esperando que ao lê-la, possa sensibilizar-se com a importância de seu trabalho na promoção e defesa da justiça social e sua opção pelos grupos sociais vulnerabilizados pelas impossibilidades criadas por uma sociedade socialmente desigual. Mas, sobretudo, acreditando que este livro possa provocar novas ideias e debates dentro de organizações não governamentais que, tanto quanto a *Apôitchá* lutam para resgatar a vida e as histórias de pessoas que tem o direito e merecem viver com dignidade, como qualquer um de nós...

A *Apôitchá* foi fundada em 25 de abril de 2001
com o objetivo de contribuir para a melhoria da qualidade de vida
em Lucena. Ao longo de seus quase doze anos de existência evoluiu em direção a se tornar uma
organização aprendente e ao desenvolvimento inclusivo, com foco em

- ✓ Educação,
- ✓ Saúde Preventiva e Curativa,
- ✓ Proteção à Criança e Adolescente e
- ✓ Desenvolvimento Comunitário.

Nascimento da Apôitchá

Nasceu a Apôitchá no início do novo século, como um núcleo regional da Associação Paraibana dos Amigos da Natureza (APAN- vide quadro abaixo), ONG que promove a defesa do meio ambiente e da qualidade de vida no estado da Paraíba. Apôitchá é uma expressão fonética popular que significa “**a pois tá certo**”, usada pelos nativos de Lucena em sua forma reduzida, “**a pois tá**”. Da pronúncia aligeirada do termo, característica do nordestino da região, derivou a expressão “**apôitchá**”. A escolha do nome para a ONG *Apredente Apôitchá* caracterizou-se, portanto, como uma forma de valorizar um signo da cultura nordestina. Além disso, Apôitchá se constituiu em acrônimo de **Associação de Apoio ao Trabalho Cultural, Histórico e Ambiental**.

O nascimento da Apôitchá está marcado pela sua origem espiritual: alguns dos fundadores da ONG são adeptos da religião Santo Daime, que é uma religião brasileira nascida no Acre, no início do século XX.

A APAN foi fundada em 1978 e seus membros reuniam-se em Lucena para realizar eventos culturais com enfoque na preservação do meio ambiente. A APAN participou de forma significativa na elaboração do Capítulo de Meio Ambiente da Constituição Estadual e da Federal.

Narram os pioneiros da Apôitchá que “**embaixo da sombra do dendezeiro**”¹ nasceu² essa organização com os compromissos social e ambiental que a distinguem até hoje. Os daimistas, fundadores(as) da ONG tinham profissões no campo da educação e das artes, alguns eram professores outros pesquisadores, artesãos e artistas, comunicadores sociais e estudantes universitários, cujos ideais de vida e trabalho os mobilizaram para iniciativas

ambientais, comunitárias, educativas, culturais, artísticas e espirituais. Sentados ali, juntos, à sombra de uma árvore, esse grupo comprometido com o outro idealizou e delineou o projeto da Apôitchá, conforme está registrado em sua Ata de Fundação³:

Aos vinte cinco dias do mês de abril de 2001 pessoas interessadas na defesa do meio ambiente, reuniram-se na Lagoa dos Homens, Lucena, estado da Paraíba para discussão e deliberação sobre a criação de uma Entidade de Apoio ao Trabalho Histórico e Ambiental da Paraíba. (APÔITCHÁ, 2001, p. 1)

¹ Conhecido ainda como *palmeira-de-óleo-africana*, *aabora aavora*, *palma-de-guiné*, *palma*, *dendém* (em [Angola](#)), *palmeira-dendém* ou *coqueiro-de-dendê*, é uma [palmeira](#) originária da Costa Ocidental da [África](#) ([Golfo da Guiné](#)). Seu fruto é conhecido como dendê, e seu óleo como azeite de dendê ou óleo de palma. Fonte: Wikipedia. Consulta realizada em 8 de agosto de 2012.

² Em Lucena, solo do litoral paraibano, através da vontade de um grupo de 19 pessoas, entre mulheres e homens de 20 a 40 anos.

³ Dezenove pessoas participaram da Assembleia de Fundação da Apôitchá; dentre elas, os daimistas que mantêm relação direta com a Apôitchá até os dias atuais são: Andréa Carrer Carvalho, Marcos Barros, Selma de Albuquerque e Rosemberg Silva.

Os fundadores da Apôitche fazem parte de uma geração advinda do movimento da contracultura, definida por Goffman e Joy (2007) como um movimento contra o autoritarismo que se caracteriza pela *‘precedência da individualidade acima das convenções sociais e restrições governamentais’*.

Longe do simples egoísmo e do individualismo burguês, [o movimento da contracultura] trata de compreender o indivíduo como fonte de ideias e expressão e que não poderia ser obstruído pelas estruturas legais e burocráticas da sociedade. Sendo condição básica para a expressão, esse primado da individualidade implica liberdade de opinião, direito ao uso do próprio corpo, ao livre pensamento e, principalmente, às formas subjetivas de expressão religiosa e artística. Vargas (2011, p. 464)

É um movimento orientado para a paz, o amor ao outro e à natureza, para a liberdade sexual e a felicidade de todos(as). As raízes do dendezeiro enterradas no solo da Apôitche, associadas à energia criativa e curativa do Santo Daime – a meu ver fundamental àquela população cheia de dor, carências e sofrimentos sociais, carregam a memória dos encontros que marcaram de forma indelével a vida dos fundadores da ONG e ainda marcam a comunidade local.

A história que eu conto da Apôitche, ilustra a minha visão sobre seu desenvolvimento enquanto organização aprendente, que com um coletivo expandido cunhou desde seu início de vida o termo **“Ser Apôitcheira”/“Ser Apôitcheiro”**, o qual imprime aos membros da ONG [trabalhadores(as), participantes, doadores(as), parceiros(as)] uma identidade de pertencimento grupal, fundamental em uma organização aprendente.



Ser Apôitcheiro (a)

Ser Apôitcheiro(a): uma categoria de pertencimento grupal



Ao longo dos anos pude compreender que a dimensão do trabalho na *Apôitcheá* transcendeu as relações meramente formais ou técnicas. Nós éramos como uma pequena fraternidade, que tinha um jeito próprio de se apoiar para, ao mesmo tempo, descobrir os tesouros invisíveis naquela comunidade, assim como apoiá-la para, juntos, resolver conflitos e dilemas humanos.

Era o espírito de fraternidade que alimentava nossa sede de ajudar, de transformar aquela comunidade tão vulnerável. Tornar as pessoas, tão sofredas, mais felizes e com maior senso de pertencimento a um grupo social que tem valor.

A experiência viva revelou para mim que os apoitcheiros(as) [contratados(as) ou voluntários(as)] com as quais convivemos cotidianamente por um período médio ou longo, contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento desta organização aprendente porque já carregavam dentro de si o espírito fraterno e o projeto de vida pessoal entrelaçados com a visão de mundo compartilhada pela comunidade interna da *Apôitcheá*, visão essa que se transformou em um candeeiro contra as injustiças sociais visíveis ao sairmos dos muros da organização.

(Diário, Alto Paraíso de Goiás, Janeiro de 2012)

Ser apôitcheiro (a) implica ser uma pessoa que, inerentemente, possui um senso de defesa, justiça social e equidade à flor da pele. Eu sou apoitcheira por nove anos e sinto-me orgulhosa por esta opção. Nós acreditamos que as pessoas têm inerentemente direitos e dignidade. Por isso, não nos conformamos com a injustiça e, sem medo, nos expomos para defender as pessoas oprimidas por uma sociedade desigual para os que nascem em meio à pobreza: aqueles(as) cujas vozes não são ouvidas. Nesse sentido, ser apoitcheiro(a) significa ser um trabalhador dentro de um grupo politizado e engajado politicamente, mas sensível e com coragem para provocar mudanças necessárias socialmente porque, muitas vezes, as imensas barreiras que encontramos neste caminho querem nos paralisar.

Entender o papel crucial de um grupo na construção formativa e das ações políticas de qualquer ONG é fundamental porque o grupo constitui o solo adubado pelos seus membros para refletir, criar, implementar e lutar para sustentar as iniciativas focadas nas demandas comunitárias, nas vozes emudecidas. Nesse sentido, Lane (1984) nos ajuda a compreender o papel grupal a partir de uma concepção histórica e dialética. A autora argumenta que o grupo não se configura apenas com a reunião de pessoas que compartilham objetivos comuns (e uma visão) e, sim, se apoia em relações, vínculos e interesses coletivos que expressam e transformam o cotidiano da prática social dirigida a assegurar os princípios e valores tanto da organização

(ou seja, do grupo) como da comunidade. A aproximação entre as pessoas em um grupo provoca o movimento de conscientização de cada indivíduo, processo que se instala com base nas atividades que desenvolvem em interação uns com outros, *‘produz[indo] identidades pessoais e, ao mesmo tempo, (.) o sentido de nós, através da cooperação e da compreensão de determinantes histórico-sociais.’* (LANE e SAWAIA. 1991, p. 59)

Grupo, portanto, é uma estrutura social, uma realidade total, um conjunto que não pode ser reduzido à soma de seus membros:

[...] todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção e, sob este aspecto, o grupo, tanto na sua forma de organização como nas suas ações, reproduz ideologia, que, sem um enfoque histórico [e político], não é captada. (LANE, 1984, p. 81-82)

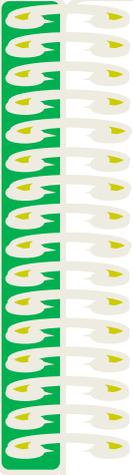
Para celebrar e consolidar a visão de mundo, os princípios e os valores da Apôitchá, o grupo criou em 2008 uma paródia da música *Eu sou a paz*, de Nando Cordel⁴, na qual os(as) apoiadores(as) traduziram a visão compartilhada da ONG, e de forma lúdica passaram a cantá-la e dançar a paródia em uma ciranda, que diz assim:

**Eu sou Apôitchá,
Você é Apôitchá,
Apôitchá:
uma visão de mundo!
[...] (APÔITCHÁ, 2009)**



⁴ Nando Cordel, cantor e compositor brasileiro, conhecido internacionalmente, tem 25 anos de carreira, 28 CDs lançados. Sendo 12 coletâneas de músicas instrumentais e 01 de chorinho. Além de um DVD lançado em 2007. Saiba mais em <http://www.nandocordel.com.br/history>

Primeiras memórias: o 'chamado do Sol'



Há alguns anos – mais precisamente, em julho de 2001 – eu estava em férias na praia de Coqueirinho, litoral sul da Paraíba. Era final de tarde... O dia iluminado sobre a falésia era lindo demais com o mar e o pôr do sol em minha frente faziam-me sentir integrada com a natureza. Sentia-me em outro mundo. Nesse momento de silêncio contemplativo, que tem tudo a ver comigo, tive um sentimento que defino como espiritual: um convite à realização de um trabalho social com meninas que vivem com o vírus HIV e são vítimas de exploração sexual na Paraíba. Apreendi o chamado ou insight, mas, segui o curso da vida, em São Paulo, minha cidade natal, enquanto aquela mensagem permanecia “gestando” dentro de mim.

(Diário. Lucena, Agosto de 2011)

Aqui cabem dois esclarecimentos bastante relevantes para esta história e memória (minha e) da *Apôitchá*: o sentimento espiritual que vivi na falésia e sua relação com a fundação da ONG e do trabalho social com jovens com HIV, os quais são retomados e detalhados, assim como analisados nos capítulo 4, seção 4.1. Fui guiada para a *Apôitchá* por sinais surpreendentes...



Após um ano vivendo na Escócia¹, onde trabalhei com crianças e adolescentes com deficiência, tive a oportunidade de conhecer o Santo Daime com uma amiga¹. Retornei ao Brasil, em 2003 e fui para a Amazônia a fim de conhecer esta religião. Lá compartilhei minha decisão de fazer um trabalho social na Paraíba, estado onde não tinha nenhum contato. Soube então, por meio de uma pessoa presente, que ‘no litoral da Paraíba existia uma organização pequena, fundada por daimistas’, à qual talvez pudesse me conectar tendo em vista meu foco no trabalho com meninas com HIV. Mas... eu senti receio pois não sabia que tipo de grupo iria encontrar, pois a minha perspectiva era fazer um projeto social sem envolver religiosamente as pessoas com as quais se trabalha, assegurando uma ação social de caráter laico. Surpreendentemente, no retorno do norte brasileiro para Recife, sentou-se ao meu lado José Neto, empresário pernambucano com quem conversei longamente durante o voo. Ele teve um filho com deficiência que faleceu. Contei ‘tudo’ para ele sobre meu *insight* e decisão. Disse que precisava conhecer pessoas na Paraíba, pois a essa altura já levava comigo a logomarca do projeto e seu nome: A Roda do Sol (vide capítulo 4). José Neto atentamente ouviu minha história e, para minha surpresa(!) ele disse que ‘sabia para onde eu deveria ir’. Durante a escala do voo em Fortaleza, ele ligou para um amigo em João Pessoa, Vlamir Soares, empresário paraibano que apoiava a ONG *Apôitchá*, a mesma organização mencionada pelo daimista em Manaus! Não há como não aceitar a sincronidade dos fatos. Muito menos não aceitar que meu caminho estava sendo orientado por forças superiores...

(Diário. Lucena, agosto de 2011)

Se eu tivesse dúvidas sobre a condução espiritual em direção à realização do meu *insight*, ocorrido três anos antes, essas dúvidas seriam dissipadas a partir do que se sucedeu, conforme relato a seguir...



No dia 12 de janeiro de 2002, fui com José Neto e Vlamir até Lucena, cidade sede da Apôitchá. Lá, sentamos todos debaixo de um cajueiro e conversamos por horas com Andréa, Marcos e Selma (apoitcheiros-fundadores da ONG) e Abraão (apoitcheiro-educador da ONG). Ali, conheci a história da Apôitchá e pude contar, sem receio, sobre os sinais que recebi de presente e as forças espirituais que me guiaram até lá. No momento do nosso encontro, inesperadamente, uma revoada de pássaros parte do cajueiro, alegres e cantarolando, anunciando um sinal de que algo muito bom nasceria dali...

No final desse encontro fui embora feliz porque estava tomada por um profundo sentimento de irmandade e certa de que poderia, de alguma forma, ajudar a Apôitchá a crescer por meio da elaboração de projetos, mobilização de recursos, etc. Eu sentia que um dia realizaríamos A Roda do Sol... Como eu tinha experiência sólida de formação de pessoas no campo HIV/aids em São Paulo, eu sabia da correlação entre exploração sexual e infecção por HIV e outras DST's.

(Diário. Lucena, Agosto de 2011)

Naquela época, a Apôitchá tinha como foco de suas ações as áreas de educação e meio ambiente. Com poucos recursos, apoios e parcerias financeiras limitadas, a sustentabilidade da ONG se dava pelo trabalho de 12 voluntários atuando regularmente no seu projeto *Rede Participativa* o qual descreveremos no capítulo 2. Os temas saúde e atenção ao HIV, assim como as questões relativas à exploração sexual, ainda *não* faziam parte do escopo do seu trabalho. Então, naquele primeiro encontro, o tema HIV/aids *não* aparece como uma demanda comunitária.

Como nada é por acaso.... dois meses após aquele primeiro encontro, Andréa Carrer Carvalho⁵, a coordenadora geral da Apôitchá na época, contou-me por telefone a história das meninas que chamei 'meninas – sol'...



História 1. As Meninas-sol

Jurecê⁶, conselheira tutelar, procurou a Apôitchá porque pelas ruas de Lucena perambulava uma adolescente, Nina⁷ de 17 anos

⁵ Andréa Carrer Carvalho é paulista, pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), consultora na área de desenvolvimento. Compõe o grupo de fundadores da ONG Apôitchá. Reside na Paraíba deste dezembro do ano 2000.

⁶ Jurecê significa aquela que fala o bem. Fonte: <http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/nomes-indigenas/7/>

carregando nos braços sua filha Amana⁸ de apenas dois meses de vida. Esta jovem, nunca fez pré-natal. Foi na maternidade que a equipe do SUS realizou o 'teste rápido para a identificação do HIV'. Foi assim que ela descobriu, na hora do parto, que estava infectada pelo vírus HIV. Com leve deficiência intelectual, negra e pobre, tinha sido vítima de exploração sexual - cena não incomum na cidade, naquela época.

Jurecê estava desesperada porque ela queria ajudar as meninas-sol. A jovem mãe, sofrida e só, que em seis meses teve inúmeras perdas (a mãe acabara de falecer, o pai idoso usuário de álcool, vivia na zona rural e a psicóloga que a acolhera na revelação do diagnóstico também morreu repentinamente) não queria ajuda ou tratamento, não aceitava a maternidade e não queria ficar com a filhinha. Com certeza, essa adolescente de 17 anos não podia enxergar a luz no fim do túnel.

Lutos, quantos lutos vivenciados por esta mãe ainda menina! Sozinhas, sem rumo, de casa em casa, vivendo com HIV, em um contexto repleto de crenças infundadas acerca da 'aids', essas meninas do sol precisavam de acolhimento, orientação e proteção. Exatamente o que eu vislumbrei em 2001 sobre a falésia da praia de coqueirinho.

O teste rápido como diagnóstico da infecção pelo HIV é uma metodologia utilizada no mundo inteiro e traz vantagens significativas quanto ao método laboratorial, pois são de simples realização, dispensando a atuação de profissionais especializados e de equipamentos de laboratório, permitindo o conhecimento imediato dos resultados e assistência imediata aos pacientes.



Fonte www.aids.gov.br

Finalmente, havia chegado a hora da fundação da *Casa de Apoio A Roda do Sol*, que se tornou um marco na história da Apôitchá e na minha história pessoal e profissional.

Em 2004 o tema HIV/aids era 'desconhecido' em Lucena e por isso, o estigma percorria o imaginário da comunidade. O discurso corrente era que o HIV poderia ser transmitido pela picada de insetos, no compartilhar de objetos, na convivência. As pessoas que vivem com HIV, mesmo que não manifestassem a doença, eram chamadas de "aidéticas", termo carregado de estigma e preconceito.

⁷ Na língua indígena Quíchua, Nina significa "fogo"(idem).

⁸ O nome Amana significa água que desce do céu (idem).

A questão do HIV/aids

Desde o início da epidemia causada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), em 1980, até 2012, foram registrados 656.701 de aids (doença manifesta) no Brasil. Em 2010, o total de novos casos de aids notificados foi de 34.218 e sua **taxa de incidência** no Brasil atingiu 17,9 casos por 100 mil habitantes¹.

Na Paraíba

De acordo com dados da Secretaria de Saúde do Estado, em 2012 foram registrados no Sistema Nacional de Atendimento Médico – Estadual (Sinanl) 341 casos de Aids, sendo 240 do sexo masculino e 101 do sexo feminino.

Dados do Ministério da Saúde apontam desde 2007 até agora, a Paraíba confirmou 5.188 casos de aids. Enquanto o Sudeste apresenta redução na taxa de incidência de 27,5 em 2002 para 21 em 2011, as regiões Sul, Norte e Nordeste registraram tendência de aumento de casos. No Centro-oeste a epidemia é considerada estável.

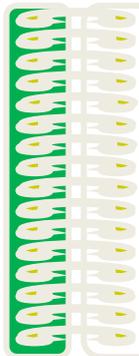
Todos os sinais materializaram-se neste projeto de saúde e proteção de alta complexidade dirigido à crianças, jovens e suas famílias em situação de vulnerabilidade. Agora era o momento de transformar o projeto no papel em realidade para a comunidade.

A Roda do Sol: o início de uma nova jornada para a Apôitché

O trabalho da Casa Lar iniciou-se com atendimento das ‘meninas –sol’ na sede da Apôitché, mas não havia um espaço apropriado para moradia delas e outros pessoas da comunidade que, certamente, seriam identificadas ou nos procurariam. Havia, portanto, a urgência de um espaço próprio para receber famílias. Após análise cuidadosa da equipe de apoitcheiros(as), decidimos que o ideal para esse tipo de trabalho seria a locação de uma casa, mas, não havia recurso financeiro disponível. Mais uma vez, as forças superiores nos guiavam...

Tal desafio, entretanto, foi superado com o apoio financeiro de Cláudia Gonçalves da ONG internacional escocesa *Community Foundation for Planetary Healing* (CFPH)⁹. Cabe aqui um esclarecimento importante para compreender como, de fato, as relações humanas e sociais se operam quando se trata de trabalho dirigido ao desenvolvimento comunitário de grupos em situação de desvantagem e são guiadas por um chamado espiritual.

⁹ A missão dessa fundação, idealizada pelo escocês Mark Halliday e pela brasileira Claudia Gonçalves, com a colaboração de companheiros, é disseminar a perspectiva holística na terapêutica em contextos de vulnerabilidade em todo o mundo. Saiba mais em <http://www.planetary-healing.org/>.



Práxia, apôitcheira, voluntária e daimista cearense, veio para a Apôitchá onde passou uma temporada. Exatamente no momento da fundação da A Roda do Sol, ela estava retornando ao seu estado e sua casa em Lucena seria desocupada. Quando soube da necessidade de uma casa para o novo lar das meninas com HIV/aids, ela doou todos os móveis e utensílios que estavam em sua casa e, a Apôitchá com a ajuda de minha amiga Claudia, da Escócia, cobriu seis meses de aluguel.

(Diário. Lucena, Outubro de 2012)

A fundação do Projeto Casa Lar A Roda do Sol inaugura na Apôitchá, em 2004, uma nova área voltada para a Saúde & Proteção. A ONG inicia uma trajetória em prol da atenção integral à infância e à juventude, tão urgente e necessária em Lucena, se considerado suas características culturais, sociais e econômicas. Uma terra de desafios e de possibilidades de realizações humanas e comunitárias que só poderiam ser superados pela ação de uma organização aprendente.

Organizações em aprendizagem

O conceito de aprendizagem organizacional nasceu na metade da década de 1960, quando o campo de estudo sobre organizações travou os primeiros debates acerca dos seus processos de aprendizagem. Loureiro (2003) destaca que autores expoentes no campo da aprendizagem organizacional se referem à perspectiva das organizações que aprendem (SENGE, 1990; POELL e TIJMENSEN, 1999; SALLIS E JONES, 2002; CRAIG, 1996; ARGYRIS, 1994; BOLIVAR, 1997).

As primeiras contribuições para o conceito de **organização que aprende**, ou **organização em aprendizagem**, ou ainda **organização aprendente** são de Argyris e Schön (1978), que a definem como a organização que, diante dos erros detectados, em vez de simplesmente produzir uma resposta adaptativa à situação, a problematiza e, se necessário, modifica as normas, os valores e os objetivos que orientam as ações dos atores e da organização. Esses autores descrevem dois tipos de aprendizagem: (a) de circuito simples, que foca a solução de problemas no presente, sem criticar a adequação e os comportamentos de aprendizagem atuais que originaram o problema; (b) de circuito duplo, a qual enfatiza o experimento contínuo e a realimentação, modificando o modo como a organização define, prioriza e soluciona problemas e aprende, dessa forma, a antecipar o futuro.

Esses mesmos autores enfatizam a importância da cooperação entre os membros de uma dada organização, que para responder ao inesperado devem utilizar os conhecimentos adquiridos (provenientes do interior da organização ou de fora dela), as capacidades e os valores (ARGYRIS; SCHÖN, 1978; ARGYRIS, 1994, SCHÖN, 1998, *apud* LOUREIRO 2010).

A partir do quadro de Santos (2010, pp. 13-14), que apresenta definições de aprendizagem organizacional descritas no período de 1965-2002, extraímos e sistematizamos o conceito de aprendizagem organizacional em dimensões, já que inúmeros autores apresentam o conceito de organização aprendente com base em perspectivas distintas – que algumas vezes são complementares e outras vezes enfatizam aspectos diferentes da teoria da aprendizagem organizacional, assumindo uma posição teórico-clássica ou contemporânea.

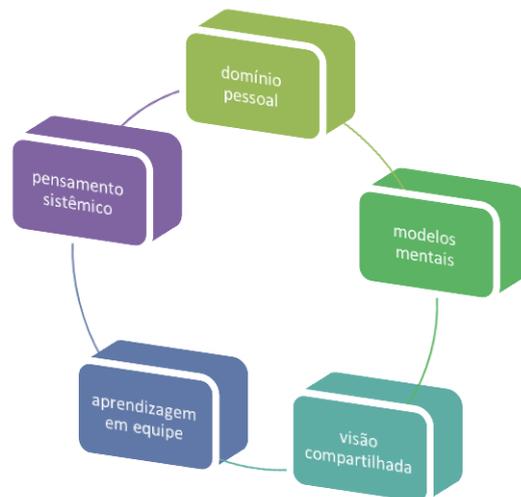
Em meados dos anos de 1980, a visão sobre aprendizagem tinha uma perspectiva institucional segundo a qual a organização e o meio interagem e se adaptavam em face da detecção e da correção de erros (CANGELOSI & DILL, 1965; ARGYRIS & SCHON, 1978; DUNCAN & WEISS, 1979; HEDBERG, 1981).

A década de 1990 foi marcada por ruptura paradigmática, representada por uma concepção organizacional que privilegia o indivíduo e suas relações sociais (SENGE, 1990; HUBER, 1991; KIM, 1993; GARVIN, 1993; CROSSAN, 1995; PEDLER, 1997; LEWIS, 2002).

As cinco disciplinas da organização aprendente e o desenvolvimento da Apôitchá

Aqui ofereço um panorama do conceito das cinco disciplinas da organização aprendente e as relaciono com a Apôitchá com base na concepção de construção de aprendizagens.

Toda disciplina possui um arcabouço de conceitos e teorias que constitui seu corpo de conhecimento e lhe confere reconhecimento. Como mencionado no capítulo 1 deste livro, Senge (2008) identifica *cinco disciplinas* na raiz da construção de uma organização aprendente, conforme diagrama abaixo:



SENGE (2008) destaca que a importância do desenvolvimento conjunto das disciplinas e o considera um desafio, pois *‘é mais difícil integrar novas ferramentas do que simplesmente aplicá-las separadamente – embora quando assim se faz as recompensas sejam enormes.’* (SENGE, 2008, p. 45).

A história da Apôitchá, como a seguir apresento, está escrita e marcada com as cinco disciplinas que SENGE define para caracterizar uma organização aprendente. Cada disciplina emerge em minha memória com clareza pois posso visualizá-las em cada um e nos processos desencadeados dentro da organização para pensar e lidar com as demandas emergentes na comunidade de Lucena.

(1) Domínio pessoal

Quem anda no trilho é trem de ferro,
sou água que corre entre pedras:
liberdade, caça jeito.

(Manoel de Barros, Poeta Brasileiro)

Domínio pessoal é a disciplina que esclarece e aprofunda nossa visão pessoal. É o alicerce espiritual da organização que aprende, pois concentra as energias dos indivíduos e os ajuda a desenvolver a paciência e enxergar a realidade com objetividade. *‘As raízes dessa disciplina estão **nas tradições espirituais ocidentais e orientais**, bem como em tradições seculares.’* (SENGE, 2008, p. 41. Grifo da autora).

O desenvolvimento do domínio pessoal nas organizações que trabalham com direitos humanos em contextos de vulnerabilidade, portanto, é altamente necessário porque nesses contextos nos confrontamos com injustiças, conflitos, opressão e violência. Imersos em tais contextos, os centros de força interna dos envolvidos se esgotam e a resiliência (FAJARDO, 2010; POLETTTO,2005) precisa ser fortalecida ou, em alguns casos, construída em indivíduos ou grupos de trabalho. E, a capacidade e o comprometimento de uma organização, baseados em sua missão e estratégias, em aprender não podem ser maiores que os de seus integrantes, ou seja, é essencial considerá-los.

Resiliência está alicerçada em três dimensões: a física, a psicológica e a médica. A física liga-se à capacidade de resistência de um corpo ao choque, ao sofrimento de pressão, sendo definida como a capacidade de recuperação da forma original (PINHEIRO, 2004). A psicológica, segundo Yunes (2001), consiste na capacidade universal que o indivíduo, grupo ou comunidade constrói para prevenir, minimizar ou superar os impactos das adversidades, fortalecendo-se ou até mesmo se transformando a partir da experiência vivida. A terceira dimensão fundamental da resiliência, a médica, evidenciada por Tavares (2001), considera a capacidade de um indivíduo de resistir a uma doença ou condição física adversa com auxílio de medicamentos ou energias provenientes de sua força interior.

À medida que a disciplina domínio pessoal se articula com as tradições espirituais, ela se alia ao poder dos sonhos individuais ou coletivos, que leva mulheres e homens a realizarem importantes feitos com projetos inspiradores. Alguns se

tornam líderes de renome mundial, tais como, Gandhi¹⁰, Madre Teresa de Calcutá, Betinho, Chiara Lubich, Chico Mendes, irmã Dorothy Stang, Zilda Arns, Martin Luther King... Líderes que tiveram alto domínio pessoal para materializarem seus sonhos na vida real: sua missão.

Como exemplo, cito Madre Teresa de Calcutá. Considerada uma grande líder espiritual pela Igreja Católica e por outras instâncias e pessoas, conseguiu a aprovação do Papa para constituir uma ordem para servir a comunidade de Calcutá paralela ao Convento local onde atuava como freira. Ao longo de anos, transformou sua pequena ação em uma rede mundial de atenção ao pobre, ao mesmo tempo em que construiu um negócio social de amplitude. Madre Teresa começou com uma visão simples, um *chamado*, um *apelo divino*, cuja semente floresce como uma visão pessoal e se espalha penetrando a vida de pessoas que se identificaram com seu sonho de solidariedade humana. Um simples chamado, portanto, pode se tornar um impulso para “*construir ou mover montanhas*”.

[...] quando Madre Teresa morreu, 47 anos depois de ter criado a Ordem, ela estava operando 594 missões em mais de cem países, com cerca de 1 milhão de colaboradores. Ela era um ímã poderoso e havia aplicado bilhões de dólares. Sua influência humana e história de vida permanecem insuperáveis até hoje (BOSE & FAUST, 2011, p. 29).

Em linhas gerais, a disciplina domínio pessoal pode ainda ser chamada de “*mestria pessoal*” por oferecer clareza sobre a visão das coisas, por esclarecer aquilo que é importante para os indivíduos, aquilo que inspira outros.

Associar a missão das organizações aos sonhos individuais ou coletivos, ouvir e considerar os chamados constitui estratégia chave para não desperdiçar a energia de seus membros e para estimular o crescimento individual. As pessoas chegam tomadas de vontade, sonhos e dinamismo quando chegam a organizações que atuam como servidoras das comunidades carentes e, quando não são estimuladas, seus sonhos e projetos pessoais mínguam no processo, perdendo-se com eles a vitalidade e a garra para a realização e para a luta de vencer desafios imensos.

A *Apôitchá* e a disciplina domínio pessoal

[...] um dia vi uma luz, pareceu-me mais bela
do que as outras coisas belas e a segui.
Percebi que era a Verdade.

(Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, na Itália)

¹⁰ NA. O YOUTUBE constitui um canal de aquisição de conhecimentos, informações e inspiração disponível 24 horas por dia. Inúmeros filmes e documentários sobre estes e outros líderes da humanidade estão disponíveis gratuitamente. Basta acessar o www.youtube.com e digitar seus nomes.

Toda organização aprendente requer, por parte de seus gestores, a compreensão de que o ser humano é *‘ao mesmo tempo genérico e singular’* (CHANLAT, 1996, p. 27), logo precisam aprender a lidar com as singularidades dos indivíduos, abrindo espaço para a expressão criativa dos sujeitos e seus *‘chamados pessoais’*, assim como se deu com a Apôitchá.

A origem espiritual da Apôitchá e alguns de seus princípios orientadores estão conectados a disciplina domínio pessoal. Posso hoje afirmar que o sonho de um mundo melhor, mais justo e mais igualitário onde todos(as) vivem com dignidade e respeito a natureza, move os “apôitcheiros(as)” e os conduz na realização de projetos de peso social, dinâmicos e, porque não dizer, inspiradores...

A rotina de trabalho na Apôitchá favorece o desenvolvimento do domínio pessoal. Diferentemente da maior parte dos ambientes de trabalho, independentemente de área social, econômica, educacional, o dia de trabalho na Apôitchá começa com um momento de silêncio, prece ou canção antroposófica¹¹. Em roda, de mãos dadas nos aproximamos e fortalecemos nosso elo enquanto equipe de trabalho e grupo solidário ao próximo. A configuração de roda, em si mesma, carrega dimensões de ordem estética e ética que permitem compreender novas formas de comunicação e convivência, pautadas em relações equitativas e solidárias, que ressoa em cada apoitcheiro(a).

No cotidiano, nas reuniões ampliadas nas quais se discutem diversos temas (formativos, avaliativos, administrativos), sempre há um momento de integração e aquecimento do grupo, alcançado por meio de algum elemento de facilitação, como prática da meditação, prece, terapia floral da Amazônia¹², leitura de um texto reflexivo, massagem, dança circular sagrada, jogos cooperativos ou leitura de oráculos.

Na Apôitchá sentimos que somos-estamos ligados uns aos outros, conectados intimamente com pessoas, situações, lugares e acontecimentos que se desvelam na comunidade de Lucena. Em uma situação comum, um outro espaço de trabalho, esses mesmos fatos poderiam parecer distantes, sem conexão com nossa vida. A vivência diária na organização revela que estamos juntos no mesmo grande plano de ação e superação. Nessa dinâmica entrelaçada, o que alguém pensa, faz ou sente afeta todos e é afetado por todos, sem exceção. A consciência da interdependência como característica de nossa coexistência ajuda a perceber o quanto é fundamental resgatar o sentido da cooperação para dar conta das questões que vivemos neste momento: na sala de aula, no local em que trabalhamos, no bairro onde moramos, no país em que vivemos, no planeta que habitamos ou no universo onde existimos

¹¹ A Antroposofia, do grego “conhecimento do ser humano”, introduzida no início do século XX pelo austríaco Rudolf Steiner, pode ser caracterizada como um método de conhecimento da natureza do ser humano e do universo. Em 2008, iniciamos parceria com a Escola Waldorf de Recife para a formação da equipe da ONG através da consultoria de Elizabeth Sarmento. Saiba mais no site <http://www.sab.org.br/antrop/>

¹² A terapia floral da Amazônia foi introduzida na Apôitchá em 2009 por Maria Alice Freire, membro do Conselho das treze avós nativas. Saiba mais em: <http://www.floraesdaamazonia.com.br> e <http://www.avozdasavos.org/conselho.html>

(Fábio Brotto¹³). Cabe aqui destacar que a *pedagogia da cooperação*, apresentada a nós, a partir de 200 pelo psicólogo Eduardo Kopp¹⁴ fortaleceu a cultura cooperativa e inclusiva já presente na Apôitchá desde a semente. Kopp acabou por se tornar também um apoitcheiro, um colaborador voluntário sistemático de valor para a organização e para nós.

Quando do ingresso de um novo colaborador, normalmente se realiza um momento de integração e acolhida. Esse momento pode ocorrer em reuniões de área, de coordenadores e na reunião ampliada (constituída por todos os colaboradores das diversas áreas). O ritual de socialização pode envolver uma música de boas-vindas, uma dinâmica, uma dança circular.

No atual momento de evolução da Humanidade, a Dança Circular auxilia na expressão amorosa de cada indivíduo, despertando o espírito de Cooperação. Trabalha com Danças Folclóricas, Étnicas e Coreografadas; com músicas de diversos ritmos, músicas clássicas e cantos universais. **Tem como um de seus propósitos demonstrar que cada pessoa pode entrar em contato com o mais profundo ponto do seu ser, o ponto do coração e, a partir daí, se tornar criativo, alegre e participante ativo na sua comunidade.** Ressalta ainda a importância da diversidade entre os povos despertando o sentido de Unidade Planetária (BROTTO, s/d¹⁵ Grifo da autora).

A cultura da Apôitchá tem na expressão da *espiritualidade* um de seus princípios orientadores, inspiradores... Espiritualidade entendida como a capacidade de relação, em harmoniosa sintonia entre seres humanos e a natureza de modo cooperativo, inclusivo e sistêmico. Como poetiza Leonardo Boff:

Assim a montanha não é apenas montanha. Em sendo montanha, traduz o que significa majestade. O mar evoca grandiosidade; o céu estrelado, infinitude; os olhos profundos de uma criança, o mistério da vida humana e do universo (BOFF, 2008 s/p¹⁶).

Em uma organização, cuja equipe trabalha em defesa e proteção de grupos sociais oprimidos também o sentimento de *compaixão* está presente como um sentimento de partilha e de abertura para a compreensão imediata da figura do outro, fundida ao nosso próprio ser.

[...] a noção de conectividade e compaixão características dos indivíduos com altos níveis de domínio pessoal leva naturalmente a uma visão mais abrangente. Sem ela toda a visualização subconsciente do mundo é profundamente autocentrada – simplesmente uma forma de conseguir o que deseja. Os indivíduos

¹³ Fábio Brotto é escritor, professor e consultor em Pedagogia da Cooperação. Texto disponível em: <http://projetooperacao.com.br>

¹⁴ Eduardo Kopp é um conceituado psicólogo, consultor em desenvolvimento para organizações e institutos sociais, atualmente é conselheiro voluntário da Apôitchá.

¹⁵ Disponível em: <http://projetooperacao.com.br>

¹⁶ Disponível em: <http://www.interacaovirtual.com.br>.

comprometidos com uma visão além do desejo pessoal descobrem que possuem uma energia que não está disponível quando tentam concretizar metas menores, o que ocorrerá também com organizações que buscam esse tipo de comprometimento ‘eu não acredito que existiu **uma pessoa que tenha feito uma descoberta válida ou realizado uma invenção que não tenha experimentado um poder espiritual**’, afirma Inamori (SENGE, 2008, p. 199. Grifo da autora).

A **Apitchá**, como uma organização empenhada e com elementos de forte domínio pessoal, o nível de compromisso e de reciprocidade existente entre seus membros é significativo. As pessoas com altos níveis de domínio pessoal não se programam para integrar razão e intuição. Pelo contrário, conseguem essa integração naturalmente – como subproduto de seu compromisso em utilizar todos os recursos que têm à sua disposição.

O conflito entre intuição [ou organização] e pensamento linear e não sistêmico plantou as sementes de que a racionalidade em si se opõe à intuição. Essa visão é comprovadamente falha se considerarmos a sinergia entre razão e intuição que caracteriza praticamente os grandes pensadores. Einstein disse: **‘Jamais descobri alguma coisa com minha mente racional’**. Certa vez ele descreveu como descobriu o princípio da relatividade imaginando-se viajando em um feixe de luz. Assim ele transformou brilhantes intuições em proposições sucintas e que puderam ser testadas racionalmente (SENGE, 2008, pp. 195-196. Grifo da autora).

As concepções que estão subjacentes ao que defendemos, entendemos e acreditamos são portanto nossos modelos mentais, as orientações internas que nos fazem decidir como agir, como responder a uma questão polêmica, que postura adotar, de flexibilidade ou rigidez... Os modelos mentais, mesmo que não tenhamos consciência deles, estão moldando nosso comportamento e crenças.

(2) Modelos mentais

*Emancipate yourselves from mental slavery
None but ourselves can free our minds.¹⁷*
(Bob Marley, Músico Jamaicano)

Desde o nascimento recebemos influências sociais que constroem imagens, pressupostos e histórias acerca de nós mesmos, de outras pessoas, das instituições (ex. religião, família, casamento e filhos) e de aspectos do mundo e da vida. Essas imagens se constituem em *mapas mentais* cognitivos com os quais percorremos nossa vida. Tais modelos ou mapas criam percepções que nos levam a traduzir experiências, pessoas e fatos segundo uma óptica particular, além de provocar sentimentos e emoções: *‘[os] modelos mentais são pressupostos profundamente arraigados, generalizações ou mesmo imagens que influenciam nossa forma de ver o mundo e de agir.’* (SENGE, 2008, p. 42)

O conceito de modelos mentais surgiu na Antiguidade, mas a expressão foi cunhada pelo psicólogo escocês Kenneth Craik nos anos 1940. Utilizada desde então por psicólogos e cientistas cognitivos, foi aos poucos tomando espaço no campo da administração (SAMPAIO, 2007). Quanto à cognição, de acordo com Senge (1994), o termo se refere a *‘mapas tácitos semipermanentes do mundo que as pessoas retêm em sua memória de longa duração [bem como] às percepções de curto prazo que as pessoas constroem como parte dos seus processos diários de raciocínio’* (Idem. Apud SAMPAIO, 2007, pp. 37-38).

Nossos comportamentos estão de acordo com as teorias que usamos, ou seja, com nossos modelos mentais. No ambiente organizacional, é importante trabalhar com a noção de que é necessário primeiramente *‘virar o espelho para dentro’* (SENGE, 2008, p. 42), enxergar nossas imagens internas, trazê-las à tona e analisá-las profundamente. Além disso, é preciso refletir, estimular a discussão, expressar os pensamentos com disposição de aprendizagem, indagar, argumentar. Assim é possível para cada um melhorar a imagem que tem do mundo, com o intuito de verificar como (re)moldar os próprios atos e decisões.

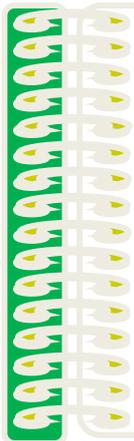
Dentro da organização que aprende é imprescindível criar estratégias para explicitar e trazer à consciência pessoal seus modelos mentais, estimulando cada um a se avaliar e transformar com vistas à tarefa social coletiva. Por essa razão a disciplina domínio pessoal colabora enormemente com a avaliação e a transformação desses modelos, porque possibilita às pessoas o encontro consigo mesmas. Com dinâmica ativa, os modelos mentais, assim, algumas vezes podem acontecer distúrbios de percepção que denotam a diferença entre os modos como as pessoas compreendem uma mesma situação.

¹⁷ ‘Liberte-se da escravidão mental, ninguém além de nós pode libertar nossas mentes’. Tradução da autora.

A Apôitchá e os modelos mentais

Em organizações que adotam uma gestão tradicional, o foco em geral está colocado sobre elementos administrativos que visam controlar e estruturar os processos e procedimentos, independentemente das pessoas neles envolvidos. A nova configuração da organização que aprende focaliza as questões da visão, dos valores e dos modelos mentais (SENGE, 2008). A avaliação e o refinamento contínuo desses modelos implicam o compromisso ininterrupto com a reflexão e o diálogo entre os membros do grupo, com vistas à melhora da imagem que cada um tem do mundo, a fim de verificar como responder a atos e decisões.

Na Apôitchá forma desenvolvidas formas de sistematizar procedimentos por meio de reunir as pessoas em torno do diálogo para refletir e decidir sobre os melhores modelos mentais possíveis, assim como enfrentar qualquer situação que se apresente. O diálogo e as rodas de conversa sempre foram meios de revisar esses modelos mentais.



Lembro-me de uma profissional que não queria trabalhar na ONG de jeito nenhum, mas se sentiu obrigada, pois fora designada pelo poder público em um convênio de cooperação. Ela mantinha crenças e preconceitos contra as pessoas e a missão da Apôitchá, em especial diante dos aspectos das raízes espirituais da ONG, mas desconhecia alguns fundamentos. Seis anos se passaram e a história não acabou, pois a colaboradora, convivendo no cotidiano com apoitcheiros(as) daimistas, venceu esse modelo mental, essa crença, e com um grande sorriso conta sua história para quem quiser ouvir.

(Diário. Lucena, Dezembro de 2011)

Assman (2000) demonstra que os modelos mentais formam a base de nossa compreensão e determinam o padrão de nossas ações. Mudanças do quadro mental alteram a maneira de intervir na realidade. O sistema de valores construído com base nas descobertas pessoais e nas influências familiares e culturais determina a maneira como as pessoas avaliam, atribuem prioridades, julgam e agem perante a realidade (SAMPAIO, 2007, p. 38).

Temos visto que o profissional cujo propósito de vida não se pauta em valores humanitários dificilmente se adapta à cultura da Apôitchá. Alguns, cujo engajamento é diferenciado, podem compor o quadro em sistema de consultoria, assessoria com apoio sazonal, porém para viver o dia a dia dos apoitcheiros(as), no atendimento direto de crianças, adolescentes e famílias, exige uma identificação verdadeira com a missão organizacional. Ou seja, os que fazem o cotidiano da Apôitchá compartilham da mesma visão.

(3) Visão compartilhada

*Sozinho, vi muitas coisas maravilhosas,
mas nenhuma delas era verdadeira.*
(Provérbio Africano)

O “elo” que une o grupo, que conecta as pessoas em uma organização é a visão compartilhada, o sentimento de pertencimento de grupo, aquilo que torna as pessoas co-partícipes e as estimula, impulsionando-as na realização do ideal coletivo. Uma visão só é verdadeiramente compartilhada na medida de sua identificação com as visões pessoais dos membros do grupo.

A visão compartilhada é uma força no coração das pessoas, uma força de impressionante poder. Pode ser inspirada por uma ideia, mas quando evolui – quando é estimulante o suficiente para obter apoio de mais de uma pessoa – deixa de ser uma abstração, torna-se palpável. (SENGE, 2008, p. 233)

Na organização que aprende a visão compartilhada é essencial, pois fornece o foco e a energia para a aprendizagem que expande as habilidades de criar, estimula o risco, a experimentação, e desperta nas pessoas a coragem de criar um futuro comum.

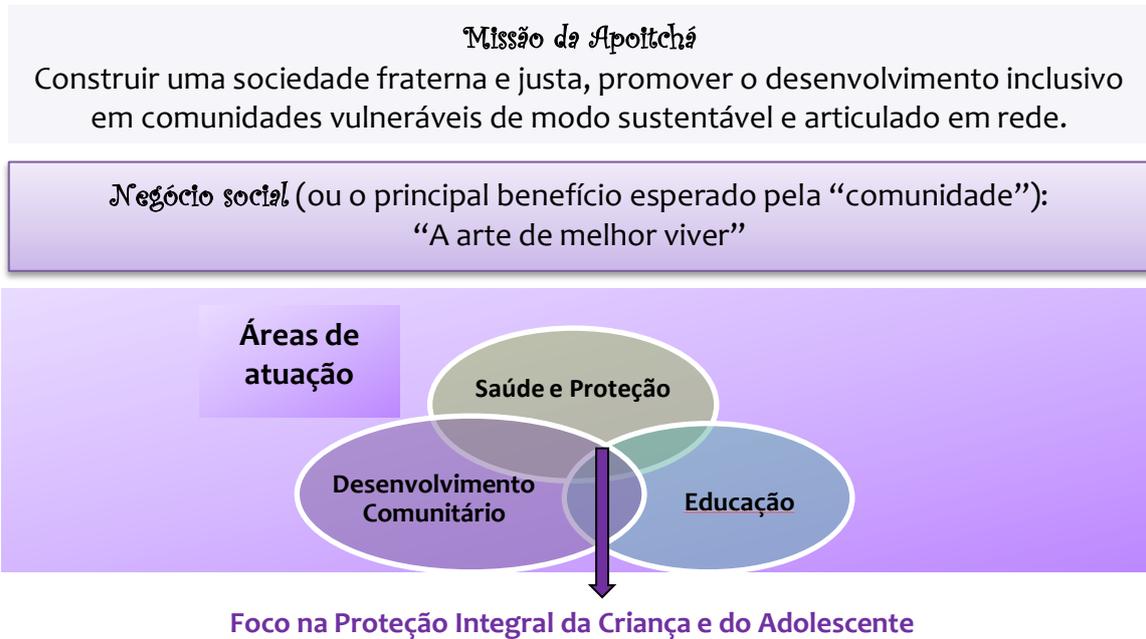
A prática da visão compartilhada envolve as habilidades de descobrir “imagens de futuro” compartilhadas que estimulem o compromisso genuíno e o envolvimento, em lugar da mera aceitação. Ao dominar essa disciplina, os líderes aprendem como é contraproducente tentar ditar uma visão, por melhores que sejam as suas intenções. (SENGE, 2008, p. 43)

Não existe organização que aprende sem o impulso em direção a uma meta que se deseja realizar. É para este fim que estabelecem-se novas formas de pensar e agir diante do curso dos desafios e do estresse gerado pelas histórias reais de dor e sofrimento diante das quais nos sentimos, muitas vezes, impotentes... Portanto, constitui um desafio para os gestores estimular o fortalecimento e o engajamento do grupo com vistas a elaborar estratégias para atingir a visão compartilhada, criando juntos um melhor futuro para a comunidade que servem.

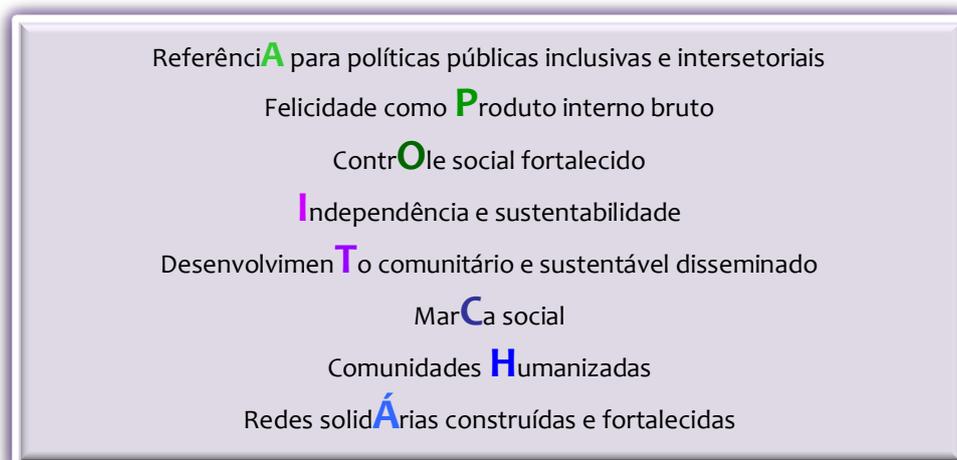
A Apôitchá e a visão compartilhada

Como visão compartilhada, a Apôitchá descreve “a arte de melhor viver”. Esse ‘melhor viver’ tem como base a cultura de paz, a fraternidade, o desenvolvimento inclusivo: o acesso aos bens e serviços, a proteção, a sustentabilidade humana e planetária.

Em 2009, em uma oficina cuja finalidade era revisar a missão da ONG, um grupo de cerca de 30 pessoas realizou atividades coletivas, mediadas pelo psicólogo Eduardo Kopp, durante as quais se definiram a **missão**, a **visão organizacional**, o **negócio social** e os **princípios** da *Apoitcheá*:



Para análise e construção desta visão organizacional compartilhada, o nome *Apoitcheá* foi utilizado como ponto de partida. Colocado em sentido vertical para análise e reflexão conjunta, após diálogo estimulante, a equipe de apoitcheiros(as) desenhou o que se segue:



A **Política** baseia suas ações em cinco normativas:

Declaração Universal dos Direitos Humanos

O documento, proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948, estabelece os direitos universais dos seres humanos, entre os quais o direito à educação, que deve ser oferecida em caráter gratuito e obrigatório, pelo menos no ensino fundamental. A educação deve visar o pleno desenvolvimento da personalidade humana, o fortalecimento dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, além de promover a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

O direito à educação está entre os direitos e garantias fundamentais da Constituição brasileira. A educação é considerada um direito social, ao lado da saúde, da alimentação, do trabalho, da moradia e de outros direitos. É apontada como dever do Estado e da família, a ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Convenção sobre os Direitos da Criança

O instrumento foi adotado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1989 e oficializado como lei internacional no ano seguinte. Reconhece o direito da criança à educação e orienta os países membros a tornar o ensino primário obrigatório e disponível gratuitamente a todos. Recomenda, também, que adotem todas as medidas necessárias para assegurar que a disciplina escolar seja ministrada de maneira compatível com a dignidade humana. Estabelece que a educação seja orientada para desenvolver a personalidade, as aptidões e a capacidade mental e física da criança em todo seu potencial, e que a criança seja preparada para assumir uma vida responsável numa sociedade livre, com espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade e amizade entre os povos.

Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei Federal no. 8.069/90)

A lei estabeleceu um novo paradigma na forma de tratar a criança e o adolescente no Brasil, ao dispor sobre sua proteção integral e considerá-los “sujeitos de direitos” e prioridade absoluta nacional. O ECA nomeou a família, a comunidade e o poder público como as instâncias responsáveis por assegurar os direitos fundamentais da criança e do adolescente, reconhecidos como pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.

Convenção Internacional dos direitos da Pessoa com deficiência (Promulgada no Brasil pelo DECRETO Nº 6.949, DE 25 DE AGOSTO DE 2009)

A Convenção, de acordo com a ONU, é um instrumento de direitos humanos, com explícita dimensão de desenvolvimento social. Ela reafirma que todas as pessoas com todos os tipos de deficiência devem gozar de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais – e esclarece exatamente como as categorias de direitos devem ser aplicadas. Além disso, identifica especificamente áreas onde adaptações precisam ser feitas para permitir às pessoas com deficiência que exerçam efetivamente seus direitos, bem como áreas onde seus direitos foram violados e onde a proteção de seus direitos deve ser reforçada.

No mesmo dia, o grupo reunido discutiu, refletiu e deliberou sobre os **princípios** orientadores da ONG, concluiu e sistematizou:

1. diálogo
2. mediação de conflitos
3. gestão participativa
4. reflexão sobre a prática
5. responsabilidade
6. ressignificação das identidades culturais
7. compromisso com a justiça social e os direitos humanos
8. desenvolvimento inclusivo
9. respeito ao meio ambiente
10. visão holística do ser
11. espiritualidade
12. garantia de acesso à cultura e à informação
13. arte como meio de autoconhecimento e transformação social
14. conhecimento e transformação social
15. criança e adolescente: prioridade absoluta
16. respeito à diversidade
17. cooperação
18. ética
19. fraternidade

Os princípios sistematizados pelo grupo refletem as crenças, vivências e experiências de gestão e desenvolvimento de inúmeros projetos ao longo de 12 anos.

Os projetos de uma organização da sociedade civil comprometida com a mudança social, como trato nesse livro, são concebidos como resultados de levantamento de demandas. Algumas vezes, como vimos na disciplina domínio pessoal, a concepção de um projeto é motivada pelo sonho pessoal de um indivíduo ou grupo de pessoas, motivação essa que é apropriada e ressignificada pelo coletivo das pessoas envolvidas na tarefa de desenhar a nova proposta. Ao apropriar-se do ‘sonho de alguém’, o coletivo investe força na materialização do mesmo.

A visão compartilhada pode também nascer em meio a crises que desestabilizam, mas fortalecem se promove aprendizagem e crescimento humano. Assim, ambos - sonhos e crises - constituem forças que podem gerar movimentos em direção à mudanças profundas. O exemplo a seguir, ilustra a emergência de projeto relevante, mas que infelizmente nasceu com o falecimento de uma pessoa.



História 2. Do limão se faz limonada

Em agosto de 2008, após um acidente automobilístico, um homem jovem que estava alcoolizado e não usava capacete, morreu ao colidir sua motocicleta com o carro institucional da ONG Apôitchá. Esse triste episódio uniu o grupo da Apôitchá e fortaleceu a visão de mundo acerca da cultura de paz, e foi assim, que do ‘limão se fez limonada’ abrindo o diálogo e a reflexão sobre a problemática do uso abusivo de álcool e de sua relação com a violência. Com o engajamento de toda ONG conseguimos, rapidamente articular toda a cidade em uma Campanha de erradicação da violência causada pelo uso abusivo do álcool, que representou um marco de ressignificação da dor e mostrou a cultura de resiliência presente na Apôitchá.

A reflexão sobre o ocorrido mobilizou a organização, que acionou o parceiro *Terre des Hommes-TDH Holanda*⁵⁸. No monitoramento que fazíamos para a TDH, já havíamos detectado que 90% das famílias das crianças atendidas na Casa Lar A Roda do Sol havia a alarmante problemática do uso abusivo de álcool por parte de familiares, fator que desencadeia violência doméstica.

⁵⁸ Terre des Hommes – TDH Holanda é uma agência de cooperação que estabeleceu parceria com a Apôitchá no período de 2007-2010. Mais detalhes apresento no capítulo 4, na Linha do tempo.

Com o apoio de toda a *Rede Local de Proteção Integral da Criança e do Adolescente de Lucena*⁵⁹, a Apôitchá convocou novos atores e parceiros⁶⁰ para empreender a *Campanha de Erradicação da Violência Contra a Criança e o Adolescente* causada pelo uso abusivo do álcool. O objetivo da iniciativa de nível estadual foi sensibilizar e mobilizar o poder público e a sociedade civil dos municípios de Lucena, Santa Rita, João Pessoa, Bayeux e Cabedelo – quanto à necessidade de construção de políticas públicas voltadas para o enfrentamento do problema. A partir desse momento a *Rede Local de Proteção Integral da Criança e do Adolescente* dá os primeiros passos para a consolidação de uma referência para as políticas públicas de atenção integral à criança e ao adolescente no estado da Paraíba.



A Campanha produziu uma série de peças: cartazes, banners, adesivos, cartilha informativa, vinhetas, outdoor, jingles, eventos artísticos e educativos. No Capítulo 4 há mais detalhes sobre esse importante Projeto.



⁵⁹ A Rede Local de Proteção Integral da Criança e do Adolescente de Lucena foi estimulada pela Apôitchá desde 2002 e hoje (2013) se constitui como um coletivo de organismos sociais e do poder público de Lucena, que fundamentam suas ações em documentos como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Convenção Internacional dos direitos da Criança (CDC) visando garantir e proteger integralmente a infância e juventude local. Os encontros da Rede acontecem mensalmente no prédio do poder judiciário local.

⁶⁰ Membros da Rede local e outros atores se uniram em prol da Campanha, a saber: Rede Margarida Pró Criança e Adolescentes (REMAR), gestores das Secretarias Municipais de Educação, Defesa Social e Saúde, Juizado da Infância e Juventude de Lucena, Ministério Público, Programa de Erradicação do trabalho Infantil (PETI), Grupo gestor Municipal do Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), Centro de referência especializada de assistência social (CREAS), Centro de referência de assistência social (CRAS), Coordenadoria de Políticas para as Mulheres (CPPM), Conselho Municipal dos direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), Conselho Municipal de Educação (CME), Jorge Camilo advogados associados, Associação Mãos que se ajudam, Conselho Tutelar, lideranças comunitárias, Comissão de Protagonismo Juvenil de Lucena, Pastoral da Criança, Igreja Católica, Igreja Céu da Flor da Nova Era, Igreja Batista, Associação Mãos Que Se Ajudam, Universidade aberta do Brasil (UAB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) através do Setor de Estudos e assessoria aos movimentos populares (Seampo) e Incubadora de empreendimentos sociais (Incubes) da Pro Reitoria de Assuntos Comunitários (PRAC), Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Centro de atendimento psicossocial álcool e drogas (Caps-AD/JP), Secretaria de políticas para as mulheres de João Pessoa (SPPM) e Delegacia de Polícia de Lucena.

(4) Aprendizagem em equipe

*Um mais um é sempre
mais que dois.*
(Beto Guedes, Músico Brasileiro)

Aprender juntos significa aprender a aprender, por meio de apreender o outro (UNESCO, 1996). No processo de aprendizagem como as teorias do desenvolvimento da aprendizagem organizacional evidenciam (SENGE, 1990; POELL e TIJMENSEN, 1999; SALLIS e JONES, 2002; ARGYRIS, 1994; BOLIVAR, 1997) necessariamente deve ocorrer interação para que a aprendizagem se efetive. A interação humana nesse sentido é fundamental para aquisição de conhecimentos formais e informais, para a formação humana e para a clarificação de possíveis caminhos a seguir. Na mesma linha, a aprendizagem em equipe é uma disciplina que exige interação autêntica entre as pessoas, atitudes colaborativas e *‘horizontes compartilhados para um diálogo produtivo’* (AYRES, 2009, p. 13).

Tais condições e valores devem ser considerados e sentidos por todos(as), os quais vão subsidiar as ações contra os desafios a serem superados em um contexto em que a experiência escolar fragmenta conhecimentos, currículo, relações e reproduz a cultura das classes dominantes (SILVA,1999). As relações de poder e a competitividade que é estimulada na sociedade contemporânea provoca incertezas e medo do fracasso, sentimentos que pode criar na criança e no jovem uma sombra sobre a importância da relação com o outro, a totalidade da vida enquanto dimensão humana, a solidariedade e a cooperação como elementos-chave da nossa realização pessoal.

O diálogo ocupa papel chave no processo de formação dos valores orientadores da ação e convivência em uma organização. Constitui pedra fundamental da aprendizagem coletiva e caracteriza-se pela comunicação entre os pares mediada pela intersubjetividade, pela linguagem interativa e por saberes compartilhados entre os envolvidos. (MELO, 2005).

Aprendizagem em equipe é uma disciplina que exige pensar coletivamente, transformar as aptidões coletivas ligadas ao pensamento e à comunicação dialógica. Em uma organização aprendente é necessário instalar um processo de desenvolvimento e potencialização da capacidade de dialogar de modo que a inteligência e a capacidade do grupo sejam maiores que a soma dos talentos individuais. É um processo de alinhamento e desenvolvimento da capacidade do grupo na criação dos resultados almejados. (SENGE, 2008)

[...] a disciplina aprendizagem em equipe começa pelo diálogo, a capacidade dos membros de deixarem de lado as ideias preconcebidas e participarem de um verdadeiro *‘pensar em conjunto’*. Para os gregos, *dia-logos* denotava o livre fluxo de significado em um grupo, permitindo novas ideias e percepções que os indivíduos não conseguiriam ter sozinhos. (Idem, idem. p. 44)

Um desafio que se manifesta em organizações é o de como lidar de forma dialógica, cooperativa e criativa com as forças poderosas de oposição ao diálogo e à discussão produtiva nas equipes de trabalho. Com frequência, nessas organizações, diálogos transformam-se em disputas improdutivas que geram distanciamento, radicalismos de posturas, e incompreensões, acabando por instalar no grupo a impossibilidade de comunicação aprendente. A experiência da *Apóitche* evidencia, ao longo de anos, como construir equipes de trabalho e comunidades comprometidas com a aprendizagem coletiva e o diálogo.

A Apóitche e a aprendizagem em equipe

Como mencionado anteriormente, na *Apóitche*, uma das ferramentas adotadas para o desenvolvimento da aprendizagem em equipe foi a Pedagogia da Cooperação, que Brotto (2008, p. 1), consultor na área de educação e expert em jogos cooperativos, define como

[...] um Caminho de Ensino Compartilhado, onde cada um e cada uma é um mestre-aprendiz. É uma jornada de descoberta de si mesmo e do mundo, através do encontro com os outros, convivendo situações-problema que nos desafiam a encontrar soluções cooperativas para o sucesso de todos e para o bem-estar Como-Um.

Construir o diálogo na perspectiva de uma ação comunicativa para o êxito e bem estar do coletivo é um trabalho que exige persistência, sistematicidade e um método. No caso da *Apóitche* algumas estratégias de facilitação da aprendizagem em equipe foram combinadas a partir de ações internas de formação. No capítulo 4, detalho como Eduardo Kopp introduziu a Pedagogia da Cooperação na ONG e plantou as sementes, a partir das quais os apoitcheiros(as) provocaram intensas mudanças na gestão da organização, cultivando-as.

[...] saber vivir en armonía del hombre con la naturaleza, donde los niños de hoy aprenden a respetar a la naturaleza através de las emociones y no del control de aquellas por medio de la razón [...] no solo ha de enseñar valores, hay que vivirlos desde el vivir en la biología del amor, no hay que enseñar cooperación, hay que vivirla desde el respeto por si mismo que surge en el convivir en el mutuo respeto. (MATURANA, 2003, pp. 11-12)

Convivência com respeito mútuo, respeito a si próprio(a) e respeito à natureza são valores negligenciados em muitas organizações públicas, privadas ou mesmo do terceiro setor em função das prioridades administrativas e financeiras. Com frequência, como é público e (infelizmente!) elemento constitutivo da cultura e da imagem do Brasil no mundo, a corrupção política e a cultura de favores aos privilegiados nas várias instâncias sociais e políticas, fragmentam e deterioram as relações humanas em todos os níveis, impedindo o crescimento do sentido de pertencimento a um grupo, a um coletivo porque os valores são flutuantes em função da marés de benefícios e privilégios.

O rompimento com essa herança perniciosa e prejudicial a cada um e a todos(as) somente pode se dar com uma visão e abordagem sistêmica da organização, nas quais todos os fatores relevantes são considerados e ponderados face às urgentes demandas e processos de mudança sociais, a partir dos quais fortalecem-se os valores necessários à construção de uma identidade de pertencimento e autovalor.

Uma organização que aprende é um lugar onde as pessoas descobrem continuamente como criam sua realidade. E como podem mudá-la. Como disse Arquimedes: ‘Dê-me uma alavanca longa o bastante... e, com uma das mãos, moverei o mundo’.
(SENGE, 2008, p. 46)

(5) Pensamento sistêmico

A vida é um todo indivisível.
(Mahatma Gandhi, Líder e Pacifista Indiano)

O pensamento sistêmico é a quinta disciplina proposta por Senge (2008). Integra as outras disciplinas fundindo-as em um corpo coerente de teoria e prática. A visão dos membros de uma organização sem a apropriação do pensamento sistêmico acaba projetando telas no futuro sem uma clara perspectiva dos processos que devem ser desencadeados para atingir os objetivos pretendidos. Uma visão sem uma profunda compreensão das forças que precisam ser coordenadas e articuladas, com vistas à realização de projetos sociais que promovem desenvolvimento humano, está dada ao fracasso. Por isso,

no coração da organização que aprende encontra-se uma mudança de mentalidade – em vez de nos vermos como algo separado do mundo passamos a nos ver conectados ao mundo; no lugar de considerar os problemas causados por algo ou alguém “lá fora”, enxergamos como nossas próprias ações criam os problemas pelos quais passamos. (SENGE, 2008, p. 46)

Ou seja, há uma interconexão entre partes e todo. Há cerca de 200 anos, Goethe⁶¹ (1749 - 1832) já destacava o *todo* apresentado em partes: a parte, então, compreendida como uma manifestação do todo e não apenas como um componente dele (SENGE et al, 2007). O todo é indivisível e a quinta disciplina – o pensamento sistêmico – busca justamente recuperar essa fragmentação, oriunda dos nossos bancos de escola.

O nascimento de uma visão organizacional sistêmica, portanto, coletiva, costuma ser observado nas ações de formação de equipes, denominadas ‘jornadas de

⁶¹ Johann Wolfgang von Goethe (Frankfurt, [28 de Agosto de 1749](#) — [Weimar, 22 de Março de 1832](#)) foi um [escritor alemão](#) e pensador que também fez incursões pelo campo da ciência. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da [literatura alemã](#). Fonte Wikipedia.

aprendizagem' (AFONSO, 2010 s/p). Para constituir esta comunidade de aprendizagem, grupos de pessoas são convidados a refletir sobre temas relevantes para um determinado contexto, com base no contato com a realidade, a partir da qual buscam respostas nas experiências e descobertas conjuntas.

A arte do pensamento sistêmico consiste em reconhecer cada vez mais as estruturas complexas e sutis das organizações, em meio a todos os detalhes, pressões e problemas a ela inerentes e presentes em todos os contextos gerenciais. A essência de dominar o pensamento sistêmico como disciplina gerencial está na identificação de padrões, enquanto os outros vêem apenas eventos e forças contra as quais reagir. (SAMPAIO 2007, p. 43)

O termo “complexidade” deriva de *complexus* (aquilo que é “tecido” junto). É o entrelaçamento dos diferentes elementos que compõem o fenômeno, o que representa um desafio, um esforço para compreender a trama que, no primeiro momento, é compreendida como um obstáculo, ‘*como um nevoeiro, como confusão, como incerteza, como incompressibilidade algorítmica, incompreensão lógica e irreduzibilidade*’ (MORIN, 1998, p. 188, *apud* BONILLA, 2002).

Por exemplo, como a história 2. *Do limão se faz limonada*, a complexidade da associação de problemas graves como o uso abusivo do álcool, o acidente de trânsito e a violência doméstica, transformou em um enorme desafio para os apoiadores(as) que se debruçaram sobre o fenômeno social e pensaram juntos sobre a melhor forma de abordá-lo. A força da equipe e a clara visão do papel social enquanto grupo atuando em contextos com alta complexidade, mobilizou-nos e fortaleceu-nos no sentido de mapear os fatores componentes da demanda social a ser superada, a partir dos quais a *Campanha de erradicação da violência contra a criança e o adolescente causada pelo uso abusivo do álcool* foi concebida.

Complexidades não são simplificáveis (!). A tentativa de simplificar um fenômeno social, tais como aqueles vividos pela comunidade lucenense e foco de atenção da equipe de apoiadores(as), seria o mesmo que assumir a incapacidade de enfrentá-lo, pois a sua simplificação necessariamente significaria a redução de sua importância e a desvalorização dos prejuízos causados à comunidade.

[...] a complexidade comporta e aceita em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza, lutando contra a mutilação, a redução simplificadora, portanto, o estatuto de análise cartesiano que simplifica, decompõe, desmonta o todo em partes elementares presumindo existir uma transparência no objeto que permite buscar e elaborar uma síntese, uma explicação retroativa desse objeto, não permite observar e descrever o complexo do mesmo. (BONILLA 2002, p. 30)

Não simplificar a complexidade, portanto, nos convoca e mobiliza para a união de noções porque procura estabelecer a comunicação entre os pares (organização e comunidade), a escuta que abre amplamente o diálogo entre aqueles que estão em posições distintas, porque se esforçam juntos em obter uma ‘*visão poliocular ou*

poliscópica de modo que as dimensões físicas, biológicas, espirituais, culturais, sociológicas e históricas daquilo que é humano deixem de ser incomunicáveis' (MORIN, 1998, pp. 30-31, *apud* BONILLA, 2002). A dor da menina sol, por exemplo, se transformou na dor dos apoitcheiros(as), e se fez refletir em ações sistêmicas que transformaram a vida de todos os envolvidos (!).

A *Apoitchá* e o pensamento sistêmico

A equipe da *Apoitchá* busca perceber o mundo como uma rede integrada de relacionamentos e ações, todos articulados com o propósito de romper com o panorama de vulnerabilidade social. Para conseguir harmonia entre os(as) apoitcheiros(as) e a articulação entre as tarefas ou ações de cada grupo dentro da organização é necessário que sejam desenvolvidas habilidades e competências e que todos se envolvam de maneira plena e consciente nos projetos. Por exemplo, os apoitcheiros que se dedicam aos serviços gerais participam das reuniões de gestão, pois se entende que cada apoitcheiro(a) faz parte do todo complexo.

Novas formas de fazer, experimentar e refletir juntos são, portanto, operacionalizadas visando criar oportunidades de superação das dinâmicas complexas da comunidade e a promoção de resiliência. Isso envolve um processo de disponibilização e compartilhamento de informações, ao mesmo tempo em que se estabelece a comunicação entre os membros do grupo sobre os objetivos a serem atingidos nos projetos. Por isso, o diálogo e a discussão produtiva constituem elementos chave na abordagem sistêmica e aprendente da *Apoitchá*.

todas as ações humanas, qualquer que seja o espaço operacional em que se dão, se fundamentam no emocional, porque ocorrem em um espaço de ações especificado a partir de uma emoção. O raciocínio também. (MATURANA 1998, p. 82)

Na *Apoitchá* não há como dissociar emoção e razão, pois a gravidade dos fenômenos sociais e humanos inevitavelmente penetra a vida de cada apoitcheiro(a), que mobiliza sua razão para atuar na direção de transformar este fenômeno. A execução das ações e seus produtos delinea-se conforme as habilidades e as funções de cada pessoa, mas a relação sistêmica entre os processos determina que os trabalhos não sejam realizados de forma isolada. As pessoas contribuem entre si, isto é, cooperam no trabalho das demais, ainda que estas não sejam da mesma área ou setor.

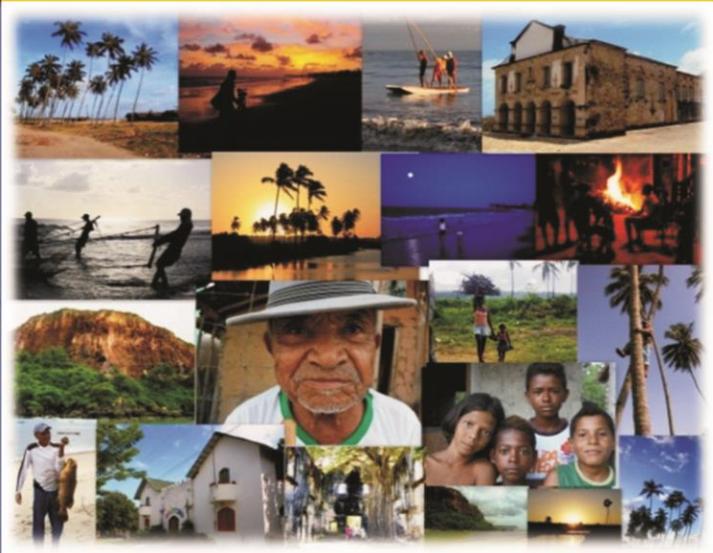
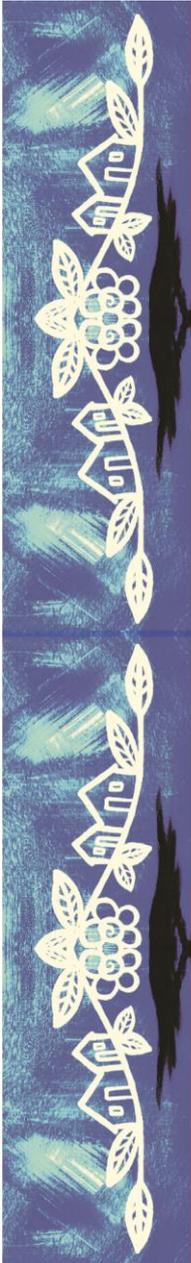
A separação do todo em sistemas provém de uma necessidade didática e científica, mas acabou gerando um profundo distúrbio de percepção na civilização moderna. Para apreender a fundo a interconexão dos fenômenos, devemos remover a separação existente entre os sistemas e os ambientes que os cercam. Só assim estaremos aptos a captar efetivamente a indivisibilidade do todo representado pelo (RICHE e MONTE ALTO, 2001). Pensar de modo sistêmico, portanto, significa conceber novos modelos de análise e criar novos campos semânticos com vistas à

elaboração e à compreensão das inter-relações e das forças que interferem nos diferentes níveis dos próprios sistemas, quais sejam, as forças comportamentais, política, social, cultural, ambiental, entre outras.

Em consonância com a visão espiritual plantada e semeada com a chegada da *Apôitchá* em Lucena, posso afirmar que fazemos parte do mesmo universo criativo e, por essa razão, interagimos mutua e harmonicamente.

No capítulo quatro deste livro detalho os **marcos** da construção da *Apôitchá* como uma organização aprendente. Elaborar esta **linha do tempo** resgatando a história da ONG me ajudou a compreender e refletir sobre todos os elementos descritos por SENGE (2008) nas cinco disciplinas. Não tenho dúvida de que nossa experiência como apoiadores(as) e como uma organização aprendente-membro da comunidade de Lucena pode levar algumas luzes para outras organizações brasileiras ou de outros países que, tanto quanto a *Apôitchá*, lutam para contribuir com a construção de um mundo melhor para todos(as), onde as desigualdades sejam amenas e as possibilidades sejam inimagináveis. Aprender a ser uma organização aprendente é um desafio que vale a pena aceitar. Por isso, espero que este livro inspire outros(as)...

No próximo capítulo você conhecerá a litorânea Lucena, solo onde foi semeada a ONG *Apôitchá*.



capítulo 2

em cena. lucena



História 3. O Menino Ibirajá⁶²

Em 2008, num dia cheio de sol, perto das 14 horas, a conselheira tutelar Jandira⁶³ e eu, seguimos para atender a um chamado: menino com deficiência em situação de privação. Paramos o carro, seguimos a pé, no caminho atravessamos um córrego de esgoto onde pequena tábua fazia a vez de uma ponte. Lá, no fundo, diante do nosso olhar, se via uma casa de taipa no meio de um terreno de areia. O que nos esperava? Certa ansiedade tomou conta de nós. Tínhamos de reunir coragem. Alcançamos a casa, na porta da qual um homem idoso, sozinho, sem esposa, com 80 anos de idade e o olhar vago (pai do menino Ibirajá). Ibirajá tinha 12 anos e deficiência intelectual grave. Após breve apresentação adentramos em um cômodo e lá estava ele, amarrado com uma corda de varal pelo tornozelo, no pé da cama. A vida do menino, recortada naquela cena, causou-nos choque, profunda dor e compaixão. O pai não se defendeu, não havia defesa. Essa foi a saída que ele encontrou para impedir as fugas do menino. Na última fuga Ibirajá andou mais de 30 quilômetros por uma estrada perigosa, sem acostamento em busca de chegar a Lerolândia⁶⁴.

A história de Ibirajá reflete o dramático cenário sócio, econômico, cultural e educacional dos lucenenses, nordestinos, paraibanos, que, como veremos nesse capítulo são produto de uma região brasileira ainda distante dos índices das regiões mais desenvolvidas do país, conforme trato na seção 2.5. Essa realidade perversa, injusta afeta diretamente o desenvolvimento humano, oportunidades e chances na vida das crianças e jovens que nascem em Lucena.

O presente capítulo apresenta um retrato do Estado da Paraíba, dentro do qual abordarei o cenário local lucenense em profundidade: elementos culturais, educacionais, geografia e paisagens e, principalmente, os graves problemas sócio-ambientais e políticos que perpassam historicamente a vida das pessoas comuns.

Aqui revolvemos o solo dentro do qual a história e memória da *Apôitchá* se inserem. O tom que assumo ao retratar Lucena, portanto, é de denúncia de vulnerabilidades no contexto da vida real, tema fundamental quando se trata de estudar o papel de uma ONG *aprendente*, cujo princípio orientador de programas e projetos tem sido o

⁶² O nome Ibirajá em tupi-guarani significa planta que dá frutos. Fonte: www.dicionariodenomesproprios.com.br/

⁶³ Jandira significa doce, mas firme. Fonte: (Idem)

⁶⁴ Lerolândia é um distrito do município de Santa Rita, Paraíba fica distante cerca de trinta quilômetros de Lucena.

compromisso político e social com a melhoria da qualidade da vida comunitária, por meio da intervenção direta e participativa.



Vulnerabilidade

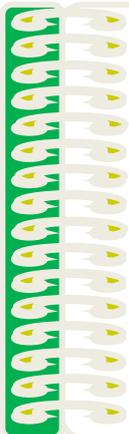
As pessoas não são vulneráveis, elas estão vulneráveis sempre a algo, em algum grau e forma, e em um certo ponto do tempo e espaço. A vulnerabilidade é multidimensional, existem gradações (diferentes graus) e é instável (as dimensões e os graus mudam constantemente ao longo do tempo. (AYRES. 2002. p. 124.)

Minha chegada à Lucena



Ao chegar à cidade de Lucena, notei que os modos de vida das pessoas, suas expressões culturais e linguagem se constituem em instrumentos de uma comunidade fortemente ligada à cultura da pesca artesanal e da vida simples. O lugar tem rica beleza natural, rios, coqueirais, praias preservadas, quietude interiorana na maior parte da temporada anual, muitas crianças, precariedade de infraestrutura, pobreza e vulnerabilidades.

(Diário. São Paulo, Janeiro 2004)



Lucena está situada a 50 quilômetros no litoral norte de João Pessoa, capital da Paraíba. O acesso à cidade pode ser feito por balsa ou pela rodovia PB -025. A balsa, operada por uma empresa privada⁶⁵, parte do porto de Cabedelo e a travessia dura 25 minutos.



A estrada, em geral, não oferece segurança porque o asfalto é danificado em muitos trechos, há um tráfego intenso de caminhões que carregam coco e cana-de-açúcar das usinas, inexistem o recuo de acostamento e sinal de telefonia, ou seja, diante de qualquer dificuldade nesta estrada, o motorista está apuros.

Na viagem de balsa, no final do dia, é possível apreciar um pôr do sol maravilhoso, avistar a área portuária e, eventualmente, ter a surpresa de ver alguns botos. Por terra, a paisagem oferece canaviais e belos coqueirais, mas não sem expor o lixo à beira da estrada, especificamente na área de Lerolândia⁶⁶, distrito de Santa Rita, município vizinho.

História local

Em 2001 Lucena era uma típica cidade litorânea de porte pequeno, habitada por pescadores à época do nascimento da *Apóitchá*. Hoje (2013), ainda pequena, a cidade possui 12.029 habitantes (IBGE, 2012), distribuídos em bairros e comunidades rurais. Naquele período a população era menor não só em número como também na ocupação do espaço geográfico: a cidade era tomada por construções de palha e taipa com ruas inteiras habitadas por catadores de coco e pescadores.

Pesca Predatória à baleia

Historicamente a região de Lucena tem a tradição da pesca predatória, muito provavelmente uma herança da caça às baleias nesta região do Brasil.

⁶⁵ O serviço de balsa custa\$ 1,00 (um real) por trecho/passageiro e R\$ 11,70 (onze reais e setenta centavos) por trecho/ automóvel de dois eixos.

⁶⁶ NA. O YOUTUBE constitui um canal de aquisição de conhecimentos, informações e inspiração disponível 24 horas por dia. Inúmeros filmes e documentários sobre estes e outros líderes da humanidade estão disponíveis gratuitamente. Basta acessar o <http://www.youtube.com/watch?v=GLhsrt5DSN8> e assistir Lerolândia e o problema do saneamento básico. Consultada realizada em 19 de março de 2013.

[...] por quase oito décadas, de 1911 a 1987, se estruturou e se desenvolveu em Lucena, na praia de Costinha, um empreendimento comercial, cuja atividade econômica girava em torno da caça aos cetáceos, baleias especialmente das espécies jubarte (*Megaptera novaeangliae*), espadarte (*Balaenoptera borealis*), bryde (*Balaenoptera edeni*), azul (*Balaenoptera musculus*), cachalote (*Physeter machocephalus*), minke (*Balaenoptera bonaerensis*). (AGUIAR e FILHO, 2011, p. 48)

Nesta estação baleeira estruturada na praia de Costinha se travava uma luta impiedosa entre homens e os maiores animais: foram caçadas aproximadamente 22 mil baleias, segundo dados da Companhia de Pesca do Brasil (Copesbra), empresa nipo-brasileira que administrou a unidade a partir de 1958 até 1987, quando houve a proibição da pesca.

Nas águas de Costinha, Estado da Paraíba um total de 10.886 baleias minke foram capturadas de 1963 até 1980. Após 1982, a baleia minke passou a ser a única espécie caçada no Brasil, como também a de maior importância econômica em nível internacional, representando 85% das capturas mundiais. No período de 1970 a 1985 as capturas de baleia minke em Costinha variaram entre 600-1000 por ano, indicando que considerável número de baleias minke migravam para esta região (HORWOOD, 1990, apud Lucena, 2006, p. 177).

A caça da baleia terminou há 25 anos no Brasil, com a aprovação da Lei Federal nº 7.643/87 da Presidência da República, que tornou ilegal a caça aos cetáceos. “Fica proibida a pesca, ou qualquer forma de molestamento intencional, de toda espécie de cetáceo das águas territoriais brasileiras” (BRASIL, 1987). A pena é de dois a cinco anos de reclusão e multa.

Apesar de passadas quase três décadas e de aprovadas leis federais que asseguram o controle da pesca para prevenir a extinção das espécies marinhas, os pescadores locais se queixam da redução contínua e sistemática do pescado na região.

O turismo predatório

No plano social e turístico, a cidade que cresceu aterrando e desmatando parte dos mangues que fazem parte do delta do Rio Paraíba, sofre sazonalmente com a crescente vinda de veranistas para as praias locais. Na época do Carnaval, por exemplo, os jornais locais registram a presença de mais de 100 mil veranistas, quase dez vezes o número da população local⁶⁷.

Indiscutivelmente a invasão turística agrava os problemas de saúde pública devido à ausência de saneamento básico, infraestrutura inadequada e a deficiência da coleta seletiva de lixo. Resíduos deixados nas portas das casas de veraneio tornam-se alimento para animais soltos, como vacas e cavalos. A ‘temporada turística’, portanto, é um sério fator de deterioração do meio ambiente que colabora,

⁶⁷ Contribuição da historiadora e pesquisadora Valéria Adissi para um estudo interno da Apôitchá.

significativamente, com o aumento de vulnerabilidades sociais na comunidade de Lucena.



É necessário enfatizar que apesar das nefastas consequências aos moradores de Lucena da invasão dos turistas em épocas de festas, até hoje a Prefeitura local não desencadeou um processo de análise deste fenômeno: não há dados oficiais sobre os prejuízos sociais causados à população que já vive em situação de vulnerabilidade. A história da *menina sol*, cuja história foi contada no primeiro capítulo, é fruto de exploração sexual nesta época do ano.

No início do século, a cidade de Lucena ainda não estava politicamente organizada: não havia organismo comunitário fortalecido, ONGs, conselhos de direitos e outros. A cidade carecia da presença de lideranças políticas nascidas na comunidade. Nesse lugar, abandonado pela gestão pública, cabia e era urgente a presença de uma organização da sociedade civil comprometida com o desenvolvimento social, ambiental e político.

Apóitchá, como a primeira organização não governamental a se instalar na cidade, preencheu essa lacuna, abrindo as portas para o desenvolvimento da comunidade. Os contrastes sociais, ambientais e educacionais visíveis em Lucena revelam a luta pela sobrevivência humana em um cenário de vulnerabilidades que, a seguir, é caracterizado a partir da apresentação de índices nacionais de desenvolvimento, hoje disponíveis virtualmente e facilmente acessíveis.

Alguns números oficiais da vulnerabilidade

Embora o dado do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), no quadro acima mencionado aponta para o crescimento do país no *ranking* mundial, os números oficiais a seguir abordados são estarrecedores pois representam que, apesar do país ser visto hoje como uma nação que superou a crise internacional e está em franco período de desenvolvimento, quando se trata de direcionar o olhar para

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mede o progresso de uma nação a partir de três dimensões: renda, saúde e educação.

A ideia de desenvolvimento humano pode ser traduzida pela imagem das pessoas vivendo feliz e produtivamente, realizando assim os seus

comunidades remotas, no nordeste brasileiro como é o caso de Lucena, esses índices não são tão animadores(!). Para muito além das ‘praias nordestinas paradisíacas’ que turistas nacionais e internacionais almejam conhecer um dia, há uma realidade triste – para não dizer trágica – que reflete a luta nordestina que sobrevive, historicamente, ao descaso e abuso de poder dos políticos e das famílias com privilégios sociais e econômicos.

IDH

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)⁶⁸ no Atlas de Desenvolvimento Humano, informa que o *Índice de Desenvolvimento Humano* (IDH, 2003) de Lucena no *ranking* dos municípios é de 0,604, com 54,30% como taxa de pobreza da população local. Mais da metade da população lucenense, portanto, vive em pobreza.

IDI

Na mesma linha, no *ranking* do Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI) publicado pelo UNICEF (2006), Lucena se encontra na posição 125 entre os 223 municípios paraibanos, com IDI de 0,508. A cidade de Várzea possui o maior IDI do Estado da Paraíba em 0,814. No Brasil Lucena ocupa a **posição 4.059 entre os 5.560 municípios** evidenciando uma situação preocupante para as chances na vida de crianças e jovens dessa região.

IDEB

O Índice do desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) revela que a Paraíba se encontra abaixo da média do Brasil em relação aos três níveis abordados: ensino fundamental anos iniciais, fundamental anos finais e médio. Para o ensino fundamental final apresenta 3,4 pontos e o Brasil apresenta 4,1 pontos. Nesta modalidade a Paraíba ainda está abaixo do Nordeste que apresenta 3,5 pontos. (MEC, INEP, 2011).

A Paraíba tem ainda, 17,2% da população acima dos 15 anos de idade que se encontra em condição de analfabetismo (IBGE, 2010).

O analfabetismo no nordeste é de 17,6% o índice mais alto de todo o Brasil, segundo dados do IBGE (2010).

VIOLÊNCIA

Com relação ao fenômeno da violência sexual (abuso, exploração, pornografia, tráfico de crianças e adolescentes), o Relatório do Brasil sobre direitos humanos e denúncias (2011) revela que o Nordeste do foi a região que mais efetivou denúncias pelo disque 100 sobre casos de violação dos direitos humanos de crianças e adolescentes. Os casos de violência sexual registrados no sistema público em 2011 mostram que as meninas continuam sendo a maioria das vítimas (83,2%), e o estupro é o crime mais denunciado em 12.132 registros.

O Mapa da Violência contra a criança e o adolescente (2012) revela um dado altamente preocupante em relação aos homicídios de crianças e adolescentes entre

⁶⁸ Até a publicação do Atlas 2013, as informações de IDH-M disponíveis para referência e uso são relativas ao Atlas de Desenvolvimento Humano 2003 com base nos dados do Censo de 2000. Portal PNUD: Fonte: <http://www.pnud.org.br/idh/>. Consulta em 5 de março de 2013. Em 2013 será publicado o Atlas atualizado.

1-19 anos. A Paraíba subiu 11 posições em relação aos dados do ano 2000 (17º posição), ocupando hoje o 6º lugar no país com a maior incidência desse tipo de violência. Segundo o relatório a problemática dos homicídios de crianças, adolescentes e jovens em particular, tem se convertido no calcanhar de Aquiles dos direitos humanos no país.

DEFICIÊNCIA

Mais de 45,6 milhões de brasileiros declararam ter alguma deficiência, segundo dados do Censo Demográfico IBGE (2010). No nordeste 26,6% tem algum tipo de deficiência. A Paraíba e o Rio Grande do Norte lideram o *ranking* nordestino com 27,8%. Por essa razão o Nordeste precisa, com urgência criar políticas para o desenvolvimento inclusivo. Abaixo apresentamos uma história real bastante ilustrativa sobre o fenômeno da deficiência entre os mais pobres.



História 4. A alegria de Jaciara⁶⁹

Em 2008 conhecemos a menina Jaciara, sorridente, alegre e cheia de energia para brincar, mas, havia algo que a impedia... Aos setes anos, a criança nunca tinha caminhado. A magia do andar - automática para muitos, Jaciara nunca tinha experimentado os passos que nos levam para lá e para cá... A paralisia cerebral era o impedimento? Não! Mas, a falta de oportunidade e acesso ao acompanhamento fisioterapêutico, sim! Esse era barreira intransponível para Jaciara e sua mãe.

Na época, então, nasceu um Projeto de Conclusão do Curso de Fisioterapia Faculdade de Ciências Médicas na Apôitchá, no qual as estagiárias Marília Seabra e Ana Patrícia com a professora Haydee Casee criaram estratégias, oportunizando à Jaciara a alegria e o direito de andar! Essa história teve um final feliz, mas... quantas são as crianças nordestinas com deficiências sem acesso aos bens e serviços básicos para o desenvolvimento/reabilitação? E se não existisse a Apôitchá e o trabalho engajado dessas estudantes qual seria a alternativa para Jaciara? Quanto tempo demoraria para a menina acessar o serviço de referência para reabilitação que fica na capital e não abrange toda a demanda do Estado?

O Censo Escolar (BRASIL, 2010) revela que há 34.958 crianças com deficiências matriculadas na educação infantil no país. No Ensino Fundamental estão matriculados 502.249 estudantes com deficiência e no Ensino Médio se concentram 38.566 estudantes.

Na Paraíba, em 2011 foram matriculados 9.256 estudantes nas Escolas de Educação especial públicas. (Fonte: Todos Juntos pela Educação, 11 de setembro de 2012)

⁶⁹ O nome significa Nascer da Lua em tupi.

EJA

Participam da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Lucena 428 alunos, segundo os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2012).

MORTALIDADE

Um dos melhores índices no nordeste é a redução na taxa de mortalidade infantil. De acordo com o IBGE (2010) o Nordeste registrou queda de 58,6%. Em 2000, a cada mil crianças nascidas vivas, 29,7 morriam antes de completar um ano, em 2010, o número ficou em 15,6%.

POBREZA

Cabe destacar que o estado da Paraíba o percentual de crianças vivendo em famílias com renda per capita de até $\frac{1}{2}$ salário ou R\$ 339,00⁷⁰ é de 73,4%. A população que possui renda de até $\frac{1}{2}$ salário, ou seja, a população paraibana em situação de extrema pobreza é de 53,1%. (BRASIL, UNICEF 2009)

Na Paraíba, informa o IBGE (2010) há 69.508 crianças e adolescentes (10 - 17 anos) ocupadas no trabalho infantil. Em relação aos dados do IBGE (2000) houve uma redução significativa de 29.406 envolvidos.

Quando nos voltamos para a adolescência, é alarmante a disparidade regional entre o sudeste e o nordeste: os percentuais de adolescentes de 12 a 17 anos vivendo em famílias extremamente pobres em São Paulo é de 6,9% enquanto que na Paraíba é de 31,8% (BRASIL, IBGE/PNAD 2009), ou seja, a diferença é de 24.9%!

A história abaixo de um menino Lucenense de 11 anos ilustra a perversidade da pobreza.



História 5. O sonho de Guaracy⁷¹

Desde a mais tenra idade, Guaracy viveu o terror da violência doméstica, e conheceu as nuances da pobreza...

Em 2001, a vida de Guaracy começou a mudar... O menino violado em muitos dos seus direitos ingressou nas atividades educativas da Apôitchá. Ele queria muito ter um brinquedo seu, mas a vida até aquele dia, não tinha lhe dado essa chance. Aos 11 anos foi para a Apôitchá realizar o seu sonho lúdico: brinquedos, livros, histórias e o teatro - Grupo Vagalumes - com o carinho de sua entusiasta apoitcheira Edilma junto com o acesso aos lápis de cores, repintaram o destino desse menino. O caminho de Guaracy não foi só de riso... Durante toda sua adolescência contou com o apoio da Apôitchá para enfrentar a violência doméstica causada pelo pai

⁷⁰ O salário mínimo em 2013 é de R\$678 reais a partir de fevereiro de 2013.

⁷¹ Guaracy em tupi-guarani Astro sol. Fonte: www.dicionariodnomesproprios.com.br/

(por conta do uso abusivo do álcool e crack); dificuldades econômicas. Guaracy foi acolhido na casa de apoio A Roda do Sol. O pai de Guaracy também foi acolhido em ações da ONG, com terapias ocupacionais para a cura de sua doença. A descoberta e a aceitação de sua homoafetividade também fizeram parte da jornada de Guaracy durante os anos que viveu na ONG. Hoje, aos X anos Guaracy vive uma vida de um jovem feliz que luta pelos seus ideais. Ingressou na Universidade Pública, na Faculdade de Artes e em breve concluirá o curso. Para a Apôitchá, uma experiência viva de resiliência.

Brasil: país registra crescimento de 24% no IDH desde 1990 e cresce mais rápido que vizinhos latino-americanos. IDH do Brasil melhora em 2012; país mantém 85ª posição no ranking em relação a 2011.
(PNUD, 2013)

Os números oficiais constituem desafios graves e significativos para o governo e a comunidade lucenense. A inexistência de dados oficiais locais sobre a real situação e necessidades das comunidades pobres de Lucena impulsionou a realização, pela Apôitchá, de dois estudos: um no ano de 2002 e outro em 2008, que possibilitaram a construção de um panorama social que revela a gravidade da situação dentro da qual a população, desta cidade com praias 'paradisiacas', está imersa.

2002 – Estudo Diagnóstico Participativo de Lucena

O primeiro estudo conduzido pela Apôitchá, dois anos após sua fundação, teve como objetivo compreender a realidade social da cidade a fim de diagnosticar as necessidades locais a partir das vozes da comunidade escolar. As informações abaixo apresentadas foram obtidas por meio de entrevista com a coordenadora geral da ONG, no período entre 2001-2011: Andréa Carrer e de consulta ao relatório do estudo a mim disponibilizado sem problema porque sou apoitcheira e, atualmente, membro do Conselho Executivo da ONG (2011 – 2013).

A coleta de dados do estudo foi realizada com a aplicação de entrevistas realizadas por educadores(as) voluntários(as) da ONG com 218 pessoas de três escolas públicas, incluindo alunos(as), gestores, familiares e professores(as).

Uma vez concluído o diagnóstico, a Apôitchá promoveu o 1º *Seminário de Mobilização Comunitária em 2002*, com o objetivo de compartilhar os achados do estudo com a população local e autoridades. Participaram desse evento 180 pessoas, entre as quais os representantes das escolas, famílias, gestores públicos e vereadores, dentre os quais Ricardo Coutinho, atual governador do estado da Paraíba.

Na plenária final do seminário, durante o qual foram clarificados os desafios a enfrentar para o desenvolvimento social da cidade, ficou patente a importância e urgência da mobilização da comunidade com vistas à reflexão coletiva sobre

possíveis caminhos para solucionar seus problemas. A necessidade de melhoria da qualidade da educação pública foi avaliada pelos entrevistados(as) como extremamente precária e, portanto, caracterizou-se como um desafio a ser imediatamente enfrentado. Com a finalidade de responder à demanda educacional destacada no estudo pela comunidade, a Apôitchá criou o **Projeto Rede Participativa: Leitura, Escrita e Meio Ambiente**.

Eixo temático: cultura de paz e meio ambiente

Eixo articulador: Leitura e escrita

Campo: 03 Escolas Públicas

Participantes: 30 crianças e professores (as) de 3 escolas

Estratégias: oficina de teatro, teatro de bonecos, música e artesanato.

Em 2003 a Apôitchá estabeleceu o *Planejamento Participativo* entre educadores e técnicos da ONG e representantes das escolas parceiras.

Objetivos do Planejamento:

- articular as ações desenvolvidas no projeto, integrando-as;
- monitorar e avaliar o processo;
- reduzir o fracasso escolar, a evasão;
- promover e assegurar a inclusão e a permanência na escola.

*2008 - Estudo sobre a Realidade da Comunidade da Carrapeta, Lucena*⁷²

O estudo do tipo survey foi coordenado pela Apôitchá em 2008, em parceria com o Instituto Federal da Paraíba-IFPB e a Universidade Federal da Paraíba por meio da Incubadora de Investimentos Solidários - INCUBES vinculada à Pró Reitoria de Assuntos Comunitários. O estudo teve como objetivos:

diagnosticar as demandas sociais emergentes na comunidade a fim de criar um Banco de dados para subsidiar as ações da ONG e da Rede de Proteção Local, compatibilizando os projetos às demandas comunitárias.

O levantamento de dados foi conduzido com a aplicação de questionário e tinha como foco obter dados sobre questões relativas à saúde, nutrição, ao uso abusivo de álcool, educação, situação socioeconômica, meio ambiente, infraestrutura, cultura, lazer e visão de futuro da comunidade.

O campo de estudo foi selecionado com base no fato de que em torno de 80% das crianças e adolescentes que participavam das ações da Apôitchá residiam na favela

⁷² Relatório do Estudo sobre a Realidade da Comunidade da Carrapeta no município de Lucena/PB realizado pela APÔITCHÁ, em 2008, com o apoio financeiro de TDH-Holanda e a parceria técnica da UFPB através da INCUBES e do IFPB.

da Carrapeta, como era denominada àquela época, hoje Bairro Novo. Assim, havia a necessidade de conhecer mais profundamente o contexto de suas *vidas cotidianas* (HELLER, 1989). Essa pesquisa gerou dados inéditos sobre a realidade social do município e orientou formas mais efetivas das ações sociais, educacionais e terapêuticas da ONG. Foram visitados 232 domicílios, nos quais um questionário foi preenchido. Os percentuais a seguir apresentados resultam dos mesmos. Cabe destacar que os dados abaixo adotam a definição do ECA(1990)⁷³ para categorizar as faixas etárias: criança de 0 a 11 anos e 11 meses; adolescente de 12 anos a 17 anos e 11 meses; jovem de 18 a 24 anos e adulto dos 24 anos em diante, e idoso conforme preconizado Estatuto do Idoso⁷⁴ (2003).

Os dados percentuais abaixo apresentados revelam que 67% dos moradores da Carrapeta são crianças (30%) e jovens (37%) contra 26% adultos e apenas 6% idosos. Em 17% dos domicílios evidencia-se a presença de, pelo menos, uma pessoa com alguma deficiência, das quais 9% são crianças.

Os dados revelam que a precariedade das condições de vida diária dos moradores deste bairro se justifica pelos altos percentuais de desemprego ou emprego informal: 37% dos habitantes maiores de 18 anos estão desempregados e 31% sobrevivem fazendo “biscate” constituindo um total de 68% da população local com relação a 21% afirmaram ter emprego assalariado e 11% pensionistas e aposentados. Isso significa que apenas 32% da população possui renda regular. Contudo, apesar disso, 38% tem renda inferior a um salário mínimo e 39% possui renda de um salário mínimo contra apenas 23% com renda acima de dois salários mínimos.



Em um contexto de altos índices de desemprego e baixa renda, os problemas sociais são significativos, conforme o resultado do mapeamento ilumina: 34% dos questionários indicam a ocorrência do uso de drogas e 16% a ocorrência de violência doméstica, que afeta principalmente as crianças (24%) e as mulheres adultas (24%)

⁷³ No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º), e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigos 121 e 142).

⁷⁴ Idosos (60 anos ou mais de idade) conforme o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003).

contra 23% de respondentes/domicílio referem-se à violência contra meninos (12%) e meninas (11%) adolescentes. Entre as principais *causas de violência* identificadas pelos entrevistados da Carrapeta, encontram-se a droga (34%); o alcoolismo (25%) e a falta de trabalho (25%).

Esse diagnóstico colaborou significativamente com as ações da ONG e foi disseminado em toda a rede de proteção dos direitos da criança e dos adolescentes em nível local, destacando-se a importância da pesquisa e da disseminação da informação para a criação de ações com vistas à redução de vulnerabilidades sociais.

Como organização aprendente, a *Apotché* passa a incorporar em suas ações os problemas e as necessidades apontadas no diagnóstico pela comunidade, dados que traduzem os desafios a serem enfrentados pela comunidade de Lucena, para superação da vulnerabilidade social, individual e programática.

O belíssimo estudo de mestrado de FARIAS (2011) intitulado 'Gênero e Deficiência: uma história feminina de ruptura de vulnerabilidades' oferece subsídios para a discussão da vulnerabilidade como experiências 'corrosivas' (p.17). A autora revela que na vivência pessoal como mulher cega 'sentiu a força das experiências corrosivas'(p.19) que foram superadas através de atitudes promotoras de resiliência.

É importante compreender que as ações e desenvolvimentos da *Apotché*, assim como de outras ONGs brasileiras, estão circunscritos no desenvolvimento do Terceiro Setor no país⁷⁵, que passa a ser apoiada por programas de financiamento do governo federal, assim como por agências internacionais de cooperação como trato em detalhe no capítulo 4.

[...] o núcleo central [da sociedade civil] é formado por associações e organizações livres, não estatais e não econômicas, as quais ancoram as estruturas de comunicação da esfera pública nos componentes sociais do mundo da vida. A sociedade civil compõe-se de movimentos, organizações e associações, os quais captam os ecos dos problemas sociais que ressoam nas esferas privadas. (Habermas, 2003, p. 99)

O boom das organizações não governamentais no Brasil

Na contemporaneidade, a economia de um país pode ser estabelecida com base em três setores: o Estado, o mercado (iniciativa privada) e a sociedade civil organizada. É neste último, o chamado Terceiro Setor, no qual se inserem as organizações não governamentais (PRATA, 2006, apud SILVA, 2011). Este setor se constitui em

⁷⁵ No Brasil, as organizações não governamentais ganham força à partir do processo de redemocratização política que se deu após o período da Ditadura Militar (1964-1985). Mas foi a partir da década de 90 que se tornou mais forte o movimento no país. Fonte: <http://www.infoescola.com/geografia/ongs-organizacoes-nao-governamentais/>

equipamento importante no cenário mundial porque *‘as relações entre o Estado e o mercado, que têm dominado a cena pública [e] hão de ser transformadas pela presença desta terceira figura – as associações voluntárias.’* (FERNANDES, 1994, p. 20).

Nascidas da militância política, mundialmente as ONGs expandem-se ao longo dos anos e consolidam sua atuação. No cenário brasileiro, a participação dessas organizações em nível de empregos entre a população economicamente ativa é de 4,0%, ou 1,7 milhão de pessoas (IBGE 2008). Pesquisas e estudos contemporâneos sustentam a relevância da presença dessas organizações na sociedade, argumenta Silva (2011, p. 28):

[...] as Organizações Não Governamentais podem ser consideradas instrumentos essenciais para abordar as necessidades da comunidade, atuando na defesa dos seus interesses e com a função de contribuir para mudanças individuais e sociais. **Estas organizações se envolvem nos problemas dos cidadãos e aproximam estes do processo democrático, tornando-se vitais para a maioria das sociedades.** Esta visibilidade pode ser atribuída ainda ao crescimento e diversificação do setor e às mudanças organizacionais observadas nestas instituições. (DRUCKER, 1997; ROESCH, 2002; THEUVSEN, 2004; STROUP, 2007. Grifo da autora)

Pode-se, portanto, afirmar que as organizações sociais, quando fortes, autônomas, qualificadas e com capacidade de mobilizar a sociedade civil na defesa e promoção dos direitos humanos e na luta contra as desigualdades, oferecem uma enorme contribuição à sociedade. Torna-se evidente, portanto, a exigência de profissionalização dos seus processos de gestão para dar conta da parceria com agências financiadoras que possuem rigorosos sistemas de monitoramento e avaliação dos projetos financiados. Entre os anos 1980 e meados dos 1990, muitas organizações da sociedade civil beneficiaram-se da cooperação internacional não governamental. Os recursos eram abundantes, havia interesse externo no desenvolvimento social e político brasileiro e *‘o Nordeste e o Sudeste eram as regiões preferidas de trabalho e a maior parte das organizações internacionais estabeleceu seus escritórios nestas regiões.’* (ARMANI, 2010, p. 45). A profissionalização das ONGs brasileiras passou a ser uma necessidade.

Inicialmente havia uma grande resistência das pessoas que atuavam nas ONGs quanto a lidar com uma administração profissionalizada, baseada em uma gestão nos moldes empresariais (HELMIG; JEGERS; LAPSLEY, 2004). Com o crescimento e a maior dependência de financiadores, em geral agências internacionais de cooperação, mudanças na área administrativa destas organizações passam a ser exigidas e se tornam condição *sine qua non* para a sua sobrevivência. A aprovação ou renovação dos projetos

organizacionais passou a ser condicionada, pelos financiadores, a determinadas ações administrativas que envolviam maior profissionalização. (2011, p. 26)

À luz de minha observação empírica, através da participação há 20 anos em movimentos sociais e com base no conhecimento acumulado com a leitura de diversas publicações que trouxeram informações e análises embasadas sobre o tema nos últimos anos, constatei que os meios pelos quais as organizações sociais sustentam suas causas passaram por períodos de transição que influenciaram o aprendizado organizacional e dos gestores atuando neste setor, por exemplo:

[...] se por um lado as ONGs têm se fortalecido no cenário mundial, como novos atores no controle e execução das políticas públicas, por outro lado as transformações ocorridas no mundo provocaram profundos ajustes nas estratégias e configuração organizacional das ONGs, baseados nas modernas práticas administrativas, próprias do setor privado, podendo provocar implicações significativas na sua missão institucional e objetivos organizacionais. (DINIZ E MATTOS, 2002, p. 2)

Historicamente as ONGs passaram por fases evolutivas. Conforme elucida Roesh (2002), o modo espontâneo de atuação por militância política evoluiu para uma expansão organizacional até que a atuação se consolidasse. Tais mudanças geraram proveitos, bem como apreensões, em termos de manutenção das atividades, a qual depende cada vez mais de financiamentos (FALCONER; VILELA, 2001, *apud* SILVA, 2011).

No contexto da orientação ideológica neoliberal das relações trabalhistas *‘muitas ONGs acabam adotando medidas que [infelizmente] não garantem os direitos dos trabalhadores, numa atitude contraditória às suas práticas históricas’* (FRAGA 2002, p. 6). As práticas neoliberais de flexibilização, utilização de pessoas sem vínculo trabalhista e jornadas de trabalho extensivas apresentam-se como desafios impostos às ONGs gerando outro desafio que diz respeito à sobrevivência dessas organizações.

O conceito de responsabilidade social empresarial, emergido no Brasil na década de 90, instaura uma nova ética para os negócios uma vez que visa a harmonização entre a dimensão econômica, a social e a ambiental e a gestão empresarial balizada pelos interesses de um conjunto maior de partes interessadas, os líderes (GUARESHI & TATIM, 2012, p. 148). Este conceito introduz no cenário nacional inúmeros outros conceitos, tais como, voluntariado, investimento social privado, tratamento legítimo e cuidados com os colaboradores, sustentabilidade, uso consciente de insumos e redução dos impactos ambientais. Ainda, contudo, é necessário a legitimação da responsabilidade social no país porque no discurso da empresa socialmente responsável

[...] foi identificada a apropriação da proposta da responsabilidade social por grandes empresas privadas nacionais e multinacionais, que utilizando estratégias ideológicas de poderosas representações sociais constroem a imagem de agentes do bem comum. O discurso disseminado através da mídia se articula com a prática da filantropia, criando e reforçando relações de dependência e reafirmando o projeto do capitalismo neoliberal em suas manobras de adaptação e reprodução. (GUARESHI & TATIM, 2012, p. 147)

Nesse sentido, fica evidenciado que toda organização que se define responsável socialmente pode não ser de fato responsável e aprendente, portanto cabe a cada uma estabelecer metas empresariais compatíveis com o desenvolvimento sustentável, de modo a preservar os recursos ambientais e culturais, respeitando a diversidade e sendo capaz de intervir para efeito de redução das desigualdades e vulnerabilidades sociais. Uma vez que princípios éticos devem estar na base da responsabilidade social, deve-se encontrar sua expressão nos princípios e valores adotados por uma organização.

[...] a generosidade, como todas as virtudes, é plural, tanto em seu conteúdo como nos nomes que lhe prestamos ou que servem para designá-la. Somada à coragem, pode ser heroísmo. Somada à justiça, faz-se equidade. Somada à compaixão, torna-se benevolência. Somada à misericórdia, vira indulgência. Mas seu mais belo nome é seu segredo, que todos conhecem: somada à doçura, ela se chama bondade. (COMTE-SPONVILLE, 1999 p. 98)

O mundo melhor apontado por Senge (1995, apud SAMPAIO, 1997) pode ser criado a partir da sensibilização e da preocupação com a promoção de mudanças sociais, econômicas, educacionais que promovam qualidade de vida, inclusão, provocando impacto na vida das comunidades dentro das quais as organizações aprendentes se inserem.

A sustentabilidade das ONGs que atuam em defesa dos direitos humanos depende de fortalecimento institucional, tema debatido em instituições e redes brasileiras, organismos internacionais, institutos e fundações empresariais.

As condições de sustentação política e financeira das organizações da sociedade civil brasileira modificaram-se completamente nos últimos anos. Já não é possível manter sustentável uma organização sem inovar nas estratégias de ação e de mobilização de recursos, e sem mudar a sua cultura institucional. (.) O enfrentamento da pobreza e das desigualdades, a partir de novas abordagens conceituais e metodológicas, juntamente com o processo de construção e fortalecimento de movimentos sociais de envergadura

nacional, em meio às vicissitudes da construção democrática, se constituíram em fortes atratores da cooperação internacional. (ARMANI, 2010, p. 45)

Embora a cooperação internacional tenha contribuído para ações de relevância implantada por ONGs, esta fonte caracteriza-se como de sustentação institucional das ONGs, mas não de sustentabilidade, pois há ao mesmo tempo um alto nível de dependência instituído de um único tipo de fonte de recursos e uma baixa interpelação e mobilização da sociedade brasileira (ARMANI, 2010). A história da *Apitchá* constitui uma ilustração dos efeitos positivos e nefastos da parceria internacional.

No próximo capítulo convido você para conhecer a raiz espiritual da ONG *Apitchá*.



capítulo 3

raiz espiritual da *Apôitchá* . a religião santo daime

○ **Brasil** é um país místico. O Novo Mapa das Religiões (2011)⁷⁶ revela que, em termos de religiosidade ativa, o país está exatamente no meio do *ranking* mundial de 156 países, com 89% de sua população frequentando cultos religiosos de qualquer credo. O destaque do relatório é sobre o catolicismo que se mantém como a religião mais popular no país, entretanto, a diversidade de religiões tende a diluir a religião católica no cenário nacional.

No caso específico das religiões que adotam a ‘ayahuasca’ como elemento central de seu sacramento, o Mapa das Religiões (*idem*) não as computa percentualmente, mas as cita nas páginas finais quando apresenta a relação de todas as religiões pesquisadas (*idem* p. 53). As religiões ayahuasqueiras são legalizadas no Brasil, na seção 3.4, aprofundo os elementos legais.

O levantamento da literatura sobre a religião Santo Daime (ALBUQUERQUE, 2007, 2011, 2012; ALVERGA, 1998; GOULART, 1996; LABATE, 2002, 2004, 2005; MACRAE, 1992; OLIVEIRA, 2007, 2011; OLIVEIRA, 2008; PACHECO, 2004; REHEN, 2007) revela a importância antropológica, social, medicinal e educativa dessa religião brasileira. Exatamente por sua importância, essa religião se constitui objeto de estudo de pesquisa conduzidas por estudiosos de renome nacional e internacional e, cujos resultados, evidenciam sua relevância social, cultural e econômica, transcendendo crenças infundadas baseadas na ignorância. Pessoas leigas acerca do Santo Daime tendem a desenvolver uma concepção preconceituosa sobre os daimistas que, no geral tanto quanto eu, são profissionais engajados política e socialmente, qualificados em diversos níveis educacionais, muitos dos quais acadêmicos, técnicos em áreas distintas, empresários, educadores, artistas, operadores do Direito (juízes, promotores, delegados), lideranças comunitárias, e, sobretudo, pessoas das comunidades locais: trabalhadores, pais e mães de famílias.

É importante esclarecer que desde a fundação dessa religião, as lições são aprendidas por meio da tradição oral: cânticos, hinos, trovas poéticas compõem o *corpus* semântico da religião. O nome *daime* tem pronúncia mais fácil que o termo *ayahuasca* e significa ‘dar’: verbo que referenda as formas de expressões “dá-me amor”, “dá-me fé”, “dá-me saúde”, “dá-me esperança”.

Nascimento da Religião Santo Daime

O Santo Daime é uma religião brasileira fundada pelo seringueiro, negro Raimundo Irineu Serra, Mestre Irineu, nascido maranhense na cidade de São Vicente Ferret em 1892 e que se tornou um homem de dois metros de altura conforme fotos. Ele migrou para o Acre, aos 20 anos, durante a expansão do ciclo da [borracha](#), importante momento da história do [Brasil](#) que teve seu centro de [extração](#) e comercialização na região Amazônica.

Na vivência dentro da floresta amazônica, Mestre Irineu conheceu um indígena peruano que o apresentou à *ayahuasca*, bebida milenar (chá) consagrada entre os povos indígenas. Os encontros daimistas utilizam esse chá em um sacramento enteógeno, preparado a partir da combinação de um cipó e das folhas de um

⁷⁶ Mapa das Religiões 2011 foi construído a partir da pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, coordenada por Marcelo Neri.

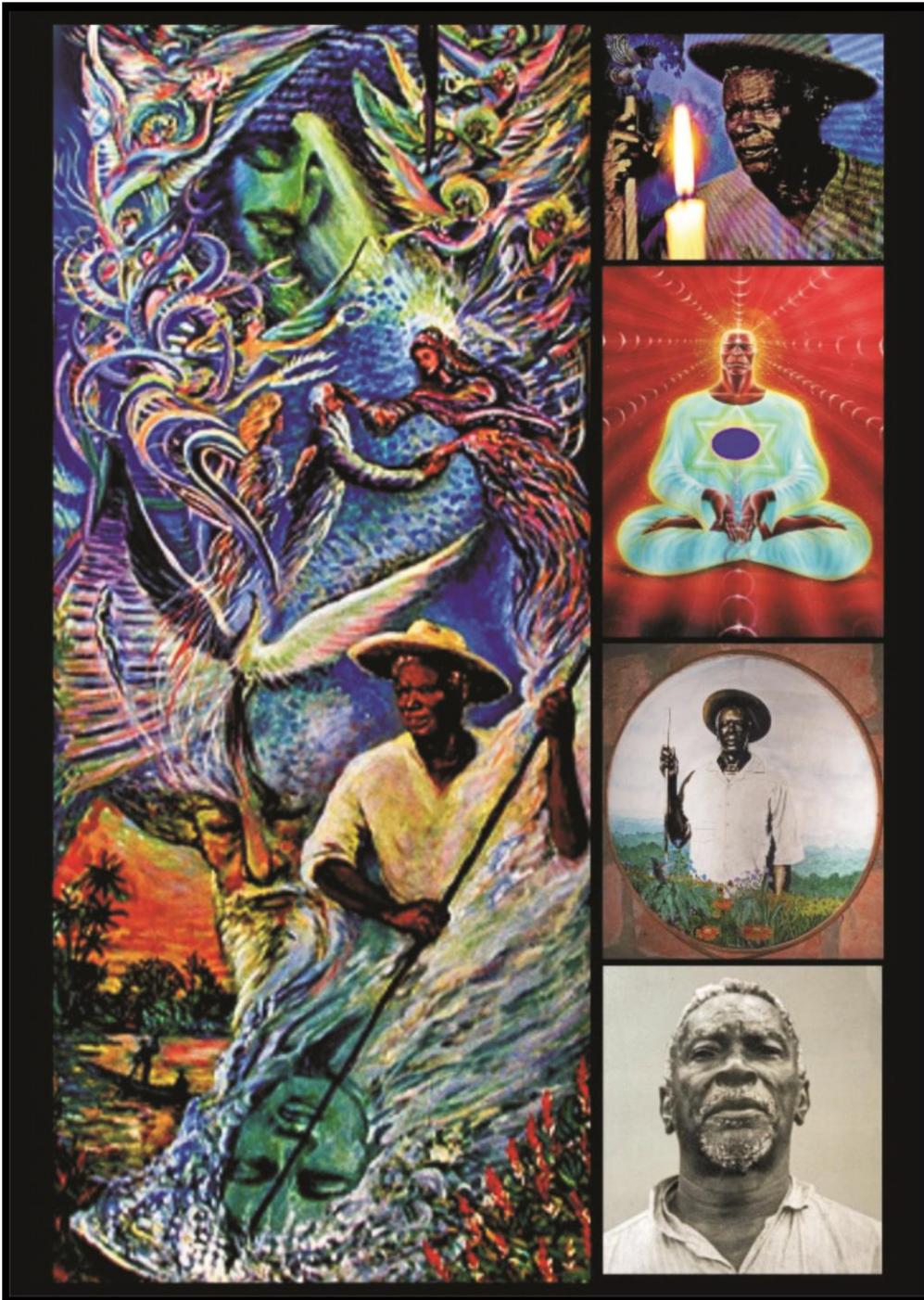
arbusto da Amazônia, conhecido popularmente como *rainha*⁷⁷. Segundo MacRae (1992, p. 16) o termo *enteógeno* deriva do grego antigo *entheos* e significa “aquilo que leva alguém a ter o divino dentro de si”.

A tradição oral conta que este encontro com o indígena e o chá levou Mestre Irineu a dias de meditação e jejum, durante os quais a aparição da Virgem Maria - a quem chamou de Clara - o envolveu como força espiritual e psíquica, orientando-o sobre a nova religião que nasceria. O hino abaixo é uma homenagem à padroeira da religião. Como uma expressão da rica religiosidade brasileira, a religião Santo Daime se forma no Acre na década de 30 e difunde-se no mundo a partir dos anos 80, internacionalizando-se como uma religião brasileira com características ecléticas: nasce cosmologicamente do catolicismo popular aliado às crenças afro-brasileiras, ao esoterismo europeu, aos traços “*ayahuasqueiros*” indígenas e às matrizes maranhenses, como o tambor de mina e a pajelança (PACHECO e LABATE, 2004). Nesse período, a religião passa a ser entendida muito mais como um conjunto de valores do que como uma escola de pensamento (GROISMAN, 1999).

Lua Branca

Deus te Salve oh! Lua Branca	Tu sois de Deus estimada
Da luz tão prateada	Oh! Mãe Divina do coração...
Tu sois minha protetora	Tu sois a flor mais bela
De Deus tu sois estimada	Aonde Deus pôs a mão
Oh! Mãe Divina do coração	Tu sois minha advogada
Lá nas alturas onde estás	Oh! Virgem da Conceição
Minha Mãe, lá no céu	Oh! Mãe Divina do coração ...
Dai-me o perdão [...]	Estrela do Universo
Das flores do meu país	Que me parece um jardim...
Tu sois a mais delicada	Assim como sois brilhante
De todo meu coração	Quero que brilhes a mim
	Oh! Mãe Divina do coração [...]
	(O Cruzeiro, Mestre Irineu)

⁷⁷ Ao longo de décadas o uso ritualístico da Ayahuasca – bebida extraída da decocção do cipó Banisteriopsis caapi (jagube, mariri etc.) e da folha Psychotria viridis (chacrona, rainha etc.) – tem sido reconhecido pela sociedade brasileira como prática religiosa legítima, de sorte que são mais do que atuais as conclusões de relatórios e pareceres decorrentes de estudos multidisciplinares determinados pelo antigo CONFEN, desde 1985, que constatavam que “há muitas décadas o uso da Ayahuasca vem sendo feito, sem que tenha redundado em qualquer prejuízo social conhecido”. Fonte: Relatório final do Grupo Multidisciplinar de Ayahuasca instituído pela Resolução nº. 5 CONAD, de 04 de novembro de 2004, para levantamento e acompanhamento do uso religioso da Ayahuasca. Disponível em: <http://www.universomistico.org/s/23112006-relatorio-final-do-gmt.html>. Consulta realizada em 9 de março de 2013.



A busca espiritual por meio das plantas, nesse caso, pela ingestão do daime, oferece o '[...] resgate crístico pela via enteógena' (ALVERGA, 1998, p. 20). É comum, no mundo dos enteógenos, que elas sejam consideradas *plantas mestras* ou *plantas*

professoras. Na religião Santo Daime essa característica se desdobra em uma infinidade de experiências que abarcam produtos que dizem respeito a uma pedagogia espiritual e material, a qual longe de ser simplesmente retórica, orienta a vida do(a) daimista, colocando-o(a) na posição de estudante da escola espiritual cujo professor é o Santo Daime (OLIVEIRA, 2008).



Como daimista há quase dez anos, considero a religião Santo Daime um caminho de aprendizagem para a vida. De fato, me sinto em uma escola... Nesse 'curso' de autoconhecimento tenho percebido o quanto essa religião pode promover a integração individual e comunitária, a saúde física, emocional e espiritual dos participantes. Os princípios e valores da religião mais conhecidos são: harmonia, amor, verdade e justiça (presentes também na raiz espiritual da *Apóitchá*), os quais - se espera - sejam incorporados e vividos no cotidiano do daimista. No contexto dos encontros com o sacramento, há um conjunto de ensinamentos produzidos e traduzidos nas preces, orações, hinos e em alguns escritos. Um documento de enorme valor na tradição é o Decreto de Serviço, deixado por Mestre Irineu.

(Diário. Alto Paraíso, Goiás. Dezembro, 2012)

Decreto de Serviço, para o ano de 1970.

O Presidente do Centro de Irradiação Mental "Luz Divina", senhor Raimundo Irineu Serra, usando de suas atribuições legais, decreta:

1. Estado Maior, ficam definitivamente obrigados os membros desta casa, a manter, o acatamento e a paz da mesma, normalizando assim, a sinceridade e o respeito para com o seu próximo. Não se pode negar que, em qualquer carreira, arte ou profissão, que se escolha na vida, só chegará ao ponto culminante, se à mesma entregar-se de corpo e alma. E esta é a regra que exerce a ciência Divina.

2. Todos os pais de família devem criar dentro do seu próprio lar, um centro de paz e harmonia, esposo e esposa, se tratarem com dignidade e respeito, incluindo as pétalas deste amor, no mais firme propósito do futuro e da felicidade. Todos os pais de família devem ser um professor exemplar para os seus filhos, dentro do seu próprio lar; nunca devem pronunciar palavras que possa prejudicar o conceito da criança; ensinar aos seus filhos quais são os direitos de um "cidadão brasileiro", tratar bem ao seu próximo, desde o mais graduado, até o mais humilde; ensinar quais são os deveres religiosos, que, se deve respeitar a Deus sobre todas as coisas, rezar todos os dias, para afastar os maus, as doenças e as dificuldades, etc.

3. Dentro do estado Maior, não pode haver intrigas, ódio, desentendimentos por mais insignificante que seja; todos que tomam esta santa bebida, não só devem procurar, vê belezas, primores e sim; corrigir os seus defeitos, formando assim o aperfeiçoamento da sua própria personalidade; para poder ingressar neste batalhão e seguir nesta linha, se assim fizerem poderão dizer, sou irmão. Dentro desta igualdade todos terão o mesmo direito, em casos de doenças, será expressamente designado uma comissão em benefício do irmão necessitado.

4. Nos dias de trabalho: Todos que vierem a procura de recursos, físicos moral e espiritual, devem trazer consigo, sempre uma mente sadia, cheia de esperanças, implorando ao infinito eterno Espírito do bem e a Virgem soberana mãe criadora, que, sejam concretizadas os seus desejos de acordo com os seus merecimentos.

Para iniciar a nossa meditação:

Depois da distribuição do Daime, todos irão colocando-se em seus respectivos lugares, com exceção das senhoras que tem crianças, as mesmas deverão primeiramente agasalhar os seus filhos.

Continuando a nossa meditação:

Ao chegar a hora do intervalo, ao efetuar-se a primeira chamada, todos deverão colocar-se em forma, tanto o batalhão masculino, quanto o feminino, pois, todos têm a mesma obrigação....

A verdade é que o centro é livre, mas, quem toma conta, deve dar conta; ninguém vive sem obrigação e quem tem obrigação tem sempre um dever a cumprir.

A disciplina meta, não pode ser aprendida em livros; tudo depende do nosso próprio eu, só a experiência nos traz a realização.

O poder da existência divina, nos mostra igualmente o contato da nossa evolução individual no plano terrestre, em relação ao plano superior.

Além disso, é nos dado o saber que existe em nossa mente, atrações superiores e inferiores. O conhecimento elementar nos leva a mudança completa de todos os nossos valores, dos nossos hábitos e compreensão mútua, relativamente com os exames da nossa própria consciência.

Existe em nossa mente um conjunto de atrações; superiores e inferiores, esta atração, posta em prática diariamente, trará um desenvolvimento capaz de produzir os resultados mais altruísticos; isto, dependendo da nossa própria consciência, se praticar-mos o bem, o bem nos conduzirá e se praticarmos o mau; é claro, só podemos ser derrotados.

Se assim fizermos, estaremos marchando para o caminho da perfeição e em busca de novas realizações.

Raimundo Irineu Serra - Presidente
(Rio Branco/Acre, 1970).

Legislação das Religiões Ayahuasqueiras

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) foi o primeiro documento que defende a expressão religiosa como um direito.

Art. XVIII - Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em partícula.

No Brasil, a partir de 88, a Constituição Federal também assegura a liberdade de expressão religiosa. Ambos documentos consolidam a manifestação da religiosidade como patrimônio humano, um direito da humanidade.

Art. 5º, Inciso VI - É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias.

As religiões ayahuasqueiras⁷⁸ são regulamentadas por lei no Brasil. Dois marcos são especialmente importantes no que se refere à legalização e ao reconhecimento dessas religiões por parte do Estado e da sociedade:

- (1) A Resolução do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas⁷⁹ (CONAD) número 1 de 25 de janeiro de 2010, garante o reconhecimento da liberdade religiosa e a segurança pública da prática.
- (2) A pesquisa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional⁸⁰ (IPHAN) com vistas à patrimonialização do sacramento e garantia do reconhecimento da importância cultural.

⁷⁸ AYAHUASCA, aqui, é referida de modo genérico, para manter a uniformidade do texto e a harmonia com a nomenclatura utilizada nos atos oficiais do CONAD, mas é conhecida por diversos outros nomes, conforme a comunidade que o usa no Brasil ou no Exterior, destacando-se as expressões mais conhecidas “HOASCA”, “SANTO DAIME” e “VEGETAL”, compostos, indistintamente, pelo cipó Banisteriopsis caapi (jagube, mariri, etc) e pela folha Psychotria viridis (chacrona, rainha etc.). Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Legislacao/327995.pdf>. Consulta realizada em 9 de março de 2013.

⁷⁹ Essa Resolução representa o coroamento do processo de legitimação do uso religioso da Ayahuasca no país, iniciado há mais de vinte anos, com a criação do 1º Grupo de Trabalho do CONAD (na época CONFEN), designado para examinar a conveniência da suspensão provisória da inclusão da substância Banisteriopsis caapi na Portaria nº 02/85, da DIMED (Resolução nº. 04/85, do CONFEN). Fonte: Relatório final do Grupo Multidisciplinar de Ayahuasca instituído pela Resolução nº. 5 CONAD, de 04 de novembro de 2004, para levantamento e acompanhamento do uso religioso da Ayahuasca. Disponível em: <http://www.universomistico.org/s/23112006-relatorio-final-do-gmt.html>. Consulta realizada em 9 de março de 2013.

⁸⁰ Em maio de 2008, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, autarquia vinculada ao Ministério da Cultura, recebeu um pedido de reconhecimento do uso ritualístico da Ayahuasca como bem cultural de natureza imaterial. A solicitação foi entregue ao então ministro da Cultura, Gilberto Gil, por sete grupos religiosos. O pedido já foi avaliado pela Câmara Técnica do Patrimônio Imaterial do Iphan/MinC, onde foi detectada a necessidade de ampliar os estudos sobre os demais usos do chá nas expressões culturais da população tradicional da Amazônia, principalmente em comunidades indígenas. A conclusão desta etapa é fundamental para subsidiar a decisão do instituto sobre o pedido de reconhecimento do chá como patrimônio cultural brasileiro. O processo está em trâmite no IPHAN. Fonte: <http://www.cultura.gov.br/site/2010/01/28/ayahuasca/> Consulta realizada em 9 de março de 2013.

Em consonância com a Declaração dos Direitos Humanos (ONU 1948) e a Constituição Brasileira (BRASIL 1988), essa religião estabelece eticamente que a convivência entre mulheres, homens, crianças e a natureza deve estar baseada nos princípios da harmonia, do amor, da verdade e da justiça. Os cânticos daimistas expressam a diversidade humana e cultural dessa religião brasileira amparada por sua dimensão estética.

Pedagogia espiritual e material da Religião

Albuquerque (2011) considera a religião Santo Daime um processo educacional que se estrutura utilizando-se da música como um elemento mediador chave da aprendizagem espiritual. ALVERGA, (1998), argumenta que a religião Santo Daime oferece uma crítica à monocultura do saber na sociedade ocidental, pois o uso ritual do *daime* configura-se como um *‘método de aprendizagem espiritual’* (p. 20). Tal configuração é estética, uma vez que os saberes apreendidos *‘corporificam-se nos hinos cantados pelos participantes e acompanhados por uma diversidade de instrumentos musicais, com destaque para o maracá, de origem cultural indígena’*. (ALBUQUERQUE, 2011, p.161).

A noção de *ecologia dos saberes* proposta por Boaventura de Sousa Santos (2008) corresponde aos fundamentos nos quais se ancora o Santo Daime como experiência religiosa e mística que se liga à *‘[...] incompletude de todos os saberes’*, princípio gerador do diálogo epistemológico entre conhecimento científico e outros modos de conhecimento (idem, p. 108). Corroborando Santos (Idem), Albuquerque (2011) concebe a *ecologia dos saberes* como uma aprendizagem que ocorre internamente a um dado saber.

Tal é o caso da experiência da ayahuasca que, em si mesma, engendra o encontro entre uma diversidade de saberes. **A compreensão desta experiência como uma prática educativa, contudo, requer uma noção ampliada de educação para além das formas tradicionais vigentes na cultura ocidental que concebem a instituição escolar como instância única de produção do conhecimento.** (p. 151. Grifo da autora)

A prática ecológica e educativa da religião se circunscreve na prática sistemática dos hinários cujo corpus semântico, um *locus* privilegiado onde se expressa o coração da religião, ou seja, constitui o ordenamento simbólico inerente ao sacramento com o chá – ayahuasca. Os hinos conduzem os participantes *‘a um tipo específico de [aprendizagem, conscientização e] relação socioambiental e contribui para a construção de sua compreensão sobre a realidade material e a espiritual’*. (OLIVEIRA 2011, p. 5).

A religião Santo Daime enquanto concepção ecológica e educativa constrói-se sobre um elemento estético presente em todas as culturas e tradições religiosas: a

linguagem musical. Nesse caso específico, a música, materializada na forma de hinos, constitui a principal linguagem da educação daimista.

O canto, embora uma tarefa de todos os membros da religião é, fundamentalmente, uma atribuição das mulheres, sobretudo das chamadas “puxadoras”, mulheres responsáveis por “puxar” os hinos na sessão os quais, a depender da harmonia da voz e da música dão rumo à experiência mística dos sujeitos. (ALBUQUERQUE, 2011, p.161).

O estudo de doutorado de Isabela Oliveira (2011) oferece o entendimento de que na religião Santo Daime, há diferentes visões de natureza expressas através de uma teia de significados instituída por seus hinos, os quais

[...] compõem rica cosmologia onde se percebe, especialmente, a influência da cultura indígena e dos princípios cristãos na constituição de seus significados, contribuem para a construção de relação harmoniosa dos seguidores com a natureza e estimulam o estabelecimento de formas de vida e organização social autossustentáveis e ecológicas (p.13)

Na *Apoitchá* é perceptível a presença desses significados na concepção e implementação de seus projetos dentro dos quais os apoitcheiros(as) se esforçam na direção da construção de um ‘jeito de viver’ e de se relacionar integralmente com todas as formas de vida, de maneira sistêmica e orgânica. Esses significados transformam-se em uma prática social, educativa, aprendente e reabilitadora das crianças, adolescentes e seus familiares vulnerabilizados pelas condições de vida.

A contribuição de Rehen (2007) elucida a diferença entre compor musicalmente e ‘receber’ hinos, como acontece em diferentes tradições religiosas da religião. NO caso da religião Santo Daime: [...] *os hinos são narrativas orais investidas de poder, legitimadas pela compreensão compartilhada entre os adeptos de que representam uma palavra divina, sagrada.* (OLIVEIRA, 2011 p. 5) No discurso daimista os hinos são considerados dádivas de seres divinos que as oferecem para os seguidores, traduzidas como instruções espirituais.

O conteúdo dos hinos é, portanto, um dos elementos mais importantes, mais fundamentais que contribuem para a construção do significado da religião Santo Daime, de sua bebida sacramental e de sua cosmologia. (OLIVEIRA 2011, p. 5).

A pedagogia espiritual daimista perpassa a concepção das ações e intervenções da *Apoitchá* sem, contudo, ocorrer a menção, articulação, ou convites por parte dos daimistas à qualquer membro da comunidade interna ou externa à organização. O compromisso com a imparcialidade espiritual e religiosa dos daimistas apoitcheiros(as) está presente no dia-a-dia do trabalho com a comunidade de Lucena. Há inclusive dentro da religião Santo Daime um princípio orientador que diz ‘convidar é erro fraternal’.

Embora a origem espiritual da Apôitchá seja historicamente conhecida no solo comunitário, os rituais espirituais daimistas sempre foram realizados em separado das ações da ONG. No dia a dia do trabalho com a comunidade, cujos membros estão regularmente presentes nos espaços da ONG, não houve e não há menção ou articulação em relação aos ritos espirituais nem convites relativos ao grupo religioso.

Isso significa que na Apôitchá se reconhece a expressão e liberdade religiosa dos participantes, pois ao longo dos 12 anos de percurso da organização, compuseram o *corpus* organizacional adeptos de outras linhas filosóficas, espirituais ou de nenhuma crença. Hoje (2013) há 6 apôitcheiros(as) que são daimistas atuando diretamente na ONG.

Nesse contexto de diversidade religiosa, a pedagogia espiritual do Santo Daime abriu e perpetua há anos um diálogo cultural, social, holístico e inter-religioso entre os protagonistas da Apôitchá e a comunidade local. Portanto, a Apôitchá tem um projeto social e educacional **não** religioso.

No próximo capítulo, você irá conhecer a trajetória da Apôitchá através da linha do tempo, dessa ONG que se constituiu como uma organização aprendente.

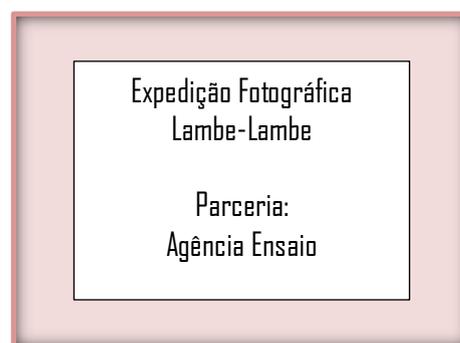
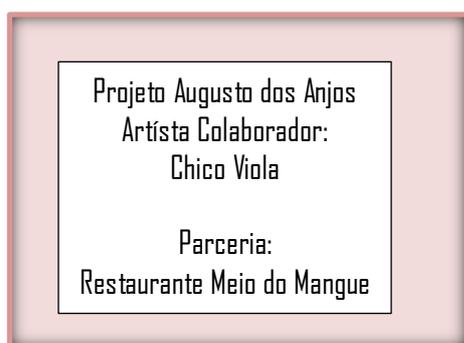
Este capítulo tem como foco a *Apôitchá*. Do seu nascimento em 2001, o capítulo resgata marcos de sua história como organização até atingir o *status* de organização aprendente. Durante os intensos e produtivos 12 anos de vida da *Apôitchá*, algumas experiências foram de fundamental importância para seu desenvolvimento. Outras foram críticas e desafiadoras, experiências desencadeadoras de revisão de caminhos adotados e objetivos definidos, reavaliação de concepções e reflexão individual ou coletiva de estratégias... Ambos tipos de experiências, contudo, foram determinantes em seu crescimento e expansão, assim como e, principalmente, em aprendizagens relevantes.

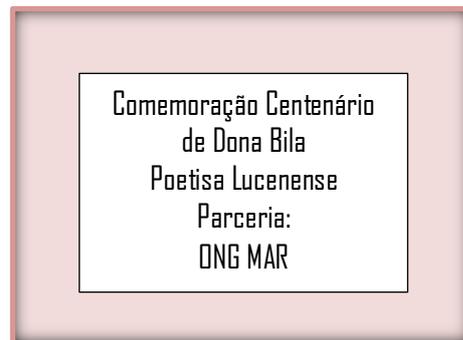
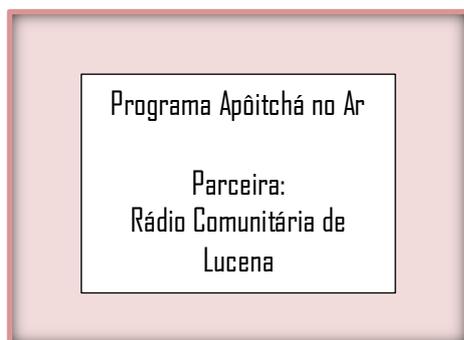
Os marcos a seguir apresentados são aqueles que eu, na condição de autora deste livro, considero os mais importantes, mas **não são os únicos** e nem significa que minha visão seja a 'correta'. Certamente outros apoitcheiros(as) ou parceiros teriam outra visão sobre os principais eventos que marcaram a história da *Apôitchá* de nossas vidas e, sobretudo, da vida da comunidade de Lucena. Para mim, estes marcos que representaram o início e o fechamento de importantes ciclos na construção desta organização como uma organização aprendente. Os mesmos são aqui apresentados cronologicamente com base nos anos (2001 a 2012) e tratados como períodos de ações, desenvolvimentos, mudanças...

Cada marco apresentado assume sistematicamente uma visão positiva dos eventos, sem desconsiderar aqueles que geraram incertezas, impasses, conflitos.

2001 Fundação Apôitchá

Embora fundada em 2001, desde 2000 a *Apôitchá* iniciou suas atividades no solo comunitário de Lucena. Este ciclo se inicia com a primeira parceria estabelecida com a *Associação Paraibana dos Amigos da Natureza-APAN*. Juntas as duas organizações realizaram eventos de caráter cultural e ambiental com a finalidade de mobilizar a comunidade local por meio da arte, da música, da poesia e brincadeiras, experiências estéticas tão fundamentais para populações que estão continuamente submersas em luta para sobreviver...





Essas e outras ações tinham como finalidade resgatar a cultura popular local e paraibana, valorizando a história e a memória da comunidade de Lucena e de seu estado. Ao mesmo tempo as ações constituíam um espaço de interação, diálogo, reflexão sobre questões ambientais emergentes, compartilhamento de emoções e aprendizagens múltiplas, gradualmente, provocavam o despertar das crianças, jovens e adultos de Lucena para a riqueza local e as possibilidades de realização frente às impossibilidades colocadas pelas carências socioeconômica e cultural em suas vidas.

Nesse contexto de atividades artístico, cultural e estética, o lúdico ocupa lugar de destaque porque integra elementos cognitivos, afetivos, perceptivos, emocionais e culturais, promovendo dessa forma o desenvolvimento humano integral.

O lúdico como motor da resiliência comunitária

Desde sua criação, o lúdico consiste um valor agregado ao trabalho da ~~Apôitchá~~ porque, diferentemente da educação tradicional disciplinar e silenciosa (os estudantes devem ficar quietos para ouvir o professor!), os processos educacionais devem - no mundo contemporâneo tão cheio de estímulos - incorporar a ludicidade, uma vez que a experiência lúdica motiva, encanta, diverte e conduz à aprendizagem de forma suave, mas efetiva.

A educação precisa deixar de agir como receituário, para propiciar oportunidades de manifestação e expressão do espírito dos educandos, e permitir o desenvolvimento da criatividade dentro de sua cultura. Todas as pessoas têm possibilidades criativas, suas vivências vão determinar a riqueza de detalhes na experiência. As relações sociais, hoje, carregadas do sentido do dever, da sobrevivência, de obrigações e quase sem nenhuma ligação com o prazer, nos deixam preocupadas. Devemos pensar em nossa atuação como educadores. Certamente quem reflete sobre essa prática **as entende como** de uma grande responsabilidade em pensar sobre o lúdico, buscando uma identidade, uma visão de mundo mais ampla! (MENEZES, 2007, p. 42)

Como uma organização que aprende, a equipe da ~~Apóitche~~ *Apóitche* desenhou e implantou projetos dentro dos quais a criatividade, a música, o teatro (de bonecos), a literatura, a dança e outras expressões artísticas se tornaram os principais recursos e estratégias para enfrentar temas cuja complexidade assusta e, muitas vezes, paralisa: qual será o melhor caminho a seguir? Temas gravíssimos, tais como violência, o uso abusivo do álcool e outras drogas, o HIV, a gravidez não planejada, a exploração sexual, que fazem parte do todo 'nocivo e tóxico' da vida real no cotidiano lucenense e outras cidades do nordeste do Brasil.



Por meio de experiências educacionais lúdicas, ocorre um processo de ressignificação da realidade que também apoia a emergência de resiliência, que como vimos, está impregnada de valores e significados culturais (SOUZA E CERVENY, 2006). Nesse sentido e considerando-se as impossibilidades dentro do qual as comunidades em situação de vulnerabilidade estão imersas, nas quais a pobreza e o preconceito manifestam-se como elementos adversos que interferem no desenvolvimento humano, torna-se fundamental que as organizações aprendentes, comprometidas com o desenvolvimento inclusivo, promovam ações lúdicas, facilitar a resiliência, capazes de romper com os mecanismos de exclusão e violência.

Apesar de as crianças [jovens e adultos] menos favorecidas economicamente viverem em situações de estresse e riscos constantes, o lúdico pode vir a ser um instrumento de promoção de resiliência, conforme o seu emprego. Sabe-se que o lúdico é um instrumento que permite a inserção da criança na cultura e através do qual se podem permear suas vivências internas com a realidade externa. É um facilitador para a interação com o meio, embora seja muito pouco explorado. (POLLETTTO, 2005, p. 72)

Ao provocar a emergência ou o desenvolvimento de pessoas mais resilientes, ou seja, mais capazes de transformar as adversidades em experiências de aprendizagens positivas, as ações artísticas e lúdicas transformam-se em

instrumentos de conscientização da comunidade, cujos membros passam a compreender de forma mais crítica seu papel na promoção de mudanças que vão beneficiar o coletivo. Nesse sentido aumentam as possibilidades de emergências de líderes comunitários, de modelos a serem seguidos, de militância política empenhada em favor da comunidade e do meio ambiente.

Um bom exemplo de mobilização comunitária e a criação de espaços de emergência de lideranças foi a realização do 1º. Fórum de Lucena: *Lixo o que fazer?*, organizado pela *Apoitchá* em 2001, em parceria com o governo municipal, durante o qual a comunidade problematizou por meio da arte e do lúdico questões relevantes como meio ambiente, ecologia preservação, saúde e bem-estar.

2002 Mobilização comunitária

As ações desenvolvidas em 2001 foram tão surpreendentemente enriquecedoras e mobilizadoras para todos – comunidade e apoitcheiros(as), que em 2002 a *Apoitchá* responde à demanda local de participação social. Assim, empenhou-se na construção de uma cultura de compartilhamento e reflexão dos problemas sociais que (ainda hoje) afeta a vida naquela comunidade. Tal participação oportunizou a quebra do silêncio e o emergir das vozes da comunidade, ‘horizontes compartilhados para um diálogo produtivo’ (AYRES, 2009, p. 13).



Portanto desde sua fundação, as ações da *Apóitche* possuem caráter educativo e conscientizador o que lhes conferem o *status* de participação ativa na comunidade. Como uma instituição-membro de comunidade vulnerável, a ONG investiu solidamente no desenvolvimento de sua função como *protagonista* e *centro de irradiação* de denúncia, de mediação de conflitos e de exercício do controle social que é definido 'como toda ação controladora da sociedade sobre o estado, [isto é], a capacidade que a sociedade civil tem de interferir na gestão pública, orientando as ações do Estado e os gastos estatais na direção dos interesses da coletividade. (ARANTES et al, 2007, p. 4). O exercício do controle social iniciou-se nesse período e está em processo de consolidação no decurso da institucionalização dos Conselhos de Direitos do município.

De acordo com a Controladoria Geral da União (CGU)⁸¹, os conselhos gestores de políticas públicas são canais efetivos de participação, que permitem estabelecer uma sociedade na qual a cidadania deixe de ser apenas um direito, mas uma realidade. A importância dos conselhos está no seu papel de fortalecimento da participação democrática da população na formulação e implementação de políticas públicas todo conselho deve ter paridade entre seus representantes da sociedade civil e setor público (federal, estadual ou municipal). Entretanto quando se trata de defesa dos direitos da comunidade, é comum que os conselheiros podem sofrer pressões políticas e não lutarem efetivamente pelos direitos da comunidade em direção à construção de políticas voltadas aos interesses da população.



História 6. A luz do sol nunca falha

Em 2010, o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente de Lucena, recebeu a denúncia de um esquema de exploração de meninos e meninas na cidade. Os perpetradores da exploração sexual eram homens influentes no comércio local. Segundo a denuncia anônima, um dos conselheiros tutelares à época, parente de um político local, 'tinha conhecimento sobre a violência e fazia vistas grossas', negligenciando o esquema de exploração e crime. O CMDCA abriu um procedimento administrativo (inquérito), afastando este conselheiro de sua função e encaminhou ao Juizado da Infância e Juventude (órgão federal presente em todas as comarcas brasileiras) a denúncia. Cabe destacar que a Presidente do CMDCA sofreu ameaça por telefone para parar com o processo e precisou, conseqüentemente, sair da cidade.

O Brasil é conhecido mundialmente pelo futebol, carnaval e corrupção. Histórias de desvio de recursos públicos, de abuso do poder e de impunidade realizado por políticos corruptos têm marcado a face do país e nossa cultura. Infelizmente, é possível encontrar na mídia as inúmeras campanhas acerca da defesa e proteção da

⁸¹Saiba mais no portal:

<http://www.portaldatransparencia.gov.br/controlSocial/ConselhosMunicipaiseControleSocial.asp>

criança e do adolescente contra a exploração e o abuso sexual. Contudo, essas não são ainda suficientemente efetivas para assegurar a proteção de crianças e jovens brasileiros, principalmente, nas áreas remotas do país, nas quais pessoas comuns (e não gangues) se envolvem em esquemas como o de Lucena.

Violência sexual contra a criança é crime e sua punição é prevista no Código Penal Brasileiro. Contudo, a maioria dos casos ocorre em ambientes familiares à vítima e, por isso mesmo, deixam de ser percebidos ou, quando o são, não são denunciados e julgados. Dessa forma, a vítima pode ficar anos à mercê do adulto-agressor e (.), desenvolver inúmeros problemas que prejudicarão sua vida social, escolar, de relacionamentos os quais, em muitos casos, constituirão a raiz da deficiência, segundo a literatura... O abuso sexual é um crime que acontece em qualquer camada social, envolve pessoas com nível educacional distinto e sempre resulta em prejuízos significativos para a vítima. (FERREIRA, 2008, p. 120)

Os conselhos, portanto, constituem uma instância chave no controle social, assim como a participação responsável da comunidade constitui um movimento chave na garantia da promoção e defesa de seus direitos. Assumindo como princípio os direitos humanos, como uma organização-membro da comunidade de Lucena, em 2002, a *Apoitchá* mobiliza a comunidade para a realização de *Diagnóstico Participativo* cujo objetivo foi mapear as demandas comunitárias a fim de subsidiar suas ações (vide capítulo 2, sessão 2.9).

A partir deste Diagnóstico foi criado o **Projeto Rede Participativa: Leitura, Escrita e Meio Ambiente**. Nessa época, a ONG não tinha conhecimento ou *know-how* para estabelecer parcerias com agências financiadoras. A falta de recursos fez com que a rede fosse implementada por *voluntários* (a maior parte dos quais daimistas) que, segundo a definição da ONU (1971) *‘é o jovem ou o adulto que, por interesse pessoal e espírito cívico, dedica parte de seu tempo, sem remuneração alguma, a atividades voltadas ao bem-estar social ou a outros campos’*.

A Lei federal brasileira nº 9.608/98 caracteriza como trabalho voluntário a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive de mutualidade.

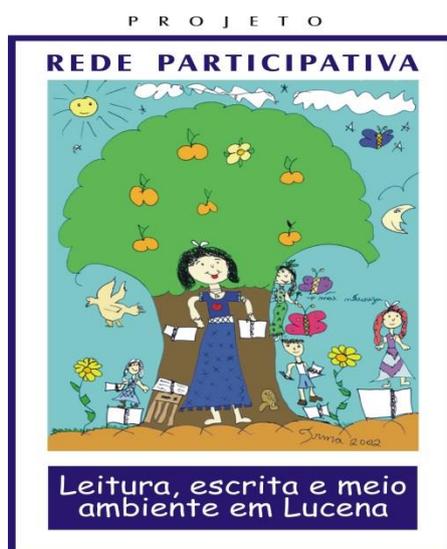
Captação de recursos constitui um significativo desafio para a realização de projetos sociais. Não foi (e não é!) diferente com a *Apoitchá*, mas o reconhecimento da importância das ações iniciadas pela organização geraram frutos nessa direção, e, primeiro com a contribuição informal de pessoas próximas aos apoitcheiros, depois

por empresários locais e, finalmente, pelo poder público geraram frutos. Dentre esses, cabe destacar o apoio dado pela então Coordenadora Geral da *Apôitchá*, Andréa Carrer, pedagoga, mestre em educação pela Universidade São Paulo – USP e uma das fundadoras daimistas da ONG. Nesse período Andréa atuava como consultora na Escola Marista da capital paraibana e doou parte de seus honorários à ONG, no qual também atuava como voluntária.

Outra fonte de recurso ao Projeto rede Participativa foi originado pela contribuição Grupo Amor É o Bem Maior⁸², que realizava eventos (jantares, shows musicais) em João Pessoa para arrecadar doações e divulgar a ONG. O projeto passou a ser reconhecido pela sua importância na cidade e, como consequência, a Prefeitura de Lucena estabeleceu convênio com a *Apôitchá*, a partir do qual recursos custeou parcialmente os materiais de consumo das oficinas.

2003 – Projeto Rede Participativa

Em 2003 criou-se o *Planejamento Participativo* entre educadores da Ong e das três escolas que participavam da formação e do planejamento. A finalidade era articular as ações desenvolvidas no projeto, de modo que a execução fosse integrada, monitorada e avaliada para o alcance dos resultados esperados. Mensalmente a *Apôitchá* se reunia com as três escolas e com a Secretaria de Educação para rever as ações do projeto e futuros encaminhamentos.



A proposta educacional baseou-se na Pedagogia de Projetos, (HERNÁNDEZ, 1998; MACHADO, 2000; PRADO, 2009), que viabiliza *um modo de aprender baseado na*

⁸² Hoje esse grupo se constitui como uma ONG com enfoque em saúde e desenvolvimento espiritual.

integração entre conteúdos das várias áreas do conhecimento, bem como entre diversas mídias (computador, televisão, livros) disponíveis no contexto da escola (PRADO, 2009, p. 4). Através do planejamento, a reconstrução curricular flui no decurso da troca de experiências e saberes interdisciplinares.



Durante o período de vigência deste projeto, foram realizados seminários com os(as) apoiadores(as) para o estudo e a formação sobre as principais ideias da obra de Paulo Freire (1970; 1979; 1982; 1991; 1992; 1996), formando assim uma base comum de conhecimentos que embasava o trabalho do Rede Participativa como um método problematizador. Segundo este autor, a equipe devia buscar cada vez mais colocar em prática uma forma metódica [de pensar e enxergar a realidade, exercitando] a (...) capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, [capacidades a partir das quais] tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso (FREIRE 1996, p. 60), competências fundamentais para lidar com problemas de alta complexidade.

Esse período se caracterizou como uma fase de gestação da rede *Apôitchá* que tinha em Lucena o seu centro de irradiação de ações sociais relevantes e transformadoras. Como resultado, no âmbito regional, a *Rede Margaridas Pró-Crianças e Adolescentes (Remar)*⁸³ conhece o trabalho desenvolvido pela *Apôitchá* e reconhece seu potencial, convidando-a para compor a rede metropolitana de João Pessoa, ação apoiada pelo Unicef. Juntamente com outras 14 ONGs e secretarias de governo do estado, essas entidades se articulam em prol da construção de respostas para a melhoria da educação e para a proteção da infância e da juventude na Paraíba. Até hoje a *Apôitchá* faz parte da Remar.

A rede de Informações para o Terceiro Setor (s/d) – RITS define 10 fundamentos de uma rede:

⁸³ A REMAR nasceu em 2003, com base no artigo 86 do ECA. Saiba mais sobre a REMAR no site <http://redemargarida.blogspot.com.br>.

1. **Autonomia.** Cada integrante mantém sua independência em relação à rede e aos demais integrantes. Numa rede não há subordinação.
2. **Valores e objetivos compartilhados.** O que une os diferentes membros de uma rede é o conjunto de valores e objetivos que eles estabelecem como comuns.
3. **Vontade.** Ninguém é obrigado a entrar ou permanecer numa rede. O alicerce da rede é a vontade.
4. **Conectividade.** Uma rede é uma costura dinâmica de muitos pontos. Só quando estão ligados uns aos outros é que indivíduos e organizações mantêm uma rede.
5. **Participação.** A cooperação entre os integrantes de uma rede é o que a faz funcionar. Uma rede só existe quando em movimento. Sem participação, deixa de existir.
6. **Multiliderança.** Uma rede não possui hierarquia nem chefe. A liderança provém de muitas fontes. As decisões também são compartilhadas.
7. **Informação.** Numa rede, a informação circula livremente, emitida de pontos diversos e encaminhada de maneira não linear a uma infinidade de outros pontos, que também são emissores de informação.
8. **Descentralização.** Uma rede não tem centro. Ou melhor, cada ponto da rede é um centro em potencial.
9. **Múltiplos níveis.** Uma rede pode se desdobrar em múltiplos níveis ou segmentos autônomos, capazes de operar independentemente do restante da rede, de forma temporária ou permanente, conforme a demanda ou a circunstância. As sub-redes têm o mesmo "valor de rede" que a estrutura maior à qual se vinculam.
10. **Dinamismo.** Uma rede é uma estrutura plástica, dinâmica e em movimento e ultrapassa fronteiras físicas ou geográficas. Uma rede é multifacetada. Cada retrato da rede, tirado em momentos diferentes, revelará uma face nova.

O trabalho em rede, portanto, consiste em um trabalho de construção e manutenção de um trabalho participativo em equipe estruturado em um sistema de 'nós e elos' capazes de organizar indivíduos de uma dada organização, de forma igualitária e democrática, em torno de um objetivo comum. O resultado de trabalho em rede é o fortalecimento da identidade de seus membros e, como vemos, os resultados efetivos que levam ao reconhecimento social dos projetos e programas. No caso deste marco, em 2004, também a Secretaria de Assistência Social de Lucena passou a participar das reuniões do Projeto Rede Participativa, inserindo-se em sua expansão.



2004 – Fundação da Casa Lar Roda do Sol

A Roda do Sol nasce com as 'meninas-sol' Nina, a mãe e Amana, a bebê recém-nascida que foram acolhidas por nós e nos acolheram fortalecendo-nos para o início deste trabalho e missão. (Vide detalhes dessa história no Capítulo 1). Trabalho no que diz respeito às ações para tratar dos prejuízos na saúde humana causada pela pobreza, abandono e presença do vírus HIV-aids em pessoas em tenra idade, crianças e jovens cujo sofrimento não há como compreender para pessoas que tem uma vida minimamente regular e com dignidade. Missão de resgate dos espíritos, tão feridos e perdidos pela solidão e falta de amor e cuidados.

Cláudia (CFPH) angariou recurso financeiro em um dia de evento de práticas de saúde e nos enviou em junho, o valor de R\$ 900,00 (novecentos reais). Valor suficiente para o custeio do aluguel semestral. Solidariedade, virtude presente nessa obra!

(Diário. São Paulo, Julho de 2004)

Segundo Arendt (2004) o nascimento de novos seres marca o começo do novo, que confere aos humanos fé e esperança, valores essenciais para a humanidade. A fé e a esperança no mundo talvez nunca tenham sido expressas de modo conciso e glorioso como nas breves palavras com as quais os evangelhos anunciaram uma "boa nova": "Nasceu uma criança entre nós" (Arendt, 2004, p. 259). No lugar do milagre da vida se encontra o nascimento, no qual a faculdade de agir se radica ontologicamente.



As palavras de Hannah Arendt (2004) refletem nossos sentimentos àquela época, nos acalenta e fortalece enquanto equipe para prosseguir na luta contra as injustiças sociais, cuidando e amando, tratando e curando as feridas no corpo e no espírito de pessoas abandonadas por suas famílias e comunidade e negligenciadas, esquecidas pelo poder público. O nascimento de Amana foi celebrado com o nascimento na *Apoitchá* de um novo projeto de vida: vida com saúde e proteção, vida saudável e vida compartilhada com amorosidade.

O nascimento da A Roda do Sol naquele exato momento somente foi possível porque Claudia Gonçalves, brasileira que vive em Edimburgo na Escócia e gestora da *Community Foundation for Planetary Healing*⁸⁴ (CFPH) sensibilizou-se com a história das meninas-sol e compreendeu a urgência de acolhê-las e resgatá-las para a vida com perspectivas.

A Roda do Sol foi concebida como uma 'casa lar' para crianças, jovens e suas famílias que vivem ou convivem com HIV/aids e/ou são vítimas de violência doméstica grave e abuso sexual e deficiência. Um espaço de resgate humano por meio da oferta de moradia temporária e de serviço de apoio psicossocial, assistência e saúde paralelamente à ações educativas

Para atender a essa nova demanda e à nova área temática - saúde , em julho de 2004, eu vim de São Paulo onde residia ainda naquele ano para dar um Curso de Formação sobre Educação Preventiva e Sexualidade que foi implantado na *Apoitchá* como um programa – *Programa de Educação Preventiva e Sexualidade*, ou simplesmente PEPs e que teve continuidade nos anos subsequentes. O principal objetivo do PEPs era formar os(as) educadores(as) apoitcheiros(as) e das escolas parceiras, estudantes das escolas parceiras que estavam em atividades na ONG, e agentes de saúde da cidade. Esse programa, necessário para preparar todos os envolvidos nas ações da Casa Lar, tinha como foco a infecção por HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez não planejada, o abuso e a exploração sexuais e como objetivo disseminar informações corretas e relevantes visando mudar a compreensão e a atitude preconceituosa contra pessoas infectadas pelo vírus, assim como romper com a ignorância e os mitos em torno deste tema.

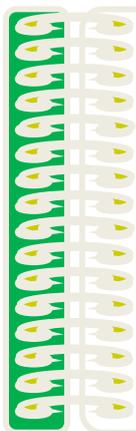
Nesse momento, mais uma vez vi a realização do chamado e da sincronicidade entre os fatos pela via da solidariedade da CFPH e do corpo de voluntários da *Apoitchá* que teve papel fundamental neste projeto em todas as ações desenvolvidas pela ONG.

No caso da Roda do Sol, o grupo de pessoas que passou a trabalhar neste novo projeto não foi escolhido em uma reunião formal ou indicado. Apenas migraram para a Roda naturalmente por se identificarem com seu propósito social e valor

⁸⁴ A missão dessa fundação, idealizada pelo escocês Mark Halliday e pela brasileira Claudia Gonçalves, com a colaboração de companheiros, é disseminar a perspectiva holística na terapêutica em contextos de vulnerabilidade em todo o mundo. Saiba mais em <http://www.planetary-healing.org/>.

humano. Todos eram daimista, com exceção de um (Victor Cayo, jornalista da ONG e educador). Ao mesmo tempo também continuavam a atuar no Projeto Rede Participativa, que continuava em pleno funcionamento.

Algumas destas pessoas devem ser destacadas aqui pela sua sensibilidade frente à complexidade dos problemas que envolvia as meninas-sol e pela sua ação técnica competente. A Lena Bezerra, jornalista paraibana, foi a primeira mãe social da criança que viveu na Casa Lar. Ela foi uma cuidadora e curadora incansável. Encontrou um desafio imenso porque as meninas-sol tinham que superar o luto da mãe-adolescente com as mortes das únicas pessoas próximas a ela, e as feridas no corpo, na pele do bebê causada por uma doença dermatológica. A postura de mãe social exigia esforços no sentido de acolher como filha essa jovem, que tinha de lidar com as dores advindas do diagnóstico sorológico e com a condição de quem vive com HIV na adolescência e de ajudá-la a desenvolver-se como mãe na rotina da vida diária.



Quando as ações da Roda do Sol começaram em 2004, eu ainda estava morando em São Paulo. Mesmo à distância, os apoitcheiros(as) me mantinham informada sobre os desenvolvimentos da casa lar em Lucena e eu, orientava o trabalho, discutia aspectos da dinâmica psicoemocional das meninas e dos que se ligavam à elas diretamente nesse árduo trabalho. Fazia articulações e buscava apoiá-los na implantação do projeto, do meu sonho... Buscava ajudar com recursos financeiros para o custeio de remédios e outras necessidades. A menina-sol bebê sofria com um problema sério dermatológico e havia necessidade de usar pomadas, Andréa e o Abraão, cuidavam da aplicação.

(Diário, Lucena, setembro de 2011)

Andréa e Abraão foram pessoas fundamentais nesse período porque desempenharam o papel de pai e mãe, orientadores e tutores, em alguns momentos. Foram pilares de sustentação emocional para essas duas meninas com sua presença amorosa, mas firme e disciplinadora. A mãe-sol era uma moça difícil de lidar, com muitos conflitos psicológicos que a tornavam agressiva impedindo-a de desenvolver sua maternidade e de assumir os cuidados com sua filha. Seu comportamento flutuava entre amor e rejeição com relação a bebê.

Cuidar é para Boff (1999, p. 33) “[...] mais do que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais do que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro”.

No contexto de vulnerabilidade, a dimensão do cuidado exigiu, portanto, uma prática transdisciplinar que reconhece a existência de diferentes aspectos do fenômeno da violência, do HIV/aids, da adolescência e maternidade e do acolhimento institucional, da necessidade humana e espiritual. Essa prática traz à memória a vivência dos antigos cuidadores e terapeutas, conforme bem (d)escrita pelo historiador Jean Yves Leloup (2007, s/p):

Os Antigos Terapeutas [de Alexandria] buscavam despertar, em si, o que chamamos o olho do Querubim. O Querubim, na tradição antiga, é um estado de visão, representado como asas repletas de olhos. Essa imagem é encontrada em diversas culturas, particularmente na tradição da Etiópia, onde há querubins nos tetos das igrejas: olhos que nos olham. Certa vez, quando adoeci na Etiópia, fiquei surpreso ao ver um médico me dar um pequeno rolinho e dizer: - Seu remédio. Ao desenrolar vi que havia nele asas com olhos. Tocou-me profundamente porque compreendi que tratava-se de colocar outro olhar sobre a doença. Há a visão do médico, do psicólogo, dos amigos, mas há também o olhar do Anjo. Esse olhar que vê o que acontece segundo um outro ponto de vista, de outra profundidade e que contempla a nossa doença ou sintomas não somente como os olhos humanos são capazes. Então pode se abrir, talvez, uma outra interpretação sobre aquilo que nos ocorre.

Na prática do cuidado cotidiano, estratégias foram adotadas no sentido de possibilitar que a mãe adolescente e sua bebê se sentissem plenas e cercadas por afeto. Durante o dia a dia a convivência na casa envolvia atividades de vida diária e artes manuais que também gerava renda para a menina-sol mãe. De seu lado, a mãe social também atuava como terapeuta Reiki⁸⁵ e cantarolava, enchendo a casa com as boas vibrações da música.

A música é uma linguagem com diversos elementos promotores de aprendizagem.

A utilização da música como recurso não somente terapêutico, mas também operativo, educativo e transformador constitui, entre outras coisas, veículo de expressão criativa e espontânea do indivíduo. Como linguagem musical, tem sua função didático-pedagógica destacada, sendo forte aliada nos processos educativos [...] elemento indispensável no processo de educação devido ao seu valor artístico, estético, cognitivo e emocional, favorecendo a criatividade e a junção dos aspectos emocional e racional. (COSTA 2011, p. 845)

No construir do vínculo entre a mãe social e a mãe adolescente, e entre cada uma delas e a menina, pulsava afetividade. Isso também acontecia com todos os outros voluntários porque o amor, sentimento constitutivo do domínio da conduta que aceita o outro, o diferente de nós, como legítimo na convivência (Maturana, 2001), era a maior crença dos envolvidos no projeto.

⁸⁵ Reiki é uma prática curativa que tem sido difundida em todo mundo nos últimos anos e, ainda, reconhecida pelos meios acadêmicos e científicos. Saiba mais em <http://www.terapiareiki.com.br/>.



História 7. Aprender a ser: Mãe

Três anos e meio foram vividos (2004- 2008), dia a dia na casa de apoio A Roda do Sol. As meninas-sol Nina e Amana conviveram, amaram, não puderam se amar todo o tempo...

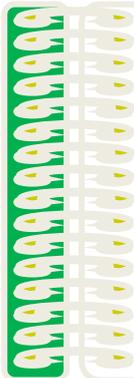
Um grupo de apoitcheiros(as) acompanhou e viveu essa jornada de amor, superação, violência, apego, proteção e abandono. Tantas aprendizagens...

Foi possível Nina aprender a ser mãe? Não o suficiente... Um novo acesso de agressão sobre a menina fez com que ela perdesse a guarda materna.

Um novo caminho tomado... Adoção.

A pequena menina-sol Amana foi conviver durante 4 anos e meio com uma família acolhedora – seus padrinhos de batismo, Andréa e Abraão. No final de 2012 a Justiça, concedeu a adoção definitiva da pequena Amana. Hoje (2012) aos 8 anos de idade estuda em uma excelente escola na capital paraibana, onde também aprende violino.

O trabalho incondicional dos(as) apoitcheiros(as)-voluntários(as) como Lena Bezerra, Andréa Carrer e Abraão Carvalho acima mencionadas, junto com outros(as), tais como, Juan Jantus, Michele França, Marcos Valério e Selma Albuquerque, Danielly Nascimento, Luciana e Lucélia Régis, Alípio Segundo, Victor Cayo, Edilma, Marcelo, Meru Petruzzo, voltado para o cuidado das meninas-sol durante três anos e meio, foi crucial na reabilitação e resgate. Nesses anos elas se tornaram meninas saudáveis, a bebê não vive com o HIV e a mãe encontrou um caminho espiritual – escolheu ser daimista aos 19 anos.



Encontrei Nina hoje na reunião espiritual do Santo Daime. Fiquei feliz ao saber que está bem, cuidando de sua vida e de sua saúde. Morou por anos em Campina Grande, voltou para Lucena recentemente e está na companhia de uma tia que se encontra enferma. Esse encontro me fez lembrar das mães sociais que atuaram na casa lar, depois de Lena, Irene, Beth, Betânia, Andréa, Nadelma, pessoas que cuidaram com muito compromisso e amor de todas as crianças e adolescentes que viveram nesse lar!
(Diário. Lucena, março de 2013)

Foi um desafio abrir uma frente de atuação em cuidados e atenção a pessoas com HIV/aids em 2004 porque, naquela época, a saúde pública local não atuava como referência local para o tratamento especializado desta condição. Assim, o acompanhamento ocorria semanalmente na capital, em João Pessoa, no Hospital Universitário Lauro Wanderley centro que pertence à Universidade Federal da Paraíba, onde as meninas-sol recebiam medicamentos e acompanhamento médico especializado.

Outra ação articulada pela ONG foi o ingresso de Lucena no Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação. Nesse ano a Secretaria de Saúde de Lucena, passou a compor a Rede local de Proteção Integral da Criança e do Adolescente de Lucena.

2005 – ONG Vencedora do Prêmio Itaú-UNICEF

O ano de 2005 caracterizou-se como um ano de expansão da *Apóitchá* e, sobretudo, foi o ano do seu reconhecimento e projeção nacional, que se materializaram quando do vencimento do *Prêmio Itaú-UNICEF* com o *Projeto Rede Participativa: Leitura, Escrita e Meio Ambiente*. Em quase um ano de sucessivas etapas seletivas e análise de 1.682 projetos, a *Apóitchá* foi escolhida vencedora nacional e recebeu 100 mil reais, aplicados em 2006 na construção de sua sede.



Com a expansão do Projeto Rede Participativa, novas crianças e adolescentes são incluídas em oficinas de leitura e escrita, jornalismo, língua espanhola, protagonismo juvenil e grafiteagem, transformando as ruas da comunidade em espaços de aprendizagem. As ações incorporaram as temáticas direitos humanos, respeito às diferenças, sexualidade e saúde preventiva, orientadas pelo eixo articulador da leitura e da escrita.

A *linguagem do grafite* chega à Apôitchá através de Paulo Pires, artista plástico de Agudos (interior de São Paulo) que escolhe Lucena para viver e a Apôitchá como um de seus projetos de vida, onde atua até os dias de hoje.



A *oficina de música* coordenada por Abraão Carvalho ('pai' das meninas-sol), funda o grupo musical *O Poder do Verbo* constituído de crianças e adolescentes, que produz e grava o primeiro CD com composições que tratam do meio ambiente, prevenção e cultura de paz. A venda do CD torna-se uma fonte de recursos para o custeio de outras ações.



Todas ações da ONG incorporam, desde então, temas contemporâneos na pauta das políticas públicas e da sociedade civil organizada, as quais fundamentam a concepção de *desenvolvimento inclusivo* ainda incipiente, tais como, direitos humanos, respeito às diferenças, sexualidade e saúde preventiva. Este conceito

ainda estava em processo de gestão nas instâncias internacionais e, portanto, era pouco conhecido no Brasil

Inclusive development... means paying particular attention to the needs of the down-trodden and marginalised. It means recognising that in human development processes there are asymmetries of power, access to information and capacity, which serve inexorably to drive weaker sections towards the margins. **It means recognising that development means taking a stand against injustice.** It requires an appreciation that social development in the contexto of developing countries is not a neutral subject to be discussed merely as na intelectual construct, detached from the hard terrain in which people live their lives. (STUBS, 2007, p. 07 Apud. BARRON and AMERENA, 2007)

O resultado do prêmio promoveu enorme contentamento entre os “apôitcheiros”, cuja percepção foi de que tiveram seu trabalho e seu empenho reconhecidos. Isso fortaleceu a autoconfiança, o sentimento de pertencimento de grupo e validou a missão e a visão organizacional compartilhadas.



O prêmio, da ordem de 100 mil reais, foi destinado à construção da sede própria. A chance de ter sua própria sede foi de grande importância para a *Apôitchá*, já que a dependência de imóveis alugados, especialmente em uma cidade de veraneio como Lucena, sujeita a especulações imobiliárias, era um fator de alto custo e limitador para a ONG.

Para entregar o prêmio à comunidade, a *Apôitchá* realizou o espetáculo *Os Beija-Flores Vêm Chegando*. Com direção de Anna Rosa Azra Vilar, o musical envolveu toda a equipe, crianças e algumas famílias. Foi assistido pela comunidade e por membros de órgãos governamentais, do Unicef, da Fundação Itaú-Social, do Cenpec, de ONGs, de outros institutos e do Poder Judiciário do estado da Paraíba.

2006 – Projeto Roda, Rede! Prevenção, Letramento e Inclusão Social

O ano de 2006 foi um ano de transformações para a *Apoitchá*. Com a conquista do Prêmio Itaú-Unicef, inicia-se a construção da sede da ONG e da Casa Lar, enquanto expande-se o *Projeto Rede Participativa*, que passa a ser chamado de *Projeto Roda, Rede! Prevenção, Letramento e Inclusão Social*, que tinha duas frentes de ação: (1) Ação educacional direta com crianças e jovens da comunidade e a (2) ações de formação de educadores e membros da comunidade (famílias, agentes de saúde, conselheiros tutelares, entre outros).

O novo projeto demanda uma maior articulação com o poder público local e, na nova configuração, o Projeto Roda Rede! amplia a parceria com o governo local passando a se articular com três secretarias a de educação, saúde e assistência social, Além de articular-se com o governo do estado através da Secretaria de Educação e do Conselho Tutelar.



Neste ano, a ONG participou (em parceria com escolas da rede municipal) do edital publicado pela parceria *Fundo Juntos pela Educação, Instituto ARCCOR, Fundação Vitae e C&A*. Ao ter o projeto Roda Rede! aprovado as ações da ONG expandem-se em direção à atuação no campo da educação em tempo integral. As agências financiadoras, agora próximas parceiras da *Apoitchá*, ofereciam apoio em termos de recursos humanos e materiais. As formações eram oferecidas para as ONGs que faziam parte do *Fundo Todos para a Educação*, realizado em hotéis em João Pessoa com especialistas na área de educação em tempo integral. Os materiais adquiridos

eram materiais permanentes (aparelho de som, computador, DVD, instrumentos musicais, etc.) necessários á consecução das ações do projeto.

Frente de Ação Educacional – Educação Integral

Esta frente tinha como meta promover a educação em tempo integral de 224 crianças e adolescentes matriculados em quatro escolas públicas da rede de ensino. Nesse contexto, foi criado o *Encontro Pro-Rede*, a partir da qual realizou-se ações de formação com familiares dos estudantes, 180 professores e 16 educadores da ONG. Os temas abordados tinham como foco a alfabetização e educação preventiva.

Os *Encontros Pró-Rede*, se expandem em cada escola, reunindo 150 participantes entre familiares, educadores e adolescentes para discussão de temas como violência contra a criança e o adolescente, sexualidade e drogas, bem como para avaliação do projeto. Nesta época, um novo profissional se junta à equipe da *Apoitchá* e se torna um 'apoitcheiro': o psicólogo paulista Eduardo Kopp, que voluntariamente passa a fazer formações com ênfase nos jogos cooperativos e neuroaprendizagem para a equipe da ONG e profissionais de todo o sistema de garantia de direitos, inclusive gestores públicos de Lucena. Hoje ele é membro do Conselho Diretivo da ONG.

Frente de Formação de Recursos Humanos

Três ações de formação constituíram esta frente no Projeto Roda Rede!, quais sejam, a (a) formação de professores alfabetizadores; (b) a formação em educação preventiva e sexualidade humana e a (c) formação de agentes comunitários.



O Programa de Formação de Professores Alfabetizadores adotou como modelo e materiais o Programa de Alfabetização do Governo Federal PROFA, mas não integrava oficialmente a rede nacional. Em parceria com a Secretaria de Educação, esta ação foi coordenada por Andrea Carrer, pedagoga e daimista fundadora da *Apoitchá*. Trata-se do primeiro programa de formação contínua desenvolvido na cidade voltado para os educadores da ONG e para todos os professores da rede

pública de ensino de Lucena que atuam da educação infantil ao quinto ano do ensino fundamental⁸⁶.

A Formação realizada no âmbito do *Programa em Educação Preventiva e Sexualidade*, ou PEPs que também se expandiu nesta etapa para atingir aos professores do sexto ao nono ano da rede pública de educação. Finalmente, é lançado o *Programa de Formação de Educadores e Agentes Sociais com Ênfase nos Temas Transversais*, com foco nos temas raça, etnia e direitos humanos. Foram realizadas inúmeras ações e atingidas em torno de 120 pessoas.

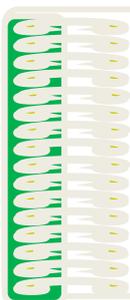
Este ano foi um ano profícuo em todos os sentidos: ações sociais para a melhoria das condições de vida da comunidade lucenense, formação de recursos humanos em ampla escala envolvendo todos os segmentos sociais e criando espaços de participação, compartilhamento de experiências e escuta. Nesse percurso formativo, a metodologia adotada pela Apôitchá assume como pressuposto o educador(a) como um indivíduo, com *‘uma história de vida e uma experiência profissional que orienta o seu olhar e justifica determinados interesses e necessidades. Sendo assim, formar adultos implica produzir formação em colaboração, mobilizando recursos teóricos e práticos.’* Nesse sentido, a ação de formação passa a *‘ser assumida como possibilidade de crescimento, perspectiva de mudança e forma de resolução de problemas,’* ao invés de técnicas de ensino e consumo de conhecimentos. (CUNHA, 2006, p. 31)

A construção da Sede Da Apôitchá: o sonho do “castelinho”

*Como castelos nascem dos sonhos
Pra no real achar seu lugar
Como se faz com todo cuidado
A pipa que precisa voar
Cuidar de amor exige mestria
E Léo e Bia souberam amar.*

(Trecho da música Léo e Bia de Oswaldo Montenegro)

A construção do castelinho rompeu com a dificuldade enfrentada durante anos de se estabelecer em imóveis alugados.



Marcos teve um sonho com a sede da Apôitchá. Ele viu no céu um castelo dourado...
É nesse estilo arquitetônico que vamos construir!

(Diário. Lucena, janeiro de 2006)

⁸⁶ O convênio com a prefeitura local é ampliado, em termos de financiamento e disponibilização de educadores e equipe de apoio para as ações da ONG (que já não eram apenas educativas, mas também de acolhimento e proteção). Na Casa Lar A Roda do Sol, mais de 10 crianças e adolescentes já haviam sido acolhidos. A Apôitchá recebe neste ano, o título de Instituição de Utilidade Pública Municipal, através da Lei nº 536/05, promulgada pela Câmara Municipal de Lucena. Recebe o registro nº 001/05 no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e o Registro nº 001/05 no Conselho Municipal da Defesa Social.

A obra foi desenhada com base em sonho de Marcos Barros, daimista e um dos fundadores da Apôitchá.



A primeira sede foi uma pequena casa de um cômodo e banheiro que só servia para guardar os materiais da companhia de teatro de bonecos Apôitchêcos e para as reuniões internas. A segunda sede onde as crianças passaram a frequentar situava-se na frente da Colônia dos pescadores e tinha uma estrutura modesta: uma sala de leitura, uma brinquedoteca e uma sala de artesanato. O aluguel era custeado pelo odontólogo Vicente, proprietário naquela época da empresa ORTOQUALIT. Na sequência mudamos para uma casa mais ampla a que chamamos *a casa da piscina*, o aluguel era mantido pelo mesmo apoiador. Um ano depois mudamos para uma pousada desativada e essa, foi a última sede alugada, antes da mudança, no final de 2006, para nossa *casa própria*.

(Diário. Lucena, novembro de 2011)

A construção da Casa Lar A Roda do Sol

A Roda do Sol, a luz irradiante
faz a plantinha crescer,
a criança viver,
saúde abundante.

(Trecho da música A Roda do Sol canalizada pelo músico e educador Abraão Carvalho)

Diante da visibilidade que o Prêmio trouxe à **Apôitchá**, o governo da Paraíba tomou conhecimento das ações complexas e bem executadas pela ONG, firmando assim um convênio com o *Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza no Estado da Paraíba* (Funcap-PB) para o financiamento da construção da *Casa Lar A Roda do Sol* e o aporte de recurso mensal para custeio de taxas administrativas e alimentação das crianças. A execução da obra durou mais tempo do que o esperado, pois a empresa de engenharia licitada não cumpriu o contrato, abandonou a obra e levou parte do recurso. Foi um período de grande estresse para a gestão da ONG, que se empenhou na resolução desse desafio: a Apôitchá abriu um inquérito no Funcap. Após um ano conseguimos, enfim, um aditivo, executado diretamente pela ONG para a finalização da obra.





Com sorte e com muito empenho conseguimos!
Hoje, 28 de agosto de 2008, é o dia de Ação de Graças pela inauguração da Casa Lar A Roda do Sol e também é o dia do meu aniversário.

Posso dizer que eu e a Apôitchá toda renasceu depois de mais de dois anos executando essa obra, tijolo por tijolo. Enfrentamos uma construtora que conseguiu roubar dinheiro da obra, ou seja das nossas crianças! 2007 não foi um ano fácil, me vi sem forças diante de ladrões, de repente me refiz, e encontrei uma força gigante para lutar... O que me faz continuar são as crianças e os amigos que encontramos no caminho: o italiano, artista plástico daimista, Filipo Garrone, vendeu uma tela, enviou o recurso, assim, conseguimos colocar piso e azulejos! Os da Escócia estiveram aqui: Claudia, Mark, Celia, Jenny, nos ajudaram no mutirão de finalização da obra, pintaram paredes, carregaram entulhos, foram 10 dias nessa festa!

Nós conseguimos!

(Diário. Lucena, agosto de 2008)

2007 – Apoio Internacional Terre des Hommes: expansão organizacional

Este ano foi particularmente importante para o início de crescimento e a expansão da Apôitchá enquanto organização, isto é, desde a perspectiva da valorização e profissionalização remunerada de seu corpo de técnicos, assim como da significativa expansão das ações sociais realizadas. Embora a ONG já tenha realizado por seis anos ações de peso social nacionalmente reconhecidos com a Premiação Itaú-UNICEF, ainda assim a maior parte de seu corpo técnico e de educadores(as) ainda atuavam como voluntários, ou seja, sem receber salários compatíveis com suas qualificações e funções.

Como mostro neste marco, o apoio internacional iniciado com a Agência de Cooperação Holandesa *Terre des Hommes* – TDH, que em vários países do mundo financia projetos com foco na redução da pobreza e vulnerabilidade de crianças e adolescentes, teve papel crucial para o crescimento da ONG e a instalação de um período de quatro anos de estabilidade e valorização profissional. O ingresso da cooperação internacional na negociação teve início em 2006 conforme registrado em meu diário:



Na escrita da proposta para TDH-Holanda tivemos o apoio solidário de Marivete (pessoa engajada em projetos sociais e trabalhadora de uma ONG na capital paraibana). Andréa e eu passamos um sábado inteiro na casa dela em João Pessoa, onde recebemos ajuda na compreensão do formulário (extenso e bastante complexo) e dicas para escrever o projeto que desejamos!

Marivete sabe da luta pela sobrevivência da Apôitchá e conhece TDH, pois já trabalhou em um projeto financiado por essa agência. Avistou em TDH a chance para a Apôitchá tornar-se profissional, pois há uma política de financiamento para recursos humanos (RH) com seguridade social. Finalmente uma agência que financia RH !!!!

Foram intensos os dias de produção da proposta com os apoitcheiros (as), trabalhávamos nas madrugadas.

Fomos aprovados após meses de análise e conversa. Sinto que teremos uma bonita caminhada!

(Diário. Lucena, maio de 2007)

A proposta *‘Viajando nas trilhas de uma educação humanizadora’* submetida e aprovada foi desenvolvida em oito escolas públicas sendo sete municipais e uma estadual, atendendo sete comunidades de Lucena. Este projeto contemplou a aquisição de um veículo *pick-up* (uma Mitsubish 4X4) capaz de transitar pelas vias não asfaltadas do município e que tivesse bagageiro. Usado na biblioteca itinerante.



A criação da biblioteca itinerante funcionava com o empréstimo de livros, exibição de cinema, oficinas de música, contação de histórias, apresentação de teatro de bonecos e cursos de formação nos temas Etnia, Meio Ambiente, Cooperação e Neuroaprendizagem com vistas ao fortalecimento da *Rede Local de Proteção Integral da Criança e do Adolescente*. Estas formações foram ministradas voluntariamente pela historiadora Valéria Adissi professora aposentada, Paula Francinete, ex-vereadora de JP e fundadora da APAN (vide capítulo 1) e Eduardo Kopp.

O apoio financeiro internacional possibilita a ampliação da equipe técnica da *Apóitcheá* que passa a contar também com uma psicóloga, uma assistente social, e pedagogos(as) contratados. Os apoitcheiros(as) que já atuavam voluntariamente nas ações da ONG também foram valorizados profissionalmente porque seu trabalho passa a ser remunerado mensalmente com salários que variam entre R\$900,00 e R\$1.400 reais para a função de coordenador(a). A *Apóitcheá* com este projeto expande, portanto, sua amplitude de ação educacional passando das prévias duas para sete comunidades, da oferta de atendimento de 224 estudantes, filhos(as) de 240 famílias para 2.084 crianças e adolescentes filhos(as) de 500 famílias vivendo nas zonas urbana e rural e, finalmente, de 120 para 190 educadores(as) das escolas parceiras e da ONG em processo de formação contínua.

As atividades artísticas e culturais que promovem o protagonismo juvenil florescem neste ano com o relançamento do CD do grupo musical *O Poder do Verbo* com novas composições e cujos recursos foram oriundos do Fundo *Juntos pela Educação* porque as músicas possuem caráter educacional e cultural e são cantadas pelos participantes nos projetos.

o protagonismo juvenil é parte de um método de educação para a cidadania que prima pelo desenvolvimento de atividades em que o jovem ocupa uma posição de centralidade, e sua opinião e participação são valorizadas em todos os momentos... A ênfase no jovem como sujeito das atividades contribui para dar-lhes sentidos positivos e projetos de vida, ao mesmo tempo que condizem à reconstrução de valores éticos, como os de solidariedade e responsabilidade social (ABROMAVAY et al, 2002, p. 62).

Na mesma linha, buscando fortalecer e promover a visibilidade dos jovens protagonistas da *Apóitcheá*, a oficina de jornalismo produz jornais e *fanzines*, um tipo de publicação juvenil criada pelos jovens de forma artesanal com o objetivo de disseminar informações culturais, do mundo jovem e do Projeto Roda Rede! nas comunidades locais e instituições diversas em Lucena, nas ONGs da Remar, em João Pessoa e área metropolitana.

No plano da consolidação da *Apóitcheá* enquanto organização paraibana comprometida com o desenvolvimento social, nesse ano a ONG recebe o registro do Conselho Estadual de Assistência Social, sob o nº 010/07, que constitui condição

para o estabelecimento de convênios com o governo do Estado e que deve ser revalidada a cada dois anos. Este registro representa também uma forma de controle das ONGs uma vez que os conselhos são instâncias com representação do poder público e da sociedade civil que fiscalizam as suas ações. A função fiscalizadora, entretanto, não ocorre quando se trata de abuso de poder ou corrupção contra a organização, como aconteceu quando recursos da *Apoitchá* foram desviados pela construtora que estava à frente da obra da sede.

Cabe destacar que, nesse ano, o voluntário José Neves, um economista aposentado de São Paulo, assumiu a gestão da contabilidade. José é marido da Valéria Adissi, professora aposentada de história da rede estadual de São Paulo e que atua há cinco anos como assessora voluntária na área de História da ONG e foi coordenadora adjunta respondendo legalmente pela ONG por uma gestão. Juntamente com Luciana Régis, pedagoga e coordenadora administrativa e Margareth Medeiros, contadora, a área administrativa e financeira foi estabilizada com caráter profissional.



2008 – Nova área de atuação: Desenvolvimento Comunitário

2008 constitui um ano de consolidação da *Apoitchá* com a identidade de organização aprendente. Mesmo sem ter esta clareza naquela época, os anos anteriores foram anos de intensas e profundas aprendizagens e desenvolvimentos que emergiram a partir da escuta sistemática e participação comunitária. A ONG absorvia as informações, vivia os desafios da comunidade e aprendia junto com todos, como um membro da comunidade, a buscar soluções e caminhos mais promissores.

Marcado pelas possibilidades trazidas com a parceria internacional e, conseqüente, expansão, valorização e profissionalização da equipe de apoitcheiros(as) iniciadas no marco anterior, 2008 se caracteriza como o ano marco do *Desenvolvimento Comunitário*, área a partir da qual as famílias de Lucena são convidadas a discutir sobre direitos humanos e ações diretas para geração de renda. Nesse processo coloca-se o desenvolvimento humano como horizonte das ações da ONG, numa esfera de atenção humanizada com apoio técnico e pedagógico em favor de uma comunidade imersa em extrema situação de vulnerabilidade social.

Pela Assembleia Legislativa da Paraíba, através do pleito do deputado Rodrigo Soares, a ONG recebeu o **Diploma de Honra ao Mérito**, em cerimônia pública, pelo

reconhecimento do trabalho de promoção dos direitos da criança e do adolescente⁸⁷, reconhecida com outras instituições da Paraíba.

Diante da necessidade de estimular e promover iniciativas para a melhoria da qualidade de vida das famílias de Lucena, especialmente do Bairro Novo, conhecido como favela da Carrapeta, em fevereiro a *Apôitchá* estabeleceu a área de **Desenvolvimento Comunitário**.

Nessa nova área, o envolvimento da psicóloga Sarah Araújo, paraibana, formada pela Universidade Federal da Paraíba e envolvida com Economia Solidária foi de fundamental importância. Na condução dessa nova área, três focos foram definidos:

- (1) o desenvolvimento local através de projetos de geração de renda;
- (2) o emponderamento das famílias a respeito dos direitos humanos e
- (3) a promoção do desenvolvimento integral de crianças e adolescentes.

No escopo dessa nova área desenvolveram-se as seguintes atividades:

- (a) formação sobre economia solidária (ES);
- (b) criação de grupos de produção coletiva envolvendo mulheres e jovens em oficinas de costura, artesanato, serigrafia e grafite;
- (c) participação em feiras, eventos e intercâmbios, articulada com outros artesões e produtores de Lucena e demais municípios;
- (d) articulação comunitária e com a Rede Local e
- (d) realização do Diagnóstico Participativo.

A implantação do processo de Diagnóstico Participativo foi realizada com o objetivo principal de desvelar a realidade do Bairro Novo (antiga favela da Carrapeta) conforme tratamos no capítulo 2.

O ano de 2008 foi realmente intenso, inúmeras ocorrências foram determinantes neste ano para a consolidação da *Apôitchá* como uma organização aprendente, entre as quais vale enfatizar o convite do UNICEF para articular e mobilizar jovens que vivem com HIV em três estados nordestinos: Paraíba, Pernambuco e Alagoas. O projeto intitulado **É Vento em Movimento!** teve como principal estratégia a realização de encontros com 90 jovens protagonistas que vivem ou convivem com HIV/aids e 60 educadores neste estados, durante os quais foram tratadas as temáticas projeto de vida e sexualidade. A iniciativa contou com a parceria de ONGs locais, dentre elas a Gestos, de Recife e a Piollin, de João Pessoa, assim como as Coordenadorias Estaduais de DST/aids dos estados envolvidos.

⁸⁷ Recebe o título de Instituição de Utilidade Pública Estadual: lei estadual nº 8.606/08.



UNESCO Criança Esperança: melhoria dos recursos materiais

A UNESCO lança anualmente o edital público para participar do Criança Esperança. A *Apóitchá* submeteu o *Projeto Casa Lar A Roda do Sol* solicitando recursos para equipar a *Casa Lar*, o *Espaço de Saúde Integrativa* e o *Jardim de Infância a A Roda do Sol*, todos funcionando com poucos recursos materiais. Foram adquiridos cozinha equipada, geladeira, fogão, camas e armários mobiliando todos os quartos das 68 crianças moradoras da casa, fizemos um parque infantil externo, equipamentos e mobiliário de escritório (computador, impressora, mesa, cadeira, arquivo, etc.). Com este recurso também foi possível contratar por um ano uma educadora e uma pedagoga para atuar no jardim de Infância. A Prefeitura de Lucena, por meio de verbas da Secretaria de Saúde, apoiava apenas a manutenção de algumas despesas com alimentação e taxas administrativas.



A construção da obra da Casa Lar é finalizada e, finalmente, inaugurada com uma celebração com a comunidade, em 28 de agosto de 2008.

Expansão da área de Saúde

Desde a fundação da Casa Lar A Roda do Sol, como vimos no capítulo 1, a *Apôitchã* lançou mão de ferramentas em saúde holística, a esse exemplo o Reiki e a Psicoterapia eram atividades frequentes.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho na área de Saúde & Proteção outras práticas foram agregadas, por meio do trabalho de voluntários e outras pela efetivação de parcerias com a Faculdade Ciências Médicas da Paraíba e com TDH-Holanda.

Com TDH-Holanda, realizamos uma ampla discussão onde defendemos a necessidade da oferta de atendimento inovador para a comunidade. Nesse sentido, o atendimento médico pediátrico homeopático foi pautado como recurso de fundamental importância para a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes. Esse tipo de abordagem médica era totalmente desconhecido naquele contexto. A discussão produziu um bom resultado e, conseguimos recurso para o custeio dessa ação e outras específicas para as crianças com deficiência por meio de fonoaudiologia e fisioterapia, serviços que não eram disponibilizados pela secretaria de saúde de Lucena.

Saúde integral

Na *Apôitchã* se respeita a saúde na perspectiva **biopsicossocioespíritual**, que percebe o ser humano como uno e indivisível, um ser integral, nessa dimensão, as práticas integrativas buscam, em consonância com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do SUS (BRASIL, 2006), uma visão ampliada do processo saúde-doença e a promoção global do cuidado humano.

Terapias complementares, também conhecidas pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2010) como “racionalidades médicas complexas e recursos terapêuticos naturais” integrativas e complementares e não alternativas à biomedicina, pela visão holística em que se apoiam, englobam diversas práticas de atenção à saúde, tais como acupuntura, homeopatia, medicina ayurvédica, naturopatia, medicina fitoterápica, terapias baseadas em dietas, quiropraxia, massagem, meditação, hipnose, ioga, orações e cura pela fé, terapia de cura por reiki, entre outras. São práticas antigas que foram redescobertas e não deveriam ser colocadas em oposição à medicina alopática, mas sim em uma dimensão que as incluisse (Gentil et al, 2010).

Na ONG, a área de Saúde-proteção promoveu desde sempre aprendizagens nesse campo. A esse exemplo, promoveu formações inovadoras na Paraíba, com a oferta e/ou participação de cursos formativos e atendimentos.

Formação em Florais da Amazônia (2009), por Maria Alice Freire e ThetaHealing[®], ministrados por Julie Monin (2011), Yoga e Meditação por Roberto Martins e Flávia Bianchini (2012) atendimentos em Aromaterapia por Jen Gold (2008), Quiropraxia com Rô Perez (2009), Taporitmia (2011) com Rosemberg Silvapráticas de Yoga por Sasha Tiffany (2011).
Participou ainda de Formação em Florais de Saint Germain (2009) e na Ciência do Início da Vida (2009).



Thiala e Claudia (educadoras) Ilda (assistente social) e eu fomos para Recife aprender um pouco sobre humanização na saúde e primeira infância. A formação em Ciência do Início da Vida revelou-nos a importância da concepção consciente, gestação, parto e os três primeiros anos da criança. Foi um final de semana de muitas aprendizagens e abertura do olhar sobre o direito de nascer e crescer espiritual e socialmente em plenitude! No retorno fizemos rodas com os adolescentes para tratarmos de prevenção da gravidez e compartilhamos nossas aprendizagens.

(Diário, Lucena, setembro de 2011)

A Ciência do Início da Vida⁸⁸, fruto da extensa pesquisa da médica Eleonor Madruga Luzes (2007), destaca desde a concepção consciente e ainda oferece a compreensão sobre o nascimento

O parto sempre se deu em ambiente domiciliar, mas durante a Segunda Guerra ele foi levado para dentro dos hospitais. Nesta época, como será visto adiante, muitos procedimentos foram criados e, por tradição, são mantidos até hoje. Na década de 1980, surgiu, em contraposição a este modo de ação, um novo paradigma ao que hoje se chama de medicina baseada em evidências. Tal paradigma coloca em questão, de maneira significativa, muitos dos procedimentos utilizados pela medicina tradicional. A gravidez dura, em média, 10 meses lunares que correspondem a 40 semanas ou a 280 dias. O tempo principal da fecundação é depois das primeiras seis a oito horas, após o salto do óvulo. Portanto, o parto é o fim desta jornada que inaugura o início de outra e, se a primeira jornada foi auspiciosa, a passagem sendo bem cuidada torna-se o melhor dos passaportes para uma vida plena. (pp. 455-456)

Seguindo uma trajetória de construção de experiências humanizadoras do nascer, a *Apôitchá* incluiu em sua área de saúde essa temática. Oportunizou formações internas e externas (Ciência do Início da Vida) para a equipe, identificou a parteira da região, “Mãe Biu”, na época com mais de 90 anos. Participou em Olinda do encontro nacional de parteiras pela Rede nacional de parteiras tradicionais e incentivou a realização de partos domiciliares na comunidade.

A primeira ação educativa interna, em parceria com o Movimento Curador de Pernambuco, ocorreu em maio de 2008, por meio do I Encontro Vivencial Sempre Vivas Parteiras, realizado na sede da Apôitchá. Nossa mediadora foi Dona Prazeres, presidente da Associação das Parteiras de Jaboatão dos Guararapes, acompanhada da doula e socióloga Sandra Maciel.



Enquanto houver vida humana na Terra, haverá parteira".
[Dona Prazeres, parteira tradicional]

Escalando a Criança e o seu desenvolvimento integral, nossos olhares se voltam para as mulheres e seus processos emocionais, físicos, psíquicos e espirituais durante a gestação, parto e o puerpério. Toda mulher grávida tem o direito de ser bem acolhida, acompanhada e orientada e toda criança tem o direito de nascer bem, sem sofrimento físico e emocional. O nascer é sagrado, o nascer bem é um direito e requer acolhimento, proteção, afetividade. O momento do parto é um rito de passagem e o alicerce para a construção de Direitos.

Celebrando o nascer, a APÔITCHÁ, através do Projeto A Roda do Sol e o Movimento Curador, convidam para o

I ENCONTRO VIVENCIAL SEMPRE VIVAS PARTEIRAS

Realização: APÔITCHÁ
Apoio: Criança Esperança - UNISCO, Terre des Hommes - Holanda, Movimento Curador, Associação das Parteiras de Jaboatão/PE, Caju da Flor da Nova Era - CEFLURIS, Prefeitura Municipal de Lucena, Secretaria de Saúde de Lucena, Projeto Sementeira de Arte-Educadora.

PROGRAMAÇÃO

Momento I
Sexta-feira: 30/5 - Local: APÔITCHÁ, Lagoa dos Homens, Lucena, PB - Hora: 14:30
/// Resignificando a experiência do Parto ///
Com Sandra Maciel, socióloga, professora Waldorf, e diretora do documentário "Sempre Vivas Parteiras".

Momento II
Sábado: 31/5 - Local: Praia de Lucena - Complexo Turístico - Hora: 08:30
/// Para o dia nascer feliz! ///
Com Anna Rosa, atriz e arte-educadora, coordenadora do projeto Sementeira e Selma Albuquerque, educadora, membro do Caju da Flor da Nova Era.

Trazer consigo:
1 toalha ou canga e roupas leves.

Sábado: 31/5 - Local: Praia de Lucena - Complexo Turístico - Hora: 09:30
/// Saberes tradicionais e técnicos:
Parto Humanizado, direito das crianças, direito das mulheres ///
Com Sra. Prazeres, presidente da Assoc. das Parteiras de Jaboatão dos Guararapes, parteira tradicional e enfermeira obstetra, 70 anos, 5 mil partos realizados, condecorada com o prêmio Bertha Lutz.

Sábado: 31/5 - Local: Praia de Lucena - Complexo Turístico - Hora: 14:00
/// Casais e Solteiros Grávidos:
a Gravidez como uma simbólica experiência ///
Com Sandra Maciel, Marlida Marinho e Sra. Prazeres

Investimento: 1 flor, frutas frescas e secas, alimentos integrais para os lanches e almoço que serão compartilhados.

Inscrições até o dia 28/05
com Lilian Galvão ou Lena Bezerra
pelos telefones: [APÔITCHÁ] 83.3293-1376
[Lilian Galvão] 83.9905-7353
[Lena Bezerra] 83.9933-5730

Visões Simbólicas

⁸⁸ Saiba mais no site <http://www.cienciadoiniciodavida.org>.

A palavra “doula” vem do grego e significa “mulher que serve”, sendo hoje utilizada para referir-se à mulher sem experiência técnica na área da saúde, que orienta e assiste a nova mãe no parto e nos cuidados com bebê. Seu papel é oferecer conforto, encorajamento, tranquilidade, suporte emocional, físico e informativo durante o período de intensas transformações que está vivenciando.

Fonte: <http://www.euqueroserdoula.com.br>

A experiência de Dona Prazeres como parteira é de mais de cinco mil partos, sem nenhum óbito, e por isso recebeu o Prêmio Bertha Lutz.



A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1985), pactuou um movimento internacional com o intuito de priorizar a tecnologia apropriada, a qualidade da interação entre parturiente e seus cuidadores e a desincorporação da tecnologia danosa ao bebê e à mulher.

No Brasil essa iniciativa é chamada de Movimento pela Humanização do Parto e Nascimento (MHPN). Em nossos hospitais ainda prevalece a falta de privacidade e na maioria das maternidades públicas a parturiente não pode ser acompanhada por alguém com quem tenha vínculo.

Nessa direção nos anos de 2008 – 2010 realizamos:

- (1) Psicoterapia para crianças e famílias
- (2) Fonoaudiologia e Fisioterapia para crianças com deficiências
- (3) Massagem *Shantalla* para bebês e crianças até 6 anos
- (4) Reeducação postural
- (5) Acompanhamento de gestantes com estímulo ao parto natural
- (6) Medicina (Homeopatia, Alopacia e Fitoterapia)

- (7) Orientação Nutricional
- (8) Terapias complementares como Reiki, Florais e Cromoterapia, Taporritmia
- (9) Odontologia

Com o aumento do aporte financeiro e da participação dos parceiros voluntários ou institucionais a *Apôitchê* amplia suas ações em educação, saúde, formação e inclusão cultural para 68 crianças e adolescentes no Projeto A Roda do Sol.

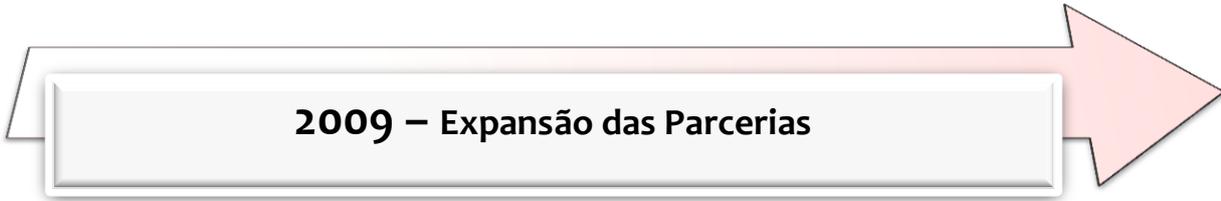
A saúde bucal também passou a compor a ação de saúde, por isso montamos um consultório odontológico com a doação dos equipamentos base (cadeira, pia, foco de luz) demais materiais foram adquiridos com recursos de TDH-Holanda.



Ao longo desse período 2008-2010, vimos acontecer mais de 800 atendimentos em saúde. Não esqueço jamais de todos que trabalharam nesta frente: Dentistas como Romero, Arimatéia e Wema Dantas, o técnico montador do consultório foi meu irmão Claudio que veio de São Paulo para essa ação voluntária. As Médicas Margareth Guedes, Lia Haikal, Cecília Nizarala, Islan Nascimento as Fonoaudiólogas Marcia Lopes e Danielly Ribeiro, as Fisioterapeutas Haydee Casee, Marília Seabra e Ana Patricia, a nutricionista Lynda Ramalho, a Psicoterapeutas Bianca Tokuo e Lucas Raphael a Assistente social Ilda Freitas, as Terapeutas, Andréa Carrer, Lena Bezerra, Juan Jantus, Rosemberg Silva, Vanessa Surya.

(Diário. Alto Paraíso de Goiás, janeiro de 2012)

A partir desse momento a Rede Local de Proteção Integral da Criança e do Adolescente dá os primeiros passos para a consolidação de uma referência para as políticas públicas nesse campo no estado da Paraíba.



2009 – Expansão das Parcerias



Em 2007 fui convidada a apresentar a experiência do projeto PIPA, projeto que criei em São Paulo Com Fernanda Sodelli para jovens com deficiências intelectuais, em Recife, na Oficina sobre sexualidade e pessoas com deficiências do Serviço Internacional Britânico (IS). O IS apoia ONGs no nordeste com cooperantes em diversas áreas. Aproveite a oportunidade e falei com a diretora dessa agência sobre a Apôitchá e a necessidade de melhorar a área de comunicação. Após um ano e meio de conversas e encaminhamento de processo fechamos a parceria e recebemos um cooperante italiano com mestrado em desenvolvimento e comunicação para colaborar na criação dessa área. Novos horizontes em busca de qualificação em informação e comunicação e mobilização de recursos. Ficamos felizes. Mais apoio chegava!

(Diário. Lucena, março de 2011).

Com o apoio desse novo parceiro internacional, Serviço Internacional Britânico (IS)⁸⁹, conquistamos muitas aprendizagens. A convivência com Riccardo D'Emidio, o cooperante italiano-britânico durou 2 anos e foi intensa, pois ele tinha comprometimento com causas sociais e vasta experiência em projetos em regiões do globo, como o México. Ele tinha bom português e não tivemos barreiras comunicacionais. Trabalhava conosco todos os dias da semana, em jornada integral. A contribuição dele no grupo ajudou no fortalecimento da área de comunicação institucional, e ainda, a presença de Riccardo colaborou com a discussão sobre inclusão e diversidade sexual no grupo de protagonistas e entre todos apoiadores(as). Ele tinha uma boa conexão com os jovens.

⁸⁹ O Serviço Internacional (IS) é uma agência de cooperação internacional que apoia pessoas na implementação de projetos de direitos. Saiba mais no link: <http://dev.internationalservice.org.uk/brazil/portuguese/>

Uma das ações desenvolvidas nesse período em comunicação e mobilização de recursos foi o **Movimento Solidariedade**, que visa a disseminação da cultura apôitcheira na sociedade e a conquista de novos apoiadores.



Prêmio Criança

A Apôitchá participou da seleção do Prêmio Criança 2009 da Fundação Abrinq. O projeto A Roda do Sol foi um dos dez finalistas dessa edição do prêmio, dentre os 356 projetos selecionados em todo o Brasil.



Outras ações financiadas com recurso da TDH

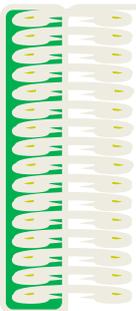
Neste ano TDH- Holanda investiu na realização de muitas ações pensadas e necessárias no desenvolvimento das demandas assumidas pela Apôitchá. Dentre elas destacamos: *Campanha, Grupo de Geração de Renda, Bolsa auxílio para protagonistas.*

Campanha de Erradicação da Violência Causada pelo uso abusivo do álcool.



Para a realização da Campanha, apresentada no capítulo 2, houve uma mobilização da ONG no campo da produção e construção de produtos, tais como:

- Banners e adesivos para ônibus e carros com a assessoria da Agência Ensaio, uma empresa de publicidade com visão social que tem sede em João Pessoa.
- Camisetas confeccionadas pelas 7 mulheres *essas mulheres* (mães de crianças e adolescentes) do **Grupo de Geração de renda da ONG**, acompanhadas por uma costureira profissional e por Sarah Araújo e Lena Bezerra. A arte das camisetas foram criadas e serigrafadas pelos adolescentes e jovens protagonistas da ONG com o acompanhamento de Marconi, especialista em Serigrafia na Paraíba. Nessa ocasião, um estúdio de serigrafia foi montado e equipado.
- Peças em grafite pelas ruas da cidade e alguns *out doors* foram executados por Paulo Pires e 4 jovens protagonistas.
- Um texto e peça de teatro com a temática do uso abusivo do álcool foi escrita e apresentada pelo Grupo de Teatro Perfil, sob a orientação da Apôitchá em diversos equipamentos sociais: escolas, praças, associações.



Foi bonito acompanhar toda a mobilização da Rede de Proteção e das equipes de trabalho internas, que produziram todas as peças da Campanha. As mulheres na costura produziram camisetas, foram remuneradas pelo trabalho bem feito. Foram mais de mil unidades confeccionadas que estão espalhadas pelo Estado da Paraíba e outros cantos do Brasil.

(Diário. Lucena, fevereiro de 2011).

A área de desenvolvimento comunitário ficou fortalecida com os **grupos de geração de renda**: costura, artesanato e serigrafia que foram envolvidos na produção de material para a campanha. As matérias primas e equipamentos foram adquiridos com recursos do Projeto Campanha através de TDH-Holanda.

Bolsas para Jovens protagonistas

A área de Desenvolvimento Comunitário realizou com a área de Educação o fortalecimento do Grupo de Protagonismo Juvenil, através da concessão de bolsas-auxílio subsidiadas pela TDH- Holanda.

Parceria com Ministério da Cultura do Brasil: Cineclube Apôitchá

Por considerar a inclusão cultural uma das formas de efetivar o desenvolvimento inclusivo, a Apôitchá entende que o cinema é uma linguagem e forma de expressão da cultura. Em Lucena não há cinema, por isso, desde sua fundação a Apôitchá tem como prática a exibição de filmes e as rodas de discussão. No entanto foi com o Programa Mais Cultura, do Ministério da Cultura em parceria da Associação Brasileira de Documentaristas, Secção Paraíba (ABD-PB) que a Apôitchá tornou essa prática profissional e sistematizada.



A iniciativa possibilitou à *Apôitchá* levar para a comunidade a inclusão cultural, no que diz respeito à arte audiovisual, bem como exibir (documentários, longas-metragens, curtas-metragens e animação) e divulgar obras nacionais, através de seu Ponto de Cinema, localizado na sede, no auditório Paulo Freire, dentro do castelinho, e ainda no anexo, localizado no salão do prédio da Colônia dos Pescadores.



O coordenador do Projeto é jornalista e cineclubista Victor Cayo recebeu apoio da historiadora Valeria Adissi na implantação do projeto. Desde então, comemoram-se os resultados em inclusão cultural e social.

Parceria com Instituto Amankay: Seminário Nacional aids e Deficiências

Com o Amankay Instituto de Estudos e Pesquisas, de São Paulo, a *Apôitchá* promoveu o Seminário Nacional aids e Deficiências, em João Pessoa. Mais de 300 participantes do Brasil compareceram à Estação Cabo Branco – Ciência, Cultura e Artes⁹⁰, tornando o evento um marco no Nordeste.

⁹⁰ A Estação Cabo Branco – Ciência, Cultura e Artes foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer e inaugurada em 3 de julho de 2008. O complexo possui mais de 8.500 m² de área construída no bairro Altiplano Cabo Branco. A Estação tem a missão de levar cultura, arte, ciência e tecnologia à população, de forma gratuita. Visite: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/estacaocabobranco/>

Incluindo parceiros nacionais, como a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) através do Centro de Educação representado pela professora Windyz Ferreira, o Ministério da Saúde, e internacionais como o Instituto Interamericano sobre Deficiência e Desenvolvimento Inclusivo (iiDi), o Irish Aid e o IS – Serviço Internacional Britânico.

Um diferencial do evento foi o leque de apresentações artísticas e culturais (dança, música, grafite...) e a oferta de práticas integrativas de saúde⁹¹, uma novidade até aquele momento dentro de eventos nacionais.

Um grupo de jovens adultos com síndrome de Down do Carpe Diem⁹², de São Paulo, executou o cerimonial e jovens lideranças do grupo Pró-Líder do Centro de Educação da UFPB se engajaram ativamente. A revista *Viração* fez a cobertura do evento com o apoio de jovens protagonistas de ONGs locais.



O seminário identificou sinergias entre os movimentos de pessoas com deficiência e os de pessoas que vivem com HIV/aids, fortaleceu os movimentos desses grupos e

⁹¹ Dentre elas a prática de quiropraxia, realizada por Rosângela Perez, da ONG Escola da Rainha de São Paulo (www.escoladarainha.org.br), parceira da Apôitchá.

⁹² A Associação Carpe Diem tem por missão “fortalecer a autodeterminação da pessoa com deficiência intelectual, para que esta possa influenciar a sociedade no compromisso com a diversidade”. Saiba mais no site www.carpediem.org.br.

permitiu o compartilhar de experiências educativas e de assistência em nível regional e nacional.

O tema desenvolvimento inclusivo passou a compor o escopo da ONG, que promoveu a identificação das crianças com deficiência na comunidade e seu ingresso nas ações do projeto A Roda do Sola partir de 2008.

O desenvolvimento inclusivo, conforme concebido pelo Banco Mundial⁹³, é o *desenho e a implementação de ações e políticas para o desenvolvimento socioeconômico e humano que procuram a igualdade de direitos para todas as pessoas, independente de seu status social, gênero, condição física ou mental, raça.*



Esse conceito valoriza a contribuição de cada ser humano no processo de desenvolvimento. Considera-se, com base nisso, a complexa relação existente entre desenvolvimento, pobreza, deficiência⁹⁴, desigualdades. Esse paradigma proposto expande a concepção de desenvolvimento, superando os modelos economicistas e “assistencialistas”, que são limitados, pois apenas focalizam a luta contra a pobreza.

⁹³ Portal do Banco Mundial: <http://siteresources.worldbank.org/DISABILITY/Resources/280658-1172672474385/RioCharterUnivEng.doc>.

⁹⁴ Segundo a ONU, 10% da população dos países economicamente pobres é portadora de deficiência.

Embora o princípio maior da Declaração Universal dos Direitos Humanos⁹⁵ (ONU, 1948) consagre que todos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, há milênios a história mostra que entre grupos sociais diferentes e pessoas diferentes os direitos humanos se mostram, mesmo, desiguais. Pessoas que vivem em desvantagem econômica, mulheres, índios, negros, pessoas com deficiência, entre outros, lutam para conquistar a sua igualdade na sociedade (FERREIRA, 2006).



História 8. Por um projeto de vida

Mariana, 30 anos, Síndrome de Down, decide realizar uma experiência de vida não muito convencional entre pessoas com deficiências intelectuais: mudar sozinha da capital paulista para o litoral paraibano.

Em visita a Paraíba durante 4 férias sucessivas, 2006-2009, na companhia da amiga, psicóloga Lilian Galvão, (co-autora do Projeto Pipa, no qual Mariana foi integrante), construiu uma rede de amigos na ONG *Apôitchá*, amizades e sinergias capazes de compor dentro de si, a segurança necessária para se lançar a um desafio incomum entre os jovens e adultos com deficiências intelectuais, viver longe dos pais, trabalhar, estudar, conviver com grupos cultural e socialmente muito diferentes de sua realidade que é a de ter nascido no seio de uma família com altíssimo poder econômico e social na cidade de São Paulo.

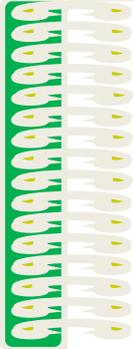
A jovem Mariana participa da Associação Carpe Diem de São Paulo que foi fundada pelos seus pais e durante 9 meses morou na com Lilian e atuou como voluntária nas ações do projeto A Roda do Sol, assim como na área de comunicação e mobilização de recursos e participou do grupo de protagonismo juvenil, e ainda participou de eventos como palestrante em João Pessoa, Recife e Natal. A presença de uma jovem-adulta com síndrome de down na comunidade de Lucena foi uma revolução, pois as pessoas aprenderam mais sobre inclusão!

A pessoa com deficiência, historicamente tem sido vista pela ótica da crença em sua incapacidade dentro de um contexto de invisibilidade nos espaços sociais (FERREIRA, 2004), nesse sentido, ao longo das últimas décadas a questão da deficiência se tornou um assunto de direitos humanos,

Em um contexto de falta de garantias civis, uma criança que tenha nascido com deficiência pode ser abandonada, escondida, deixada à míngua para morrer, trancafiada, abusada sexual ou psicologicamente ou sofrer outras crueldades que seriam difíceis de listar. Ao longo da vida, submetida a situações desumanas, crianças, jovens e adultos terão experienciado tanta falta de oportunidades, opressão e submissão que certamente se tornarão

⁹⁵ Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo 1º: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”.

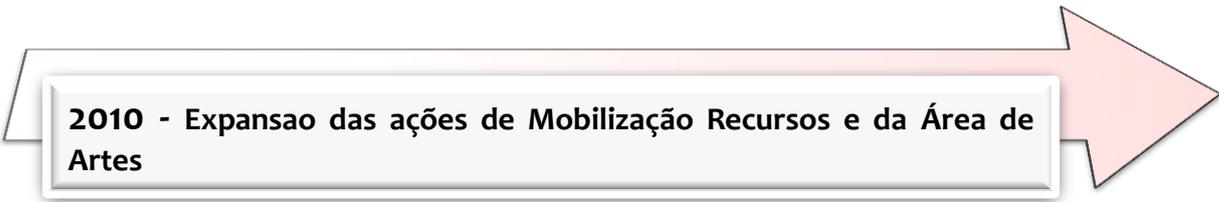
jovens e adultos desajustados, encolhidos, com potenciais embotados e, em alguns casos, com comportamentos socialmente inaceitáveis. (FERREIRA, 2009, p. 49)



A presença da Mariana foi um fator de grande aprendizagem sobre inclusão e direitos humanos em nossas vidas e na vida comunitária da Apôitchá, pois colaborou na desconstrução de preconceitos, apoiando famílias de crianças com deficiências participantes da Apôitchá para acreditassem que pessoas com deficiência, quando tem oportunidades podem fazer escolhas, construir o seu projeto de vida com o apoio de seu círculo de amigos, pessoas da comunidade, família e profissionais.

(Diário. Lucena, abril de 2010)





2010 - Expansão das ações de Mobilização Recursos e da Área de Artes

Consultorias externas para mobilização de recursos

Foi por necessidades e motivações para a transformação de outras comunidades e serviços, que a *Apôitchá* se lançou como organização consultora. Esse trabalho abrange, desde então, temáticas nas quais a ONG possuía *expertise*. Essa proposta nasceu do incentivo de TDH-Holanda quando na saída do apoio aos projetos do Brasil, em 2009 promoveu com a *Apôitchá* um planejamento estratégico com consultor de renome na área, e ainda Eduardo Kopp, também incentiva e apoia essa ação, desde então consultorias são realizadas em outros municípios, em temáticas como pedagogia da cooperação, formação de redes, direitos humanos, desenvolvimento inclusivo, terapias holística, jogos cooperativos, danças circulares, dentre outras.

Outra estratégia utilizada nessa perspectiva de sustentabilidade foram os brechós solidários, feitos em parceria com a Associação Síndrome de Down de João Pessoa e a ONG Piollin. Em 2010 o I Brechó Cultural Solidário é conduzido para mobilizar recursos para iniciativas dessas três ONGs.

Mobilização de recursos

A captação e a mobilização de recursos, ações indispensáveis na organização não governamental são motivadas para

[...] garantir a viabilidade de um projeto e, ao longo prazo, de uma comunidade organizada, mantendo-os estáveis e produtivos. Essa atividade integra as ações necessárias para construir e garantir a sustentabilidade do projeto. Pode-se afirmar que, atualmente, a maioria das organizações sem fins lucrativos é vulnerável, bem como boa parte das iniciativas comunitárias possui poucos recursos e, em geral, uma única fonte de apoio. A captação e a Mobilização, quando planejadas, contribuem para que a comunidade diversifique a origem dos seus recursos e diminua o grau de vulnerabilidade ao qual está exposta como, por exemplo, a mudança de prioridades ou políticas de financiadores locais, nacionais ou internacionais. (Tenório 2008, p. 142)

Ação estratégica de caráter político mobilizou o grupo de apoitcheiros (as) na coleta de 1.200 assinaturas na comunidade local com o pedido para a pavimentação das ruas de acesso à ONG, que se tornam inacessíveis pelo alagamento durante as

chuvas no período do inverno. Essas assinaturas foram levadas ao fórum onde se discutiu o orçamento democrático estadual.

Orçamento democrático

A Apôitchá participa ativamente da discussão do orçamento democrático do Estado com a apresentação do tema acessibilidade, enfocando os problemas enfrentados na estrada de acesso à ONG.

Dessa experiência no fórum de discussão do orçamento democrático, reforçou suas aprendizagens sobre a legitimação dos espaços de participação e de controle social e das manifestações, conflitos e críticas ao modelo democrático liberal, ancorado em bases competitivas, individualizadas da política.

Hahn Luchmann (2012, p. 515) acentua que os espaços de participação têm importância fundamental na legitimação de um sistema democrático:

Além de promover o ideal da democracia no sentido do “governo do povo e pelo povo”, a participação é entendida como um importante mecanismo de aprendizado político, no sentido de permitir o desenvolvimento de atitudes e comportamentos considerados fundamentais para uma sociedade democrática. Assim, como processo educativo, a participação possibilitaria, entre outros, a aquisição e o aumento de informações, o desenvolvimento de virtudes cívicas, a exemplo da cooperação, do respeito e da tolerância e de habilidades políticas, na conformação de uma cidadania pautada na autonomia, dimensão central da democracia.

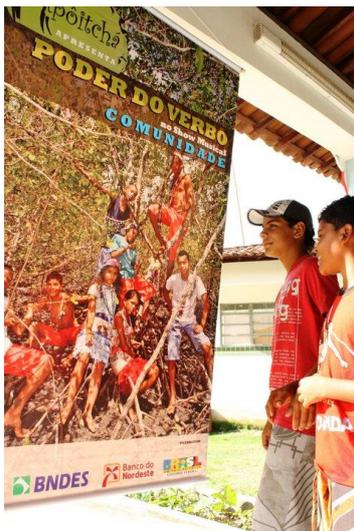
Embora a pauta levada para discussão tenha sido a acessibilidade, até o ano de edição deste livro (2013) ainda não foi delineada uma alternativa para a pavimentação das vias de acesso. Tal discussão se iniciou, de fato, em 2005, com o gestor municipal, que na ocasião prometeu efetivar o projeto. O atendimento dessa reivindicação é altamente necessário considerando-se o impacto negativo das chuvas sobre as ações da ONG nos períodos mais críticos. Os alagamentos chegam a dificultar a acessibilidade e impedir, por exemplo, o acolhimento de diversas pessoas na Casa Lar A Roda do Sol.

Sobre a importância da atividade artístico cultural na história e memória da apoitcha 2010 é um ano

Expansão da área artística

Gravação do DVD Comunidade

A experiência do grupo musical Poder do Verbo, e antes disso a forma como se criou, se refere à espontaneidade e à função da música no processo educativo. Cinco anos após seu surgimento, o grupo inicia a produção do seu primeiro DVD, com apoio do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), do BNDES e do governo federal e o envolvimento de 8 adolescentes.



Para a produção, realizaram-se oficinas formativas de audiovisual com os jovens protagonistas para apoiar a gravação. Esse projeto contou com a coordenação da jornalista Katiúscia Formiga e do músico Abraão Carvalho que conseguiram formar um time qualificado de trabalho. Grupos de produção da Apôitchá confeccionaram o figurino e o cenário para a gravação do DVD.

Novembro Negro

A questão da etnia toma um lugar importante na Apôitchá, que busca estratégias educativas e artísticas para aprender/apreender e fortalecer as identidades étnicas de Lucena. Uma dessas estratégias é o evento Novembro Negro – Cultura de “Nóis”, idealizado pelo artista plástico e educador Paulo Pires. Em 2010 ocorreu a primeira edição do evento, que rapidamente se tornou referência na comunidade e se manteve nos anos seguintes. O objetivo do Novembro Negro é promover o encontro comunitário de arte, cultura e política sobre direitos humanos.

Nas palavras de Silva (2011, p. 2) se apresenta o entendimento da Apôitchá a respeito da identidade étnica:

[...] entendida como um processo identitário (Nóvoa,1992, Hall, 1997) e não como algo constituído, naturalizado ou como bem afirmou Rolnick Guattari (1986), “processo de singularização”. Lévi

Strauss (1987) já afirmava que o conceito de identidade não deveria ser construído sobre um referente empírico, mas simbólico e cultural, pondo-se em questão não apenas o discurso, mas também o lugar e a ótica de interação com esse discurso.

Griôs

Os griôs⁹⁶ do Brasil abrangem fazeres e saberes diversos, devido à herança multicultural advinda das tradições africanas, indígenas, árabes, japonesas, alemãs, italianas, portuguesas e outras. Isso faz com que os griôs estejam em muitos cantos e desempenhem diversos ofícios, dos interiores às capitais brasileiras.

Lilian Pacheco (2010)⁹⁷ destaca:

[...] todo(a) cidadão(ã) que se reconheça e/ou seja reconhecido(a) pela sua própria comunidade como: um(a) mestre das artes, da cura e dos ofícios tradicionais, um(a) líder religioso(a) de tradição oral, um(a) brincante, um(a) cantador(a), tocador(a) de instrumentos tradicionais, contador(a) de histórias, um(a) poeta popular, que, através de uma pedagogia que valoriza o poder da palavra, da oralidade, da vivência e da corporeidade, se torna a biblioteca e a memória viva de seu povo. Em sua caminhada no mundo, ele(a) transmite saberes e fazeres de geração em geração, fortalecendo a ancestralidade e a identidade de sua família ancestral e comunidade.

Em Lucena, Dona Sônia guarda e preserva a tradição da Lapinha⁹⁸. É uma griô que foi reconhecida pela Apôitchá e teve o registro dessa memória no DVD Poder do Verbo e em eventos como o Arte e Memórias, na comunidade de Costinha, ocorrido em 2010.



⁹⁶ Saiba mais sobre os griôs no Brasil, acessando: <http://www.acaogrio.org.br/>.

⁹⁷ Disponível em http://www.acaogrio.org.br/BKP/index.php?pg=pagina&areasite_id=000008. Consulta realizada em 9 de janeiro de 2012.

⁹⁸ Lapinha é a representação dos pastores que faziam louvações diante do presépio na noite de Natal. É tradicional no folclore brasileiro, principalmente no Nordeste. Fonte: Wikipédia.

Para a organização aprendente de uma comunidade aprendente, é tarefa necessária religar-se aos saberes populares e às ricas paisagens e memórias ancestrais. Nas palavras do filósofo e sociólogo Walter Benjamin (1994, p. 5):

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação.

Arte de rua

O festival de grafite garante a expressividade dos adolescentes e jovens da cidade e democratiza a arte, também promovendo inclusão cultural. Conforme definido por Lazzarin (2007, p. 60):

Como uma linguagem artística contemporânea, o grafite se insere na dinâmica das culturas urbanas e é, ao mesmo tempo, movimento artístico e social. Acredito que as contribuições trazidas pela arte do grafite dizem respeito à possibilidade de mudanças nos currículos de ensino e arte. Tais mudanças podem ser resumidas na expressão “arte de museu”, proposta por Dewey (1980); ele critica a separação que a noção de experiência estética impõe entre arte e vida prática, distanciando as pessoas “comuns” do círculo elitista de apreciadores, únicos capazes de compreender e fruir a profundidade da experiência contemplativa.

A fotografia é uma linguagem de intervenção educacional, com essa perspectiva a Apôitchá realiza com a Agência Ensaio, o Lambe-Lambe, cuja coordenação ficou por conta do fotógrafo Ricardo Peixoto.

A fotografia está fortemente associada a uma ideia de realidade: “*que [aquilo que] é fotografado e apreendido pelo leitor da fotografia, não são propriamente indivíduos na sua particularidade singular, mas sim seus papéis sociais*” (BOURDIEU, 2006, p. 34).

Parceria com o Instituto C&A

O projeto Leitura na Rede nasceu no final de 2009 nos encontros do fundo juntos pela educação, admiradores e defensores de uma do direito a leitura se reuniam mensalmente para conhecer experiências de projetos de leitura na Paraíba e no Brasil, nos encontros estavam presentes representantes de cinco instituições das Paraíba que deram origem ao Polo de Leitura na Rede.



No começo de 2010 o Polo escreveu seu primeiro projeto ao IC&A do qual teve apoio por mais duas edições. A *Apóitchá*, também fundadora do polo de leitura da Paraíba participou das três edições e garantiu durante os três anos de projeto cerca de cem mil reais, os quais foram destinados para o pagamento de mediadores e monitores de leitura, além das aquisição de cerca de cinco mil livros de literatura infanto juvenil para sua biblioteca. A biblioteca ganhou ampliação e formato atrativo.

O IC&A também colaborou com várias formações no campo da leitura e ajudou o polo na promoção de três seminários que envolveu mais de 500 educadores e gestores da Paraíba e outros estados.

Em 2011 a ONG lançou o jornal *Leitura na Rede* e apoiou o II Seminário Leitura na Rede, em João Pessoa, do polo apoiado pelo Instituto C&A⁹⁹.

⁹⁹ O Instituto C&A aposta na educação como estratégia central para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, apoiando prioritariamente iniciativas que lhes possibilitem o aprendizado de valores éticos e a aquisição de capacidade crítica para o exercício da cidadania. Saiba mais sobre o instituto no site <http://www.institutocea.org.br/>.

As principais ações foram:
empréstimos de livros, contações de histórias para as crianças, suas famílias e comunidade.

Também aconteceram as rodas de contações com grãos das comunidades, 'o abre a porta e deixa a leitura entrar', além das tendas literárias para a comunidade em diferentes eventos.

As pedagogas Andréa Carrer, Valéria Valentim (coordenadora do Projeto em questão), Valquiria Valentim, Jusa Gomes, Suenia França, Lucélia Régis, Luciana Gomes há muitos anos se empenham no desenvolvimento da área de Educação da ONG.

Comunicação e Participação em Eventos

Em 2010, o Prêmio AETC de Jornalismo premiou uma reportagem sobre a Apôitchá.

A Apôitchá participou e apoiou eventos importantes em nível estadual e nacional, a saber: VI Encontro Estadual de Economia Solidária, II Conferência Estadual de Economia Solidária, comemoração dos 20 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), VIII Congresso Brasileiro de Aids, Seminário Leitura na Rede (no Polo de João Pessoa).

2011 - Lançamento do DVD *Comunidade* e outras ações inclusivas

Como resultado do projeto com BNB, BNDES e Governo federal pelo Ministério da Cultura, a Apôitchá lança o DVD *Comunidade*, gravado pelo grupo Poder do Verbo no Teatro Santa Roza.



Ingresso acadêmico

O curso de mestrado profissional interdisciplinar articula os vários aportes teórico-metodológicos das ciências sociais, priorizando duas áreas do conhecimento: a administração e a educação. Duas das conselheiras da Apôitchá, Sarah Araújo e Lilian Galvão, ingressaram no programa de Mestrado Profissional - Gestão em Organizações Aprendentes (MPGOA), da Universidade Federal da Paraíba, tendo como objeto de estudo essa ONG.

No final do segundo semestre de 2010, uma aula de campo, mediada pela professora Marisete Fernandes de Lima, foi realizada na organização.



Ingresso do parceiro Instituto HSBC¹⁰⁰

Com ênfase nas ações de atendimento completo para crianças que vivem em situação e acolhimento, Projeto A Roda do Sol foi apresentado em edital ao Instituto HSBC, que contemplou a Apôitchá em 2011 e 2012.

Revisão estatutária e eleição

Tradicionalmente as decisões na Apôitchá desde o início eram tomadas de forma coletiva. Em 2010, com a ampliação da equipe, criou-se um conselho participativo que tinha representantes de todos os segmentos: serviços gerais, educadores, técnicos, coordenações de área e protagonistas juvenis. Em 2011 a revisão estatutária transcorreu durante alguns meses de 2011, como exercício de repensar a Apôitchá numa perspectiva renovada. A Assembleia Geral para eleição da nova diretoria para o período de 2012-2014 ocorreu no final do ano.

A mudança principal foi a criação do Conselho Diretor Executivo composto de sete membros voluntários, dentre eles um presidente e um vice para apoio na tomada decisões por parte das coordenações de áreas que passaram a não ter mais uma coordenação geral.

Direitos da infância

Desde 2008, quando da criação do Conselho Municipal dos direitos da criança e do adolescente - CMDCA, a Apôitchá colabora ativa e participativamente, tendo ocupado, por dois mandatos, a cadeira da presidência. Durante o período foram realizadas conferências e deliberações importantes como a investigação de esquema de exploração sexual de meninas e outras violações.

¹⁰⁰ O Instituto HSBC direciona o investimento social do HSBC Brasil em três focos: Educação, Meio Ambiente e Geração de Renda para Comunidades. A escolha dos projetos passa por criteriosas seleções e resulta no apoio a organizações não-governamentais em todo o Brasil. Saiba mais: <http://www.hsbc.com.br>

[...] somos inclinados a concordar que o tema da violência contra a infância e a adolescência é uma forma secular de relacionamento das sociedades, variando em expressões e explicações. A sua superação é uma condição que se constrói ao mesmo tempo que a "pacificação da sociedade" e seu grau de civilização, porém necessita ser desnaturalizada e retirada do âmbito que a legitima, o processo pedagógico. O respeito a esses sujeitos sociais hoje é fundamental para que a sociedade adulta, em todas as instâncias e instituições, amadureça seu código de direitos humanos e direitos sociais. (MINAYO, 2000, p. 93)

De acordo com esse entendimento, a Apôitchá se esforça para promover os direitos da infância e juventude, fortalecendo o CMDCA e promovendo o diálogo por meio da gestão da Rede Local de proteção, há mais de oito anos. O desafio atual da Apôitchá como protagonista nessas duas instâncias é de acionar o Fundo da Criança. No momento, o governo local deve reformular a Lei de criação do Fundo de acordo com as normas atuais do CONANDA.

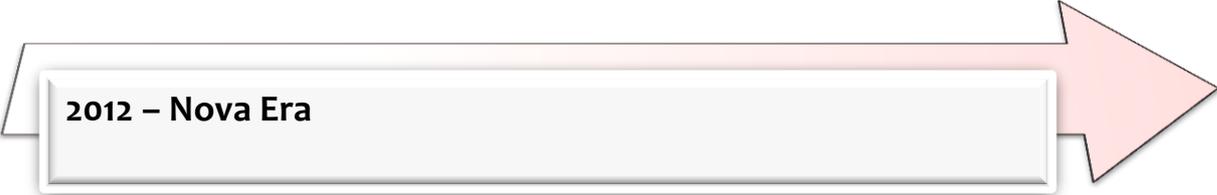


Cuidando do cuidador

No cotidiano de uma organização com diversas tarefas, fatores estressantes surgem e com eles algumas desordens ocupacionais entre os colaboradores. Por essa razão, a Apôitchá realiza periodicamente oficinas e vivências de saúde. Em 2011, as crianças e os colaboradores da Casa Lar A Roda do Sol receberam massagem e praticaram ioga, dentre outras terapias, sob a coordenação da cooperante inglesa Sasha Tiffany, e ainda, reflexologia na ação **Apôitchá – Cuidando dos Cuidadores** sob coordenação da professora Haydê Cassé, da Faculdade de Ciências Médicas.

Essa ação se realizou segundo o princípio de cuidado como categoria, como explica:

A adoção da categoria cuidado, em lugar de humanização apesar de complexa e abrangente, permite visualizar o ser humano em uma forma mais completa, integralizadora e, considerando suas bases ontológico existenciais, como um ser único, singular e irrepetível. Por outro lado, sua compreensão e sua adoção, remetem a uma disponibilidade e sensibilidade e que, por si só, conduz a uma inevitável mudança de postura. O cuidado torna-se um exercício; é a prática de nossa humanidade. O cuidado é o que o profissional acrescentará em suas ações, desencadeando o processo de cuidar – que é, deveria ser, revestido de um conhecimento próprio, de sensibilidade, intuição e de valores e princípios morais. O cuidado é uma expressão de nossa humanidade; ele é essencial para nosso desenvolvimento e realização como seres humanos. (Waldow e Borges 2011, p. 33)



2012 – Nova Era

O ano de 2012 foi marcado pelo sentimento do fim de uma era, previsto equivocadamente pela mídia como ‘o fim do mundo’ e por especialistas e estudiosos de vertentes espirituais como o começo de uma nova era de renovação, esse ano mobilizou a Apôitchá a olhar para dentro e discutir parcialmente seu projeto de futuro.

Eventos

Em parceria com a Escola Sempre-Viva, mobilizou recursos através da oficina de Dançando a História de Francisco de Assis, conduzida por Eduardo Kopp, especialista em Danças Circulares pela Unipaz-Campinas. Contação de história e Dança, em que todos ficaram conhecendo mais um pouco sobre a vida deste homem italiano chamado Francisco de Assis (1181 - 1182), que se transformou em um grande pensador, ecologista e pacifista.



A Apôitchá comemorou com as crianças o dia de São Cosme e Damião, São Miguel Arcanjo e a chegada da primavera. Momento de celebração e alegria por uma infância protegida também pela espiritualidade.

Ingressa, ainda em 2012, na Rede Nacional Primeira Infância (RNPI)¹⁰¹, constituída por um conjunto de organizações da sociedade civil, do governo, do setor privado, de outras redes e de organizações multilaterais que atuam na promoção e defesa de direito



¹⁰¹ Saiba mais sobre a RNPI no site <http://primeirainfancia.org.br/>

Encaminhamentos administrativos com o Poder Público

Em julho ocorrências com crianças em situação de crise emocional e alto nível de estresse e agressividade e, sobretudo, a ausência de profissionais de suporte psicossocial para a casa lar (psicóloga e outras educadoras de apoio) geraram um colapso e a ONG precisou encaminhar ao Ministério Público o pedido de um termo de ajustamento de conduta com o governo local, para que o mesmo efetivasse a contratação desses profissionais.

O acordo foi executado após algumas audiências e o encaminhamento de uma psicóloga aconteceu no processo. No segundo semestre o fluxo de trabalho na casa lar tornou-se mais estável e a equipe esteve mais integrada e motivada para o trabalho.

Algumas reuniões com o Conselho e uma Assembléia Geral com sócios foram conduzidas nesse ano. Na Assembléia se apresentou a prestação de contas anual e reformulou o estatuto social.

No momento, um novo desenho de estatuto social e de regimento interno estão em processo de revisão e construção respectivamente.



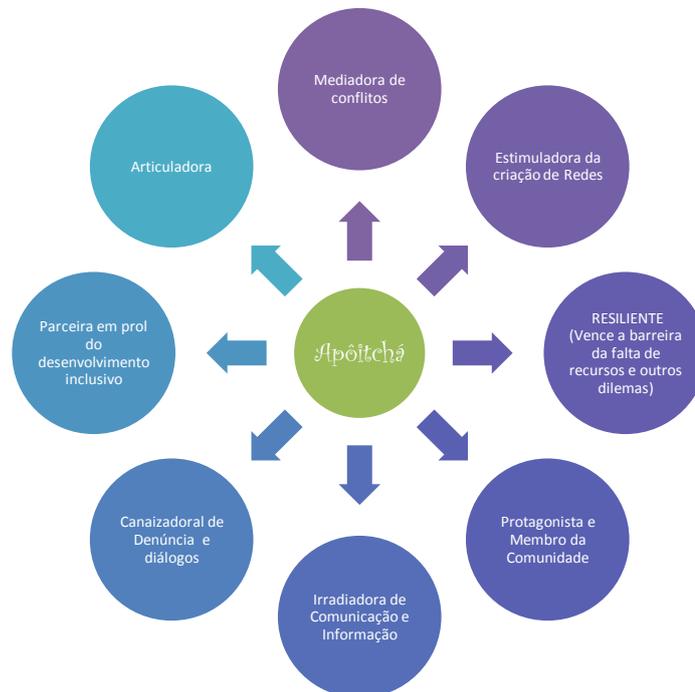
conclusão



PALAVRAS FINAIS...

Este livro apresentou a história e memória da Organização Não Governamental *Apôitcheá*, uma ONG nordestina que ganhou visibilidade nacional ao longo de 12 anos de existência como resultado do trabalho desenvolvido por uma equipe orientada por valores tais como justiça social, igualdade de direitos e, sobretudo, defesa e proteção de crianças e jovens que vivem vulneráveis a toda a sorte de violência e falta de oportunidades de realização suas potencialidades.

A *Apôitcheá* enquanto organização da sociedade civil e os(as) apoitcheiros(as), enquanto responsáveis pelas suas ações, aprenderam com a comunidade local os caminhos da superação de graves barreiras sociais e, nesse processo, transformou-se gradualmente em uma organização aprendente ao apoiar a transformação da comunidade de Lucena.



Ao se tornar aprendente, a *Apôitcheá* adquiriu competências que, com este livro, espero que sejam objeto de intercâmbios a fim de germinarem em outros solos férteis, uma vez que, como os capítulos deste livro revela, a *Apôitcheá* – assim como inúmeras outras ONGs brasileiras - são resilientes frente às impossibilidades que se impõem no cotidiano da realização de ações, que deveriam ser expandidas pelo seu valor social. Há, definitivamente, uma face perversa do poder público manifestada na falta de reconhecimento e apoio às organizações da sociedade civil que, de fato,

estão cobrindo áreas de desenvolvimento que deveriam ser, em primeira instância, da responsabilidade dos vários setores dos governos federal, estadual e municipal. As ONGs são legítimos representantes sociais de grupos em desvantagem, cujos membros lutam no sentido de construir uma sociedade melhor e mais justa para todos/as. As pessoas que passam a atuar em ONGs têm sido protagonistas na transformação do Brasil. Apesar disso, como resultado de corrupção política, conforme denunciado pela mídia sobre os desvios de verbas destinadas à ONGs fundadas por políticos corruptos, instalou-se sobre o Terceiro Setor a desconfiança acerca da idoneidade das organizações sociais e um desnecessário aparato público de controle das ONGs, que se sobrecarregam com relatórios e prestação de contas ou auditorias e, ainda, com o excessivo alto nível burocrático nos processos de submissão de projetos em editais de seleção de parceiros para serem apoiados com verbas governamentais.

É chave aqui enfatizar que as ONGs brasileiras tendem a assumir as lacunas sociais esquecidas pelas extensas pautas político partidária. Colocado de forma simples e direta, ao mesmo tempo em que as ONGs brasileiras contribuem com as políticas de inclusão social e educacional do governo federal, políticos e seus afiliados se beneficiam desviando milhões de dólares para contas pessoais em paraísos fiscais e, em detrimento das populações em situação de desvantagem social e econômica.

A maior parte das ONGs, em especial, as mais pobres financeiramente e localizadas em áreas de extrema carência sócio-econômica são ativas, mesmo que em pequena escala. Esse se traduz hoje como um dos grandes dilemas enfrentados pelas ONGs que não possuem um profissional de mobilização de recursos, exigindo o deslocamento de profissionais das atividades diretas de atendimento, por exemplo, comprometendo o trabalho diretamente com a comunidade, assim como aconteceu e acontece com a *Apitchá*.

Obviamente, as condições adversas, as organizações têm menor chance de concorrer aos editais e propostas de convênios porque essa tarefa exige competência, eficiência e dedicação de tempo integral. Em alguns casos, semanas devem ser dedicadas à elaboração de projetos que dependem do apropriado preenchimento de extensos formulários legitimados por um amplo conjunto de documentos comprobatórios. Tudo isso sem a menor garantia de participação no processo de julgamento dos projetos ou seleção.

O sentimento que emerge frente a tal cultura das três esferas governamentais é de que todas as ONGs são, por princípio, suspeitas de fraudes !

Assim, paralelo às constantes notícias de desvios de recursos - tão grave quanto os arranjos políticos, é a tendência atual do governo federal de cooptação de profissionais altamente qualificados no campo do terceiro setor, que atuam nos movimentos sociais e ONGs, os quais, portanto, desenvolvem sólido *know-how* em áreas específicas. Esses valiosos profissionais passam a atuar em cargos técnicos comissionados de peso em nível ministerial. Considerando-se suas possibilidades reais de contribuição no plano das ações públicas, aqueles cooptados trabalham

incansavelmente, mas continuam recebendo remuneração incompatível com suas competências e, seguramente, muito aquém de consultores contratados por agências governamentais e bilaterais que são parceiros regulares do governo.

Nessa direção, se instala uma barreira frente à exigência das demandas impostas pelos órgãos públicos e agências brasileiras no que se referem à produção de projetos de qualidade estrutural: o poder público parece valorizar a estrutura do projeto em detrimento da ação social que será implementada e seu valor para as comunidades ou público beneficiados.

O tipo de relação estabelecida pelo governo federal e a sociedade civil neste caso, portanto, não se configura horizontalmente e ainda não responde aos ideais de parceria. O nível de controle exercido pelo governo, configurado pela exigência de extensos formulários e comprovantes, deve ser modificado no sentido de desenvolver um sistema de monitoramento sistemático das realizações das ONGs brasileiras: um mapa das ONGs que atuam com seriedade, as quais teriam acesso a processos mais acessíveis e menos burocratizados.

Com algumas agências de cooperação-técnicanacional e internacional a relação estabelecida não é diferente, embora cada financiador/agência tenha uma política de seleção de projetos, convênio, prestação de contas e auditoria diferenciadas, nossa experiência revela que o nível de burocracia e controle existe em níveis diferenciados, exigindo das ONGs significativo tempo na administração dessas etapas.

A dimensão pessoal: 'recursos humanos'

No percurso da construção da história da ~~Apóitchá~~, os(as) apoitcheiros(as) (profissionais voluntários ou remunerados) cresceram consideravelmente em nível pessoal e desenvolveram carreiras profissionais qualificadas, com aprendizagem e *know-how* diferenciado. Sempre dissemos internamente que a ~~Apóitchá~~ é uma universidade. No entanto, do ponto de vista financeiro essa ONG gostaria de ter reconhecido os seus profissionais, mas, isso novamente parece ser um sonho distante: os salários sempre foram baixos porque os projetos financiados por agências governamentais ou privadas limitam o percentual destinado ao pagamento de recursos humanos. Essa caracteriza uma abordagem, no mínimo, perversa e injusta por parte dos financiadores.

Nesse sentido, a sustentação do trabalho de qualidade realizado pela equipe da ~~Apóitchá~~ e sua manutenção tem se caracterizado pelo compromisso pessoal, amor à causa e espírito missionário de cada um(a), o que definitivamente condiz com a visão compartilhada e o alto nível de domínio pessoal desse grupo, mas não justifica a injustiça do não reconhecimento de seu trabalho e contribuição social. No Nordeste, em geral, as remunerações são baixas e as oportunidades de emprego também (assim como bolsas de estudo), se comparado com o sudeste do país. A grande maioria dos profissionais da ~~Apóitchá~~ vive imersa nesta realidade.

O reconhecimento do trabalho social, educacional e em saúde nas ONGs ou setores governamentais e em nível privado, é em suma, desvalorizado economicamente. A esmagadora maioria desses profissionais que trabalham árdua e bravamente como agentes da transformação social, ainda hoje, não encontram estabilidade financeira e reconhecimento profissional nesses setores. O resultado de tal injustiça é que, ao longo do tempo, profissionais voluntários desligam-se integral ou parcialmente da ONG porque não há como continuar sem um trabalho remunerado.

Essa cultura que premia o sucesso da ação realizada por seres humanos e os pune com a falta de remuneração apropriada pelo seu sucesso e contribuição precisa, urgentemente, ser debatida e modificada dentro da sociedade brasileira, a começar pela condução dos gestores das ONGs que precisa assegurar aos seus membros, dignidade e proteção social.

Por fim, palavra de jardineira-aprendiz

No lugar de mestranda e autora do livro, participei com minhas memórias de forma ativa, pois eu sou uma das líderes, que ainda hoje atua na ~~Apôitche~~ Apôitche junto com outros atores dessa organização que tem caminhado em prol do desenvolvimento de meios de vida inclusivos e sustentáveis.

Permito-me dizer que a pesquisa que gerou essa sistematização sustenta que nós, apôitcheiros(as) tivemos coragem para criar projetos compartilhados em um contexto social altamente desafiador, vulnerável e oprimido.

A memória da ~~Apôitche~~ Apôitche valida que a ‘semente de coragem’ nasceu da raiz espiritual – fonte de inspiração do desenho inicial de ONG e tem sido criada e recriada pela força de uma visão compartilhada, nutrida pelo processo de estudar, aprender, rir e chorar junto, dialogar e refletir sobre a prática, no qual homens, mulheres e crianças se empenham em construir.

Inspirados por questões filosóficas e políticas, fomos impulsionados a elaborar estratégias e, desse modo, iniciamos um processo de sementeira no solo comunitário. Nós, apôitcheiros(as) fomos e somos ‘jardineiros(as)’, trabalhadores em terreno inexplorado,

Como um jardineiro seria louco se quisesse influenciar o crescimento das plantas, puxando- as diretamente do solo com as mãos. [...] o jardineiro influencia o crescimento da flor aumentando a temperatura, regulando a umidade, mudando a disposição das plantas vizinhas, selecionando e misturando terra e adubo, ou seja, mais uma vez agindo indiretamente, através das mudanças correspondentes do meio. (VYGOSTSKI, 2001, p. 66)

Nós, apoitcheiros e apoitcheiras, juntos, sonhamos, semeamos, plantamos, colhemos, construímos bravamente a história e a memória da ~~Apoitche~~ ^{Apoitche} que você – caro leitor(a) - conheceu nessas páginas.

Percebo, ao final da análise da banca de defesa desse trabalho de mestrado, aprovado com distinção, que é necessário caminhar e aprofundar esse estudo... afinal, do pluralismo universal ao neoliberalismo e capitalismo excludente, há muito que se aprender e refletir. Um convite para o doutorado!

Tenho certeza que no caminho do doutorado serão oportunizadas novas e ricas reflexões. Desejo a sorte de encontrar um campo fértil para aprendizagem sobre o desenvolvimento de organizações aprendentes e o desenvolvimento inclusivo e sustentável, temas profundamente interessantes...

Espero, como autora e aprendiz, que esta história o(a) inspire e motive a compartilhá-la com outros que possam, de uma forma ou outra, aprender e trocar ideias e concretizar novas aprendizagens!



referencias bibliográficas



ABERS, Rebecca e BULOW, Marisa Uon. **Movimentos sociais na teoria e na prática: como estudar o ativismo através da fronteira entre estado e sociedade?** *Sociologias* [online]. 2011, vol.13, n.28, pp. 52-84.

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO, BID, 2002.

AFONSO, A. P. **Comunidades de aprendizagem: um modelo para a gestão da aprendizagem.** Disponível: <<http://www.nonio.uminho.pt/documentos/actas/actchal2001/048-Ana%20Afonso%20427-432.pdf>>. Acesso em 10 set. 2010.

AGUIAR, J & FILHO, Duarte F.H. **História, sociedade e natureza: discutindo aspectos da atividade baleeira no litoral Norte da Paraíba.** Revista do Porto, n. 01. 2011.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. **ABC do Santo Daime.** Belém: EDUEPA, 2007.

ALVERGA, Alex Polari. **O Evangelho segundo Sebastião Mota.** Boca do Acre: CEFLURIS Editorial, 1998.

ANDREIUOLO, B. **A ação e o contar histórias no pensamento de Hannah Arendt.** Dissertação de Mestrado, Departamento de Filosofia, PUC-Rio. (2005).

ANTONELLO, Claudia Simone. **Aprendizagem na ação revisitada e seu papel no desenvolvimento de competências:** Learning in action revisited and its role in the competences development. *Aletheia*, Canoas, n. 26, dez. 2007 .

_____, & FLACH, Leonardo. **Organizações culturais e a aprendizagem baseada em práticas.** CADERNOS EBAPE. BR, v. 9, nº 1, artigo 9, Rio de Janeiro, Mar. 2011

APÔITCHÁ. **Estudo Diagnóstico Participativo (relatório interno).** Lucena, 2002.

_____, GENTLE, Ivanilda Matias & PEREIRA, Xavier. **Relatório do estudo sobre a realidade da comunidade carrapeta no município de Lucena-PB.** 2008.

ARAÚJO, Tania Bacelar de. **Panorama socioeconômico Brasileiro e do Nordeste: Tendências e desafios pós crise global.** In: Novos desafios à luta por direitos e democracia no Brasil – sustentabilidade das organizações da sociedade civil. Interage, Recife, 2010.

ARENDR, H. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras. (1987).

_____. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras. (1989).

_____. **A dignidade da política: ensaios e conferências**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará,(1993).

_____. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (2004).

ARGYRIS, C. **On organizational learning**. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Savoir pour agir**. Paris: Dunod, 2003.

ARGYRIS, C.; SCHÖN, D. **Organizational learning: a theory of action perspective**. Reading: AddisonWesley, 1978.

ARMANI, Domenico. **Organizações da sociedade civil: sustentabilidade e democracia**. In: Novos desafios à luta por direitos e democracia no Brasil – sustentabilidade das organizações da sociedade civil. Interage, Recife, 2010.

ASSMANN, Hugo. **A metamorfose do aprender na sociedade da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 2, maio-agosto 2000. p. 7-15.

AYRES, J.R.C.M. **Organização das Ações de Atenção à Saúde: modelos e práticas**. Saúde e Sociedade, v.18, supl.2, p.11-23, 2009.

BAPTISTA, Isabel. **Capacidade ética e desejo metafísico – uma interpelação à razão pedagógica**. Edições Afrontamento. Porto, 2007.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 1936.São Paulo: Brasiliense, 1994

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. In: **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n. 26, p. 31-39, jun. 2006.

BOLIVAR, A. **A escola como organização que aprende**. In: CANÁRIO, R. (Org.). *Formação e situações de trabalho*. Porto: Porto Editora, 1997. p. 79-100.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola aprendente: desafios e possibilidades postos no contexto da sociedade do conhecimento**. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm

BRASIL[MEC/INEP]. **Relatório do Censo Escolar 2012**. INEP, Brasília, 2012.

BRASIL. **Relatório disque direitos humanos módulo criança e adolescente**. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República . Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente . Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. Brasília, 2011.

BROTTO, Fábio Otuzi. **A Pedagogia da Cooperação: Construindo um Mundo onde Todos podem VenSer!** Florianópolis-SC, 2008. Disponível em: <http://www.projetocooperacao.com.br/2009/04/14/a-pedagogia-da-cooperacao-construindo-um-mundo-onde-todos-podem-venser/>

BURKE, Peter. **História como memória social**. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix,1990.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHANLAT, J.F. **Por uma Antropologia da condição humana nas organizações**. In:CHANLAT, J.F. (org.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. 3. ed., v. 1. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

COMTE- SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. Martins Fonte, São Paulo, 1999.

CONAD. **Resolução do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas sobre o uso ritual da Ayahuasca**. Número 1 de 25 de janeiro de 2010. Brasília, 2010.

COSTA, Cláudia F. SANTOS, Maíra Mendes dos, FRANCO, Kelly Silva, Brito, Afonso de Oliveira. **Música e Transformação no Contexto da Medida Socioeducativa de Internação**. PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2011, 31 (4), 840-855

CUNHA, Renata C.O.B. **Pelas telas, pelas janelas: a coordenação pedagógica e a formação de professores/as nas escolas**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2006.

CURTIS, Russell L.; ZURCHER, Louis A. **Stable resources of protest movements: the multi-organizational field**. *Social Forces*, 52, p. 53-61, 1973.

DE MASI, D. **O futuro do trabalho: Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

DELORS, J. **Os Quatro Pilares da Educação**. In: UNESCO, MEC. **Educação: Um Tesouro a Descobrir**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

_____ (org.) **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, EDUCAÇÃO UM TESOIRO A DESCOBRIR**. Cortez, UNESCO, MEC, 1996

_____ (org.). **Educação: Um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 2ª edição, São Paulo, Cortez, 1999.

DINIZ, J.H.A.S.; MATTOS, P.L.C. L. **Organizações não governamentais e gestão estratégica: desfiguração de seu caráter institucional-original?** In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração – XXVI ENANPAD, 2002, Salvador-BA, Anais. Salvador: 2002, 1 CD-ROM.

FAJARDO, Indinalva Nepomuceno; MINAYO, Maria Cecília de Souza and MOREIRA, Carlos Otávio Fiúza. **Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos**. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.* [online]. 2010, vol.18, n.69, pp. 761-773.

FARIAS, Adenize Queiroz. **Gênero e deficiência: uma história feminina de ruptura e superação de vulnerabilidade**. João pessoa: Dissertação De Mestrado. UFPB, 2011.

FERNANDES, Rubem César. **Privado, porém público: o terceiro setor na América Latina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FERREIRA, Windyz Brazão. **Entendendo a discriminação contra estudantes com deficiência na escola** in Tornar a educação inclusiva. Organizado por Osmar Fávero, Windyz Ferreira, Timothy Ireland e Débora Barreiros. – Brasília: UNESCO, 2009.

_____. **Vulnerabilidade à violência sexual no contexto da escola inclusiva: reflexão sobre a invisibilidade da pessoa como deficiência**. Reice - Revista Electrónica Iberoamericana Sobre Calidad, Eficacia Y Cambio En Educación 2008, vol. 6, no. 2

_____, **Educar na Diversidade: práticas educacionais inclusivas na sala de aula regular**. In: Ensaio Pedagógicos, Educação Inclusiva: direito à diversidade. Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação. Brasília, Distrito Federal, 2006. 146 p. pp. 125-132. (ISBN 978 - 85- 60331 - 00 - 0)

_____, **Invisibilidade, crenças e rótulos... reflexão sobre a profecia do fracasso educacional na vida de jovens com deficiência**. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE SÍNDROME DE DOWN: FAMÍLIA, AGENTE DA INCLUSÃO, Bahia,

9 set, 2004. Anais... Bahia: Federação Síndrome de Down, 2004. p. 21-26. Disponível em: <www.federaçãosinddown.org.br>.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. **Construindo o conceito de competência**. Rev. adm. contemp., Curitiba, v. 5, n. spe, 2001 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14156552001000500010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 Aug. 2012.

FRAGA, P. P. **As ONGs no espaço público: uma trajetória de mudança**. 2002. Disponível em <<http://www.unesco.org.uy/most/seminario/ongsgobernancia/documentos>>. Acesso em: 01.set.2008.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

_____, **Educação e mudança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.

_____, **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

_____. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

_____. **Política e educação**. Cortez Editora, São Paulo. 1993.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GENTIL , Luiza Borges, ROBLES, Ana Carolina Couto, GROSSEMAN, Suely. **Uso de terapias complementares por mães em seus filhos: estudo em um hospital universitário**. Ciência & Saúde Coletiva, 15(Supl. 1):1293-1299, 2010

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GOULART, Sandra Lúcia. **Raízes Culturais do Santo Daime**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade de São Paulo, 1996.

GROISMAN, Alberto. **Eu venho da Floresta — Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

GUARESHI, Pedrinho Arcides & TATIM, Denise Carvalho. **Nosso negócio é o bem comum Representações Sociais no Discurso da Empresa Socialmente Responsável**. Revista PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 43, n. 2, pp. 147-154, abr./jun. 2012

GUIMARÃES, L. (1993). **Clínica Psicopedagógica: perspectiva antropológica fenomenológica e existencial**. Porto: Edição, Hospital Conde Ferreira.

_____. (2005). **Psicologia da Pessoa e Elucidação Psicopatológica**. Porto: Higiomed Edições.

GUSMAO, Denise Sampaio e JOBIM E SOUZA, Solange. **História, memória e narrativa: a revelação do "quem" nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários**. *Psicol. Soc.* [online]. 2010, vol.22, n.2, pp. 288-298.

HABERMAS, Jürgen. **Theory of Communicative Action**. Boston: Beacon Press, 1984.

_____. **The Structural Transformation of the Public Sphere**. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

_____. **Direito e Democracia, Entre Facticidade e Validade**. Tempo Brasileiro, 2003.

HAHN LUCHMANN, Lígia Helena. **Participação e aprendizado político no orçamento participativo: estudo de caso em um município catarinense**. *Educação & Sociedade* [en línea] 2012, vol. 33 [citado 2013-01-09]. Disponible en Internet: <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=87323122009>. ISSN 0101-7330.

HELLER, A. **Cotidiano e história**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br>

IBGE. **Censo Demográfico 2012**. Disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br>

IPHAN. **Patrimonialização das religiões ayahuasqueiras - Pesquisa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)**. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/2010/01/28/ayahuasca/> Consulta realizada em 9 de março de 2013.

KOLB, D. A. **A gestão e o processo de aprendizagem**. In: STARKEY, K. **Como as organizações aprendem**. São Paulo: Futura, 1997.

LABATE, Beatriz. **A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras**, In: _____ **A Reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

_____ & SENA ARAÚJO, Wladimir (orgs.). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____ & GOULART, Sandra Maria. **O Uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

- _____ & PACHECO, Gustavo. **Matrizes maranhenses do Santo Daime.**, In: LABATE, Beatriz e SENA ARAÚJO, Wladimir (orgs.). *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras, 2ª ed., 2004.
- Lane, S. T. M. (1984b). **O processo grupal**. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), *Psicologia Social: O homem em movimento* (pp. 78-98). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Lane, S. T. M., & Sawaia, B. B. (1991). *Psicología: ciência o política?* In M. Montero (Ed.), *Accion y discurso. Problemas de psicología política en America Latina* (pp. 59-85). Caracas, Venezuela: EDUVEN.
- LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.
- LELOUP, J.-Y. **Uma arte de cuidar: estilo alexandrino**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LÉVY, Pierre & AUTHIER, Michel. **As árvores do conhecimento**. Instituto Piaget, São Paulo, 1996.
- LIMA JUNIOR, R. T. *et al.* **Participação e redes sociais na região noroeste de Santos**. Rev. Ciênc. Ext. v.8, n.3, p.262, 2012.
- LOUREIRO, A.P.F. **Um centro de educação e formação de adultos que aprende**. Educação em Revista | Belo Horizonte | v.26 | n.02 | p.43-64 | ago. 2010
- LUCENA, Alineide. **Estrutura populacional da Balaenoptera bonaerensis (Burmeister) (Cetacea, Balaenopteridae) nas áreas de reprodução do Oceano Atlântico Sul**. Rev. Bras. Zool. vol.23 no.1 Curitiba Mar. 2006
- LUZES, Eleanor Madruga. **A necessidade do ensino da ciência do início da vida**. Tese de doutorado. UERJ, RIO DE JANEIRO 2007
- MACHADO, N. J. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- MACRAE, Edward. **Guiado pela lua — xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- MATURANA, Humberto. **Da Biología à psicologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MATURANA, R. H. *et al.* (Orgs.) **Conversando con Maturana de educación**. Málaga: Ediciones Aljibe, S. L., 2003.
- MARQUES, E. C. **Redes sociais e institucionais na construção do Estado e da sua permeabilidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 14, n. 41, p. 45-67, out. 1999.

MELO, Elza Machado de. **Ação comunicativa, democracia e saúde.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2005, vol.10, suppl., pp. 167-178. ISSN 1413-8123.

MENEZES, Iany Bessa Silva. **Cultura e ludicidade: a vivência do brincar na formação de professores.** Fortaleza, 2007.

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1991 [1982]
_____. **Um objetivo para os movimentos sociais?** *Lua Nova*, Junho 89, No. 17, p. 49-66, 1989.

_____. **Challenging Codes: Collective action in the information age.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996. [[Links](#)]

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde.** *Rev. Bras. Saude Mater. Infant.* [online]. 2001, vol.1, n.2, pp. 91-102. ISSN 1519-3829.

MORAES, Maria Cândida. **Paradigma Emergente na Educação**. Campinas:Papirus.2000.

MUNHOZ, Silmara Carina Dornelas & ZANELLA, Andréa Vieira. **Linguagem escrita e relações estéticas: algumas considerações.** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 287-295, abr./jun. 2008.

NERI, M. C (coord.). **Novo Mapa das Religiões.** Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Maternidade segura, assistência ao parto normal: Um guia prático. Saúde Materna e Neonatal** [Unidade de Maternidade Segura Saúde Reprodutiva e da Família].Genebra, 1996

OMS - Organização Mundial da Saúde. Tecnologia apropriada para o nascimento e parto. *Lancet*, 1985.

ONU (1971) – **Definição de voluntário** – Disponível em: <http://www.onu.org.br/faca-parte-da-onu/voluntariado/>

ONU. **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS.** Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948 Disponível em: http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm

OLIVEIRA, A. C. **Terceiro setor: uma agenda para reforma do marco legal.** Rio de Janeiro, Comunidade Solidária, 1997.

OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. **Santo Daime: O professor dos professores**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 2008.

OLIVEIRA, Isabela. **Santo Daime: um sacramento vivo, uma religião em formação**. Brasília: Tese de Doutorado em História, Universidade de Brasília, 2007.

_____. **Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades**. anais do III Encontro nacional do GT história das religiões e das religiosidades – anpuh - In: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

PACHECO, Lilian. **Pedagogia Griô: A reinvenção da Roda da Vida**. Lençóis/BA: Grãos de Luz e Griô, 2006.

_____. **O que é Griô**. Disponível em: www.nacaogrio.org.br. Acesso em: Junho de 2012.

_____. e CAIRES, Márcio (orgs.). **Nação Griô: O Parto Mítico da Identidade do Povo Brasileiro**. Grãos de Luz e Griô, Lençóis/BA, 2009.

PAIVA, J.; Moraes, C; Paiva, J. C. **Peter Senge: Um autor com referências importantes para a pedagogia contemporânea** (no prelo). Faculdade de Ciências, Universidade do Porto, Portugal, 2008.

PEREIRA, Lucia Helena Pena. **Corpo e psique: da dissociação à unificação - algumas implicações na prática pedagógica**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2008, vol.34, n.1, pp. 151-166.

PINHEIRO, D. P. N. **A resiliência em discussão**. *Psicologia em Estudo*, 9, p.67-75; 2004.

POELL, R.; TIJMENSEN, L. **Projetos de aprendizagem para uma organização qualificante**. *Formação & Inovação*, n. 5, p. 65-84, 1991.

POLETTI, Raquel Conte. **A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar**. *Psicol. estud.* [online]. 2005, vol.10, n.1, pp. 67-75. ISSN 1413-7372. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000100009>.

PRADO, M. E. B. B. **Pedagogia de projetos**. *Gestão Escolar e Tecnologias*. 2009.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. **Por uma política da narrativa**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método cartográfico: pesquisa intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre. Sulina, 2009. p. 150-171.

REHEN, Lucas Kastrup Fonseca. **Recebido e ofertado: A natureza dos hinos na religião do Santo Daime**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UERJ, 2007.

RICHE, G.A; MONTE ALTO, R. **As Organizações que aprendem, segundo Peter Senge: A Quinta Disciplina**. Cadernos Discentes COPPEAD, Rio de Janeiro, n. 9, p. 36-55, 2001.

ROESCH, S. **Gestão de ONGs – rumo a uma agenda de pesquisas que contemple a sua diversidade**. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração – XXVI ENANPAD, 2002, Salvador-BA, Anais. Salvador: 2002.

ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

SALLIS, E.; JONES, G. **Knowledge management in education**. Londres: Kogan Page, 2002.

SCHARMER, Otto. **A Teoria do U: Como Liderar pela Percepção do Futuro emergente**. Elsevier, 2010.

SAMPAIO, Marcelo Alves Lopes. **Economia de comunhão e o conceito de organizações de aprendizagem**. Tese. PUC, Rio de Janeiro, 2007.

SAMIA, M. Mônica. **Territórios de Aprendizagem: cartografando experiências de sucesso escolar**.

SANTOS, Ana Filipa Brazão. **A aprendizagem organizacional e o desempenho** Lisboa: ISCTE, 2010. Dissertação de mestrado. [Consulta realizada em 1 de agosto de 2012] Disponível em [www:<http://hdl.handle.net/10071/3597>](http://hdl.handle.net/10071/3597).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. 2ª ed.. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Para um novo senso comum, Vol. 4). Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011

SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina. Arte e Prática da organização que aprende.** São Paulo: Best Seller. 1998.

_____, SCHARMER, Otto C.; JAWORSKI, J.; FLOWERS, Betty.S. **Presença: Propósito Humano e o Campo do Futuro.** São Paulo: Cultrix, 2007.

_____(Org.) **Escolas que aprendem: um guia da quinta disciplina para educadores, pais e todos que se interessam por educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

_____**A Quinta Disciplina.** 25ª. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

SERRA, Raimundo Irineu. **Hinário O Cruzeiro.** Edições Rainha. Ribeirão Preto, 2010.

SILVA, A. B. **Como os gerentes aprendem?** São Paulo: Saraiva, 2009.

SILVA, L. B. **Aprendizagem de Gerentes em Organizações Não Governamentais no Nordeste Brasileiro.** 2009. 207 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade. Uma introdução às teorias do currículo.** São Paulo, Editora Autentica, 1999.

STUBS, M. In: BARRON and AMERENA. **Disability and Inclusive Development.** Leonard Cheshire International, London, 2007.

TAVARES, J. A resiliência na sociedade emergente. Em Tavares J. (Org.) **Resiliência e educação,** São Paulo: Cortez, p. 43-75, 2001.

TENÓRIO, Fernando G. *et al.* **Gestão comunitária: uma abordagem prática.** Rio de Janeiro FVG, 2008.

UNICEF. **Situação da Infância Brasileira 2006.** Brasília, 2006.

VARGAS, Ana Carolina Comim (pesquisadora responsável). **PESQUISA D3: Investigações sobre a conjuntura dos investimentos das organizações internacionais no campo social brasileiro no período de 2008-2010.** Recife, 2010.

VARGAS, H.. **Tinindo trincando: contracultura e rock no samba dos Novos Baianos //** “Tinindo trincando”: counterculture and rock in Novos Baianos’s samba. **Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura,** América do Norte, 9, nov. 2011.

VÁZQUEZ, A. S. (1999). **Convite à estética.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

WALDOW, Vera Regina and BORGES, Rosália Figueiró. **Cuidar e humanizar: relações e significados.** *Acta paul. enferm.* [online]. 2011, vol.24, n.3, pp. 414-418. ISSN 0103-2100. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002011000300017>.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012 CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO BRASIL**. Rio de Janeiro, FLACSO Brasil 2012.

WHITAKER, F. **Rede: uma estrutura alternativa de organização**. *Revista Mutações sociais*, Rio de Janeiro, n. 3, 2002.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. **Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas**. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. Cortez; (p. 13-42). São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, M. A. M. **A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda**. [Tese de Doutorado], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.